



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado em Educação

ESTEVON NAGUMO

O USO DO APARELHO CELULAR DOS ESTUDANTES NA ESCOLA

Brasília – DF
2014

ESTEVON NAGUMO

O USO DO APARELHO CELULAR DOS ESTUDANTES NA ESCOLA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação, Tecnologia e Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Lúcio França Teles

Brasília – DF
2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 1015337.

Nagumo, Estevon.
N152u O uso do aparelho celular dos estudantes na escola
/ Estevon Nagumo. -- 2014.
100 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, 2014.

Inclui bibliografia.
Orientação: Lúcio França Teles.

1. Tecnologia educacional. 2. Internet na educação.
3. Telefonia celular. 4. Estudantes. I. Teles, Lúcio
França. II. Título.

CDU 37:004.738.5

ESTEVON NAGUMO

O USO DO APARELHO CELULAR DOS ESTUDANTES NA ESCOLA

Dissertação de Mestrado defendida junto à seguinte Banca Examinadora:

Brasília, 20 de março de 2014

Prof. Dr. Lúcio França Teles (Orientador)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque (Examinadora externa)
Faculdade de Ciência da Informação – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa (Examinador interno)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Raquel de Almeida Moraes (Suplente)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Agradecimentos

Aos meus pais, por me ensinarem a importância dos estudos para a vida.

À Lucélia, pela compreensão, companhia e carinho em todo o percurso.

Ao Lucio Teles, pela orientação e parceria nesta caminhada.

Aos colegas e amigos da UnB, pelas leituras, discussões e conselhos.

Aos amigos do Inep, pela força e contribuições.

Aos Inep, pelo apoio institucional.

Aos sujeitos de pesquisa que encontrei no Twitter, pela troca e aprendizado.

A todos que me ajudaram neste mestrado, saibam que parte deste trabalho foi graças a vocês.

Resumo

Esta dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa Educação, Tecnologias e Comunicação, teve a orientação do professor Lúcio França Teles, no período de março de 2012 a março de 2014. Na atualidade, há uma disseminação do uso de celulares na sociedade e no ambiente escolar. Neste cenário, a escola e os professores trabalham para conseguir lidar com estudantes cada vez mais conectados. O objetivo desta pesquisa foi compreender os motivos e desdobramentos do uso dos aparelhos celulares pelos estudantes na escola. Utilizou-se como metodologia a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*) de Glaser e Strauss (1967). Obteve-se os dados por meio de interações no Twitter, questionário online e entrevistas online a partir de estudantes que estivessem utilizando a internet na escola por meio de um aparelho móvel pessoal. A partir das 29 respostas no questionário, obteve-se o perfil de estudantes do Ensino Fundamental e Médio, a maioria de escola públicas, de 13 Estados diferentes, todos com posse de um celular, em geral com conexão à internet por um plano pré-pago. A partir dos dados coletados, nota-se que há leis e regulamentos escolares que proíbem o uso desses aparelhos na escola, contudo é o professor que define as regras de uso na sala de aula. Muitos acabam por liberar o uso após o término de uma atividade para que o aluno se distraia e não atrapalhe os demais. Os estudantes tendem a transgredir as proibições e usar seus celulares por terem tempo livre na escola ou estarem entediados com as aulas. Além disso, querem se comunicar e entrar nas redes sociais ou mesmo sanar dúvidas da aula com consulta rápida à internet. Como consequências gerais desse uso, há distração dos alunos, problemas de privacidade, como a disseminação de conteúdo inadequado e “cola” nas provas. Neste cenário, indica-se que a escola compreenda as questões sociais e culturais relativas a este costume dos jovens e enxergue o fenômeno como uma oportunidade de aproximação. A escola pode negociar com os alunos para que ocorra o uso responsável desses aparelhos nesse ambiente. Assim como aproveitar a comunicação na internet para estabelecer diálogos com estes jovens e trabalhar questões éticas em relação ao uso da tecnologia. O uso inteligente da tecnologia na escola pode propiciar um ambiente de aprendizado mais colaborativo e interessante aos alunos.

Palavras-chave: Telefone Celular. Estudante. Escola. Tecnologia na Educação. Teoria Fundamentada.

Abstract

This dissertation was held at the Post Graduate Program in Education at the University of Brasilia (UnB) in the line of research “Education, Technologies and Communication” and it has the guidance of Professor Lúcio França Teles from March 2012 to March 2014. Currently, there is a widespread on the use of mobile phones in society and on school environment. In this scenario, the school and teachers work together to deal with students more and more connected. The objective of this research was to understand the reasons and consequences of the use of cell phones by students at school. The methodology used to develop this study was the Grounded Theory, by Glaser and Strauss (1967). Data were obtained through interactions on Twitter, online questionnaire and online interviews from students who were using the internet at school through a personal mobile device. The profile obtained from the 29 responses in the questionnaire was from students in elementary and secondary education, most of them from public schools in 13 different states, which all have a cell phone, often with internet connection from a prepaid plan. From the data collected it was noticed that there are laws and school regulations prohibiting the use of these devices in school, yet it is the teacher who sets the rules for the use inside the classrooms. Many teachers end up releasing the use after the end of an activity so the student can distract himself and not disturb others. Students tend to transgress the prohibitions and use their phones as they have free time at school or are bored with classes. Also, they want to communicate and get on social networks or even answer a doubt from the class with a quick internet consultation. As general consequences of this use, there are distraction of students, privacy issues as the spread of inappropriate content and cheating on tests. Within this context, it is indicated that the school understands the social and cultural issues relating to this custom of young people and sees this phenomenon as an opportunity to approach. The school can negotiate with students for the responsible use of these devices in this environment. As well as take advantage on internet communication to establish dialogues with these young people and work ethical issues regarding the use of technology. The intelligent use of technology at school can provide a more collaborative and engaging learning environment for students.

Keywords: Mobile Phone. Student. School. Technology in Education. Grounded Theory.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Gráfico da quantidade de teses e dissertações utilizando a Teoria Fundamentada na UnB por anos	31
Figura 2 - Esquema das categorias e subcategorias que emergiram da pesquisa	35
Figura 3 - Fotografia da projeção do Twitter durante aula de Fundamentos da Arte.....	38
Figura 4 - Esquema da relação entre categorias e subcategorias da pesquisa	82
Figura 5 - Esquema da relação entre categorias e subcategorias da pesquisa sem as categorias de motivo e distração	83
Figura 6 - Esquema de relação entre categorias e subcategorias da pesquisa a partir das recomendações.....	89

Lista de quadros

Quadro 1 - Exemplos de codificação aberta das respostas do questionário	33
Quadro 2 - Exemplos de codificação aberta das interações no Twitter.....	33
Quadro 3 - Exemplos de codificação aberta das entrevistas	33
Quadro 4 - Exemplos de codificação inicial, focalizada e axial das mensagens do Twitter sobre “escola”	42

Lista de tabelas

<i>Tabela 1 - Quantidade de dissertações/teses utilizando a Teoria Fundamentada por Programa de Pós-Graduação na UnB</i>	<i>31</i>
<i>Tabela 2 - Quantidade de mensagens do Twitter com a palavra “escola” segundo origem ..</i>	<i>40</i>
<i>Tabela 3 - Quantidade de mensagens da codificação axial por características no Twitter</i>	<i>45</i>
<i>Tabela 4 - Distribuição das respostas do questionário por Unidade da Federação</i>	<i>52</i>
<i>Tabela 5 - Porcentagem dos tipos de aparelhos móveis levados à escola pelos alunos.....</i>	<i>52</i>
<i>Tabela 6 - Porcentagem dos principais sites/aplicativos utilizados pelos alunos</i>	<i>53</i>
<i>Tabela 7 - Porcentagem das funções dos recursos tecnológicos utilizados na escola</i>	<i>54</i>

Sumário

1. Introdução	1
Definição do Problema	1
Objetivo geral	2
Objetivos específicos	2
Justificativa	3
2. Revisão bibliográfica	5
3. Internet, comunicação e comportamento	10
4. Redes sociais, capital social, manifestações e privacidade	16
5. Mobilidade, celular, juventude e escola	22
6. Metodologia	28
6.1. Teoria Fundamentada	28
Levantamento do uso da Teoria Fundamentada	30
Amostragem teórica e saturação dos dados	31
Codificação aberta	33
Codificação axial	34
Codificação seletiva	35
6.2 Estudos anteriores	37
Uso do Twitter em sala de aula	37
O que se fala da escola no Twitter	39
7. Apresentação dos dados e análise dos resultados	50
7.1 Codificação inicial: categorias e subcategorias	55
Regras de uso	55
Lei	55
Escola	57
Professores	59
Motivação de uso	61
Tédio	61
Tempo livre	63
Comunicação	64
Redes sociais	66
Transgressão	68
Usos didáticos	70
Alunos	70
Professores	73
Consequências do uso	74
Distração	74
Privacidade	77
“Cola”	80
7.2 Codificação axial e seletiva: relação entre categorias e recomendações	81
Contexto e Condições	83
Estratégias e motivos	85
Consequências	86
Síntese das recomendações	88
8. Considerações finais	90
9. Referências	92
10. Apêndice	99

1. Introdução

Nesta introdução descreve-se o histórico para definição do problema da pesquisa, assim como seu objetivo geral, objetivos específicos e justificativa.

Definição do Problema

Esta pesquisa surge da minha¹ curiosidade em entender os desdobramentos culturais e sociais da internet na atualidade. Desde um encontro de amigos da escola viabilizado pelo Facebook até os “rolezinhos”² nos *shoppings*, eventos organizados com ajuda da internet estão cada vez mais frequentes nos noticiários e na minha vida.

No Brasil, um dos momentos mais emblemáticos de 2013 foram as manifestações nas ruas de diversas cidades do país, em grande medida organizadas na internet. Em Brasília, estive presente e registrei³ a manifestação em frente ao Estádio Mané Garrincha na abertura da Copa das Confederações no dia 15 de junho de 2013 e na ocupação da parte de fora do Congresso Nacional no dia 17 de junho de 2013. Vi a juventude se manifestar com ironia, carregando uma infinidade de pautas, com orgulho de ocuparem espaços públicos. Havia também o interesse em estar com os amigos e divulgar a participação nas redes sociais. Para muitos jovens, essa experiência foi um importante aprendizado político.

Nessa vivência, um caso em particular me chamou a atenção. Editei e postei alguns vídeos no Youtube dessas manifestações como forma de contribuição ao movimento. Em um desses vídeos⁴, houve um contato via Youtube solicitando que eu postasse meus vídeos das manifestações em uma página do Facebook criada para exaltar o orgulho de ser brasileiro. Respondi que havia lido as publicações da página e discordava de alguns pontos de vista – como a sugestão do ministro Joaquim Barbosa para presidente –, por isso não iria curtir ou divulgar a página. Ressaltei que a iniciativa era válida, pois estávamos em momento de debate político, sendo importante que ele expressasse sua opinião. Ao final, sugeri apenas que na

¹ A primeira pessoa é utilizada apenas na definição do problema, dado seu caráter pessoal; no restante da dissertação é usada a terceira pessoa.

² “Rolezinhos” são encontros marcados na internet em geral por jovens de periferia para um passeio conjunto em parques, praças e shoppings. Mais informações, disponíveis em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rolezinho>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

³ Parte deste registro está no Tumblr. Disponível em: <<http://parahistoria.tumblr.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁴ Disponível em: <<http://youtu.be/j-oKfHoNFZw/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

descrição da página houvesse mais clareza de sua postura política. Ele agradeceu pela leitura e pela resposta e afirmou que sua postura política era simples: contra qualquer corrupção nos partidos políticos; quando isso mudasse, ele poderia pensar melhor.

Foi esse tipo de episódio que me suscitou regressar à academia para leituras, estudos e discussões intelectuais que pudessem ampliar minha compreensão destes e de outros acontecimentos relacionados à internet e ao uso da tecnologia. Como pedagogo formado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2008, busquei, dentro da área de educação, algo relacionado a esta mudança cultural facilitada pela tecnologia. Ingressei em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) com o pré-projeto **O uso simultâneo do Twitter em apresentações**: interações e aprendizagem, sob orientação do professor Lucio Teles. Minha indagação inicial era: como uma rede social poderia ser utilizada de forma simultânea à aula?

Após alguns estudos pilotos (NAGUMO; TELES, 2012; NAGUMO, 2013), entendi que o foco da pesquisa deveria ser outro, pois antes de me debruçar sobre como aproveitar essas ferramentas na escola, senti falta de um entendimento sobre o uso social que os estudantes fazem de seus aparelhos móveis na escola. Com a disseminação cada vez maior dos celulares na sociedade, e inevitavelmente na escola, optei por focar a pesquisa deste mestrado na compreensão das motivações e desdobramentos do uso que os alunos fazem dos seus celulares no ambiente escolar. Assim a pergunta desta pesquisa é:

Quais os motivos e desdobramentos do uso dos aparelhos celulares dos estudantes na escola?

Objetivo geral

- Compreender os motivos e desdobramentos o uso dos aparelhos celulares na escola pelos estudantes

Objetivos específicos

- Identificar os dados demográficos dos estudantes que acessam seus celulares na escola por meio do Twitter
- Levantar dados sobre motivações e consequências do uso dos aparelhos celulares dos estudantes na escola
- Analisar a opinião desses estudantes sobre o uso da tecnologia na escola

Justificativa

Esta pesquisa teve como foco compreender a utilização que os estudantes fazem dos seus aparelhos celulares na escola. Neste caso, o celular é definido como aparelho móvel de comunicação pessoal que pode ser utilizado para realizar chamadas, enviar mensagens (*Short Message Service* – SMS) e conectar-se à internet, o que possibilita ao usuário uma comunicação a qualquer hora e local desde que exista sinal ou conexão. Os *smartphones* que possibilitam acesso à internet e a utilização de diversos aplicativos também são considerados aparelhos celulares nesta pesquisa.

A disseminação desses aparelhos é notória. Em 2013, foram vendidos mais de 1 bilhão de *smartphones*⁵ no mundo. Um estudo da International Telecommunication Union (2013) estimou que ao final de 2013, haveria 6,8 bilhões de linhas de celulares⁶ no mundo, o que quase equivale ao número de pessoas do planeta, o que não significa que todos tenham um aparelho celular devido à desigualdade social e econômica. Há uma estimativa desse estudo de que 2,7 bilhões de pessoas estariam usando a internet no fim de 2013, o que significa que 4,4 bilhões de pessoas ainda não teriam acesso a essa rede. Com a disseminação desses aparelhos na sociedade, é inevitável a ampliação da presença dos celulares na escola. Estudar o uso que os jovens fazem de seus aparelhos na escola pode gerar elementos de reflexão para que essa instituição lide melhor com este fenômeno.

Há estudos (ISMAIL *et al.*, 2013; KESKİN; METCALF, 2011; KOLB, 2011; VALK; RASHID; ELDER, 2010) sobre as possibilidades pedagógicas dos aparelhos móveis na escola difundidas pela nomenclatura *m-learning* (*mobile learning* ou aprendizagem móvel), contudo o foco deste trabalho não é o aproveitamento pedagógico desses aparelhos e sim no detalhamento do uso que os alunos fazem de seus aparelhos móveis na escola. Há poucos estudos (FERREIRA, 2009; MOURA, 2010; NETO; SILVA; PINTO, 2012) focados exclusivamente no uso do celular pelos alunos na escola. Para além do conceito de nativo digital (PRENSKY, 2001), os jovens, a partir da apropriação da tecnologia móvel, mostram tanto o potencial quanto os problemas deste uso. Compreender como esses sujeitos percebem a inserção da tecnologia na escola pode mostrar possibilidades de atuação desta instituição.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a Teoria Fundamentada – *Grounded Theory* (GLASER; STRAUSS, 1967). Trata-se de uma abordagem sugerida para estudos de

⁵ Disponível em: <<http://www.idc.com/getdoc.jsp?containerId=prUS24645514>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁶ É necessário levar em conta que muitos usuários possuem mais de uma linha, pois estas são contabilizadas pelos chips utilizados em modems 3G, *tablets*, aparelhos dual chip, entre outros.

temas com campo teórico pouco consolidado (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Por possibilitar a coleta de dados sem necessidade de categorias definidas teoricamente *a priori* e com foco no trabalho minucioso de comparação constante entre os dados, esta metodologia foi fundamental para a reflexão a partir dos dados coletados na internet. Neste estudo pretende-se demonstrar que essa abordagem metodológica pode ser pertinente para estudos relacionados à internet e à educação.

2. Revisão bibliográfica

Esta revisão bibliográfica focou em pesquisas sobre o uso da internet e de aparelhos móveis por jovens, principalmente na escola. As palavras-chaves utilizadas para as busca foram: telefone celular, mobilidade, ubiquidade, internet, tecnologia, educação e escola. As bases consultadas foram: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos Capes⁷, Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal (Redalyc), Education Resources Information Center (Eric) e Google Acadêmico. Esta pesquisa restringiu a busca para publicações a partir de 2009 e nas bases com poucas produções nesse período ampliou-se o período para a partir do ano 2000. As leituras desses artigos indicaram outras fontes, principalmente estudos estatísticos sobre a tecnologia e a educação no mundo e no Brasil, apresentados ao final.

Pesquisas com a temática similar a este mestrado foram encontradas a partir da busca no Google Acadêmico, sendo um artigo nacional e uma dissertação e uma tese de Portugal. Na pesquisa (NETO; SILVA; PINTO, 2012) sobre o uso de aparelhos celulares entre jovens em uma escola estadual de Florianópolis, constatou-se que a lei estadual que proíbe esse uso não era cumprida, e que havia casos de alunos deixarem a sala para atender chamadas, atenderem em sala de aula aos sussurros ou mesmo se comunicarem durante a realização de provas através de seus celulares. Segundo os autores, tais “dispositivos” tecnológicos tiram o foco do aluno da atividade escolar, e suas transgressões às regras decorrem da construção da identidade e necessidade de consumo desses.

Duas pesquisas portuguesas trataram do uso didático do celular na escola com o foco nos alunos. Uma tese da Universidade do Minho (MOURA, 2010) cujo objetivo foi estudar o uso do celular como ferramenta de aprendizagem dentro e fora da sala de aula indicou que os alunos incorporaram naturalmente seus próprios celulares nas suas práticas de estudo, explorando as várias funcionalidades em diferentes atividades curriculares, realizadas dentro e fora da sala de aula, de forma individual e colaborativa.

Em um mestrado da Universidade Nova de Lisboa (FERREIRA, 2009), a constatação da proibição dos celulares em sala de aula indicou o teor negativo da relação de algumas escolas portuguesas com esses equipamentos digitais. Os alunos sugeriram exemplos de

⁷ No Banco de Teses da Capes foi encontrado apenas um resumo de um mestrado profissional de 2012 voltado para *m-learning*, por isso nesta revisão foi considerado apenas o Portal de Periódicos da Capes.

possíveis usos dos celulares para atividades escolares, os quais foram colocados em prática. A partir dos seus celulares, registraram datas de testes e de outras tarefas, gravaram o áudio ou vídeo dos momentos mais importantes das aulas, sanaram dúvidas através de SMS, tiraram fotografias de esquemas realizados na aula, realizaram cálculos numéricos e registraram eventos em texto, som e/ou imagem fora da escola para análise dentro da sala de aula. Nessas atividades eles manifestaram familiaridade com essa tecnologia, motivação na sua utilização e competências de produção de registros descritivos e reflexivos mediante a utilização do celular.

Os demais estudos apresentam mais a relação entre jovens e tecnologia, ou escola e tecnologia. Na busca no Scielo – biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros –, foram encontrados dois artigos sobre a relação entre jovens e tecnologia. Um estudo (DE LA PEÑA; ORELLANA, 2007) de aspectos culturais e sociais relacionados à tecnologia, que envolveu alunos imigrantes latinos nos EUA de uma escola de Ensino Fundamental, apontou que em geral estes são os primeiros a adotar novas tecnologias em suas famílias, o que os torna a principal fonte de conhecimento tecnológico para estas. O trabalho revela a importância da família e dos amigos na relação do jovem com a tecnologia no seu ambiente social. Para esses alunos, sua relação com a tecnologia é muito valiosa e significativa.

Um artigo sobre os impactos psicológicos do uso do celular por jovens de 18 a 25 anos no Rio de Janeiro (NICOLACI-DA-COSTA, 2004) apresenta que o uso de celular proporciona sensação de segurança a eles pela possibilidade de recorrer a alguém quando necessário. Este aparelho ampliou a esfera privada ao permitir acesso direto a quem se deseja fazer uma ligação ou recebê-la. Este contato imediato acarreta o aumento do grau de intimidade ao suscitar o impulso de dividir com amigos tudo o que lhe acontece. Estes jovens acabam por considerar seus celulares indispensáveis a suas vidas por terem proporcionado esta intensa, fluida, instantânea e espontânea sociabilidade.

A busca no Portal Periódicos Capes – biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil acesso a produção científica internacional – apontou duas produções que discutem a relação da tecnologia e escola. Um capítulo de livro (RUIVO; MESQUITA, 2011) demonstra que a aprendizagem do uso das tecnologias da informação e comunicação na escola deve ser encarada mais como procedimento para promover uma competência profissional e social do aluno e menos como procedimento facilitador da aprendizagem. Já Silva (2002) entende que a tecnologia pode auxiliar na mudança de um modelo de escola pautado na instrução, transmissão e memorização de

informações para outro baseado na construção colaborativa de saberes, aberto aos conhecimentos, experimentações e interesses dos alunos.

A busca na Redalyc –repositório de acesso aberto a periódicos ibero-americanos – foi realizada com as palavras-chave em português e em espanhol, e foram encontrados três artigos. Um estudo etnográfico no México (IRURITA, 2011) apontou a necessidade de educar os jovens para o uso responsável e construtivo das tecnologias de informação e comunicação (TIC) de maneira compartilhada entre família e escola. Esse estudo recomenda o trabalho das seguintes habilidades: letramento visual, juízo crítico, julgamento ético e aprendizagem pela pesquisa. Uma pesquisa com alunos de uma escola de Campinas, em São Paulo (VIOLAR, 2011), aponta a necessidade de mais estudos sobre o uso que os jovens têm feito da internet para repensar os sentidos atribuídos à escola e ao conhecimento escolar. Outro artigo (SANTOS; WEBER, 2012) destaca que a proliferação de artefatos digitais demanda novos olhares as práticas pedagógicas dentro e fora da escola, indicando a importância de se estabelecer conexões entre áreas, informações, conceitos nesse cenário sociotécnico.

No Eric – biblioteca *online* com pesquisas e informações da área de educação em inglês –, a busca foi realizada com as palavras-chave em inglês. Houve muitos artigos nessa busca abordando o *m-learning*, contudo apenas dois artigos estavam mais relacionados com o recorte desta pesquisa. Um estudo (HALVERSON; SMITH, 2009) indicou o quanto as tecnologias de comunicação proporcionam possibilidade de aprendizagem fora da escola que pode complementar a educação dentro da escola. Outra pesquisa (VESISENAHO *et al.*, 2010) apontou que a tecnologia móvel e o software sociais podem ser utilizados como ferramentas para desencadear os mecanismos de aprendizagem colaborativa. Elas também permitem a captura de ideias e interpretações dos estudantes e podem ser usadas como fonte adicional de aprendizagem.

Já alguns estudos estatísticos citados nesses artigos dão um panorama geral desta relação entre jovens, tecnologia e escola. A pesquisa TIC Kids Online 2012 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2013) teve como objetivo medir uso e hábitos da população brasileira usuária de Internet de 9 e 16 anos nas oportunidades e riscos relacionados ao uso da Internet para gerar dados representativos, a partir de 1.580 crianças/adolescentes entrevistados. Sobre os tipos de equipamentos utilizados pelas crianças/adolescentes para acessar a Internet, em primeiro lugar vem o computador (PC/desktop/computador de mesa) que sua família divide (38%), e na sequência, com 21%, elas afirmam usar um celular para navegar na Internet. O local de maior acesso à internet é a escola, com 42%, seguido da sala da casa, com 40%. Das atividades realizadas pelas crianças/adolescentes no último, 82% utilizaram a Internet para

trabalho escolar e 68% visitaram um perfil/página de uma rede social. Em relação à frequência destas atividades, eles costumam acessar as redes sociais todos os dias ou quase todos os dias (53%), enquanto que para trabalho escolar a maior frequência é de uma ou duas vezes por semana (49%). Das crianças/adolescentes pesquisados, 70% possuem perfil próprio em site de rede social. Estes dados apontam para o importante papel da escola tanto como local de acesso como indutora do uso da internet para trabalhos escolares.

A pesquisa Gerações Interativas Brasil de 2012, com 1.948 respostas de crianças de 6 a 9 anos, que geraram dados representativos para o país, aponta que o acesso a conteúdos da Internet se dá principalmente para fins educativos (38,2%), para atividade de entretenimento e recreativas (35,1%) e utilização das redes sociais (31,4%) (PASSARELLI; JUNQUEIRA, 2012). Já a pesquisa da Secretaria Nacional da Juventude (2013) sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros, estatisticamente representativa para o universo da população entre 15 e 29 anos, aponta que os principais usos da internet dessa faixa etária são: sites de relacionamento (56%); buscar notícias sobre a atualidade (43%); pesquisas/mecanismos de busca (31%); baixar músicas e vídeos (23%); e enviar/ receber e-mails e mensagens (23%). Em relação ao celular, os principais usos são: fazer ou receber ligações telefônicas (89%), comunicar-se via mensagens de texto (54%), ouvir música (31%), fotografar ou filmar (26%) e buscar informações pela internet (20%).

Uma pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) sobre o que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola, realizada com alunos do Ensino Médio de São Paulo e Recife, aponta elevado grau de inserção da internet e do celular na vida dos jovens pesquisados, inclusive para fins de estudo e interação com outros jovens. O uso dessas tecnologias independe da oferta deste serviço na escola. Segundo essa pesquisa,

[...] a linguagem da escola para lidar com as novas tecnologias parece ser a do desconhecimento, traduzido em um processo de regulação que se desdobra na dificuldade de incorporar ao cotidiano escolar o uso das novas tecnologias, lidando com elas sempre na chave da proibição. Para os entrevistados isso ocorre devido ao choque de gerações. Professores e diretores pertencem a gerações que não veem no computador e na internet uma ferramenta central para a relação com o mundo (TORRES *et al.*, 2013, p. 103).

Nesta relação entre tecnologia e escola, um estudo de 2010 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) chamado *Are the New Millennium Learners Making the Grade?* utilizou os dados de 2006 do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) para estudar o impacto do uso da tecnologia no desempenho educacional. Eles apontam que mais computadores na escola, ou o uso mais frequente deste na escola, não significam melhores resultados em testes como o PISA. Os dados apontaram

que o uso do computador em casa tem uma correlação maior com o desempenho do estudante do que o uso do computador na escola, e que competências e habilidades para se beneficiar do uso de computador estão intimamente ligados ao capital econômico, cultural e social dos alunos. Uma das recomendações desse estudo é que tanto a escola como a família devem fornecer valores sociais e atitudes para que os jovens utilizem a tecnologia de forma responsável.

Em outro estudo da OCDE, de 2012, chamado *Connected Minds* (PEDRÓ, 2012) teve-se como objetivo entender as expectativas e atitudes desta geração de estudantes em relação à educação, a evolução dos valores sociais e estilos de vida, bem como as relações entre o uso da tecnologia e o desempenho escolar. O estudo aponta que esses jovens esperam que a tecnologia possa ser uma fonte de engajamento para tornar a escola ou o trabalho acadêmico mais conveniente a fim de torná-los mais produtivos. Os alunos querem a tecnologia para melhorar o ensino e a aprendizagem, não para mudá-la de maneira radical. A recomendação do trabalho é de que os educadores e formuladores de políticas devam olhar para as práticas atuais dos jovens como fonte de inspiração. As escolas não devem imitar as práticas dos jovens com a tecnologia, e sim aprender com essas para introduzir inovações educacionais.

Em suma, as pesquisas sobre a relação entre estudantes, escola e tecnologia apontam que há uma apropriação das tecnologias pelos jovens com motivação e interesse. A escola, de maneira geral, quando não proíbe o uso destas, parece ainda buscar formas adequadas de apropriação. Em geral, pesquisas sobre os celulares na escola acabam focando mais na utilização didática do que no entendimento do uso destes pelos jovens neste espaço. Há uma convergência entre diferentes estudos de que a escola deve ensinar valores e ética aos jovens no uso dessas ferramentas tecnológicas.

3. Internet, comunicação e comportamento

Neste capítulo apresenta-se um breve histórico da internet, pois o uso da tecnologia na atualidade passa pela compreensão de como a construção dessa plataforma de comunicação influenciou a sociedade. Para ampliar esta discussão, é apresentado o que mudou do mundo analógico para o digital, como as informações disseminadas na internet têm influenciado a comunicação e o comportamento dos usuários e, por fim, discute-se a afirmação de McLuhan de que o meio é a mensagem.

A internet nasceu de um projeto militar norte-americano chamado Arpanet, uma rede de computadores montada em 1969 pela Advanced Research Projects Agency (ARPA). Os primeiros nós dessa rede foram alguns centros universitários de pesquisa. Tratava-se de uma rede de comunicação que poderia se manter ativa mesmo se alguns pontos fossem atingidos por ataques. Para isso, Paul Baran propôs uma estrutura de comunicação em que houvesse flexibilidade, ausência de um centro de comando e autonomia máxima de cada nó (CASTELLS, 2003).

Em 1983, o Departamento de Defesa dos EUA, preocupado com possíveis brechas de segurança, resolveu criar a MILNET, rede independente para usos militares específicos. A Arpanet tornou-se ARPA-INTERNET e foi dedicada à pesquisa. Na década de 1980, passou a se chamar Internet. As universidades mantiveram redes comunitárias que contribuíram para o uso e a expansão da rede pelo mundo. Esta rede global de computadores cresceu rapidamente a partir da década de 1990, graças ao desenvolvimento por Tim Berners-Lee de um sistema de hipertexto chamado World Wide Web (CASTELLS, 2003).

Houve uma tensão constante de diferentes movimentos e poderes nessa criação. Por um lado, havia o desejo de uma rede focada em interesses financeiros e científicos, por outro lado, apareceram os *hackers*, que fazem dela um dispositivo de conversação e relações sociais comunitárias, onde cada um tinha voz própria (MALINI; ANTOUN, 2013).

A cultura *hacker* diz respeito ao conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador que interagem *online* de forma colaborativa (CASTELLS, 2003). Ao analisar o trabalho dos *hackers*, nota-se que as motivações para criação de inovações tecnológicas deles residem na construção de meios de circulação de saberes que possam tornar a sociedade mais desenvolvida e democrática (MALINI; ANTOUN, 2013).

No Brasil, a internet começou a ser utilizada no início da década de 1990, inicialmente por cientistas brasileiros que trocavam informações e arquivos pela Rede Nacional de Pesquisa, e em 1995 iniciou-se o acesso comercial à internet no país (NICOLACI-DA-COSTA, 1998).

Resultados da Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio (PNAD) mostram que, em 2011, 77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade acessaram a internet no período de referência nos últimos três meses. Esse contingente equivalia a 46,5% do total da população de 10 anos ou mais de idade. As análises mostraram que os grupos etários de 15 a 17 anos (74,1%) e de 18 ou 19 anos de idade (71,8%) foram os que apresentaram os maiores percentuais de pessoas que acessaram a Internet (IBGE, 2011).

Segundo dados da pesquisa TIC Domicílios e Empresas (2013), o Brasil em 2012 possuía 80,9 milhões de usuários da internet. São 24,3 milhões de domicílios com acesso à internet, sendo que destes, 67% é por banda larga, 21% de conexão móvel e 7% de acesso discado. Em relação ao local de acesso individual à internet, 74% fazem em casa, 19% de um centro público de acesso pago e 4% de um centro público de acesso gratuito.

O surgimento da internet não seria possível sem a passagem das mídias físicas para as digitais. Segundo Lévy (1999), digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números codificados. Há diversos dispositivos técnicos que podem gravar e transmitir números codificados. No modo analógico, cada mídia física, como o disco de vinil, a fita cassete, o CD, a fita VHS, o DVD e o Blu-Ray, necessita de aparelho específico para reprodução. A indústria do entretenimento pautada na venda desses artefatos, como CDs e DVDs, sofreu quando as músicas e os filmes se tornaram arquivos digitais e começaram a circular na internet. Pelo sistema *peer-to-peer*⁸, ao deixar um arquivo digital disponível na rede, a pessoa não deixa de tê-lo ao compartilhá-lo, somente dá acesso para que outros possam copiá-lo também. Outra diferença entre as mídias analógicas e as digitais é que estas podem ser reproduzidas em diferentes aparelhos e transmitidas e copiadas indefinidamente sem perda de informação (LÉVY, 1999). O modelo de negócio que surge deste cenário é o consumo via *streaming* – como Rdio, Deezer e Netflix – que autoriza o usuário a escutar músicas ou ver filmes sem que ele baixe os arquivos, de forma que estes possam ser compartilhados.

A facilidade de produzir e distribuir arquivos digitais na internet influenciou a forma como nos comunicamos. Há três grandes categorias de dispositivos informacionais: um-todos,

⁸ *Peer-to-peer* é uma arquitetura de redes de computadores na qual cada um dos pontos ou nós da rede funciona tanto como cliente quanto como servidor, permitindo compartilhamentos de serviços e dados sem a necessidade de um servidor central.

um-um, todos-todos. A imprensa, o rádio e a televisão são estruturados no sistema um-todos: um emissor envia sua mensagem para inúmeros receptores passivos. O telefone estabelece uma relação recíproca entre interlocutores no sistema um-um. O ciberespaço, um sistema todos-todos, permite que comunidades constituam de maneira cooperativa um contexto comum (LÉVY, 1999).

A possibilidade de uma comunicação na qual todos podem ser emissores e receptores ao mesmo tempo afetou o poder dos grandes meios de comunicação. Assim, o jornal tem perdido força em constituir uma “opinião pública” graças à diversidade de versões sobre o significado dos fatos produzidos na internet (MALINI; ANTOUN, 2013). Um exemplo é o Mídia Ninja⁹, que, de forma colaborativa, tem conseguido cobrir manifestações populares com muito mais detalhes do que os grandes meios de comunicação. Quando as instituições dominantes da sociedade não têm mais o monopólio das redes de comunicação de massa, a dialética entre poder e contrapoder é, para o bem ou para o mal, alterada para sempre (CASTELLS *et al.*, 2009). Bilton (2010) acredita que os nativos digitais não fazem muita distinção entre a criação de conteúdo por meios tradicionais ou criados por seus pares, pois estão culturalmente imersos na produção e disseminação de conteúdo. Esse autor aponta que repórteres, revisores e colunistas serão cada vez mais reconhecidos e confiáveis, por criarem uma marca própria, e não tanto pela empresa em que trabalham.

Dado a expansão da capacidade de produção e disseminação de conteúdo, a quantidade de material na rede tem crescido de tal forma que muitos acabam tendo dificuldade de lidar com tanta informação. Por um lado, há uma diversificação do conteúdo disponível, assim como o aumento de informações de pouca relevância. Essa abundância pode acarretar rápida queda da qualidade, mas com o passar do tempo, a experimentação pode trazer resultados e a diversidade expandir os limites do possível, assim como ocorreu com o surgimento da imprensa (SHIRK, 2011).

Walter Benjamin fez reflexões em 1936 sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte que auxiliam na leitura deste contexto digital. Ele afirmou sobre o cinema que “a recepção através da dispersão que se observa crescentemente em todos os domínios da arte constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas” (BENJAMIN, 2012, p. 209). Nos dias de hoje, a internet e seus diferentes aparelhos de conexão têm elevado essa recepção através da dispersão a outro patamar. Por exemplo, há uma disseminação hoje

⁹ Mídia Ninja (sigla para *Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*) é um grupo de mídia formado em 2011 a partir do Circuito Fora do Eixo. Sua atuação é conhecida pelo ativismo sociopolítico de transmissões de vídeo em tempo real a partir de câmeras de celulares.

do conceito de *segunda tela*. Trata-se da utilização de dispositivos adicionais como *tablets* ou *smartphones* que possibilitam interagir com o conteúdo da TV enquanto se assiste.

Neste excesso de informações há uma propensão a se consumir mais do que o necessário e realizar uma navegação com pouco foco, o que facilita a distração (JOHNSON, 2012). Além disso, os algoritmos do Facebook e do Google tendem a considerar nossas informações como uma busca ou uma curtida para prever o que possivelmente iremos desejar, dando cada vez menos espaço para que sejamos surpreendidos com algo diferente. Pariser (2012) acredita que estamos cada vez mais presos em guetos de interesses muito específicos e superficiais, o que ele denomina de filtros bolha. Esse autor aponta que essas empresas têm cada vez mais poder ao deter as informações das pessoas com políticas pouco transparentes do que elas fazem com as informações coletadas.

Neste mar de informações, Rheingold (2012) afirma que é importante criar um detector de bobagens (*crap detection*). Ou seja, para ele é necessário pensar de forma cética, procurar por dados do autor da informação e verificar o que os outros falam desse autor. Assim, para navegar nestas informações é necessário saber como procurar e como verificar a autenticidade da informação. Para Gasque (2012) é necessário saber fazer uso das informações. Para isso, ela indica o letramento informacional que corresponde ao processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas.

Não haveria oportunidade de conhecer tantas coisas sem a internet, pois na época em que as pessoas recebiam as notícias por jornais, era muito mais difícil ter acesso a jornais de diferentes regiões ou mesmo com uma diversidade de postura política. Bilton (2010) aponta que a rede social é uma forma eficaz de filtrar as informações relevantes para cada indivíduo. O aumento das informações disponíveis possibilitou também maior interatividade a partir da reapropriação e recombinação deste material (LÉVY, 1999). Ademais, possibilitou que os amadores – aqueles que amam o que fazem – pudessem se juntar em comunidades virtuais para trocas e colaborações, dando vazão às suas motivações intrínsecas (SHIRKY, 2011).

Vale lembrar que a “tecnologia possibilita comportamentos, mas não pode causá-los” (SHIRK, 2011, p. 90). As notícias da década de 1990 sobre pessoas de idade que usam a internet ressaltavam a surpresa ao verificar que este público utilizava a internet, dando pouco destaque que se tratava de uma oportunidade social de comunicação. Ou seja, se uma ferramenta é útil, as pessoas vão usá-la, mesmo que seja muito diferente do que existia antes, desde que lhes permita fazer as coisas que querem fazer. “A revolução não acontece quando a

sociedade adota novas tecnologias – acontece quando a sociedade adota novos comportamentos” (SHIRKY, 2012, p. 137).

Nos dias de hoje, estar conectado não depende da nossa distância um do outro, mas da tecnologia de comunicação disponível. Em geral, as pessoas amam suas novas tecnologias de conexão, pois elas oferecem novas possibilidades para experimentar identidades e, particularmente na adolescência, o sentimento de liberdade. Contudo, com esta infinidade de possibilidades de conexão, as pessoas sentem-se cada vez mais sobrecarregadas e ansiosas com tantas informações e conexões disponíveis (TURCKLE, 2011). Keen (2012) é mais pessimista, pois acredita que nesta era digital, estamos cada vez mais separados, desiguais, ansiosos e sozinhos.

Estudos da neurociência apontam que o uso constante da internet tem dispersado a atenção dos seus usuários e diminuído o uso da memória destes. Decorrente da rapidez e da quantidade de informações, há crescente dificuldade de se concentrar em uma única atividade. Este fluxo constante de informação tem diminuído o tempo para reflexão, além de gerar mais ansiedade e estresse aos internautas que ficam cada vez mais ávidos por novidades (CARR, 2011). Neste fluxo intenso, o que não chama a atenção ou não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido. Assim, cada vez mais, ser equivale a ser percebido (TÜRCKE, 2010).

Por fim, McLuhan (1964) afirma que o meio é a mensagem. Esse autor exemplifica isto ao afirmar que a estrada de ferro não introduziu o transporte, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, e criou novos tipos de cidades, de trabalho e de lazer. Nos dias de hoje, este raciocínio poderia equivaler a dizer que os aparelhos celulares não introduziram a comunicação, mas têm possibilitado novos tipos de interação, registro e entretenimento. Castells *et al.* (2009) acreditam que a comunicação móvel media a prática social em todas as esferas da vida humana, visto que é adotada, adaptada e modificada por pessoas de acordo com as suas necessidades, valores, interesses e desejos. Rheingold (2012) afirma que as arquiteturas tecnológicas e o uso que as pessoas fazem das mídias sociais têm importância nos âmbitos pessoais de liberdade, oportunidade e possibilidade de justiça.

A interface do meio também pode ser determinante na definição da mensagem. A navegação em diferentes aparelhos digitais ocorre cada vez mais a partir do toque dos dedos nas telas, e este *design* determina não só nossa interação com estas máquinas, como pode influenciar a forma como nos comunicamos. “Diferentes designs de mídia estimulam diferentes potenciais da natureza humana” (LANIER, 2010, p. 19).

O meio configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas (MCLUHAN, 1964, p. 23). Nesta questão, um dos maiores debates na área de tecnologia está centrado no uso de *softwares* livres ou proprietários. Em um produto fechado, como o Windows, somente a empresa proprietária poderá atualizá-lo e melhorá-lo. Já no *software* livre, como o Linux, o conhecimento sobre este está aberto para que os interessados possam modificá-lo e se apropriar dele, o que faz com que as possibilidades de inovação sejam muito maiores.

Neste aspecto, muitas vezes a escola parece seguir a lógica proprietária em que só ela pode decidir as mudanças. Já os alunos tendem mais à linha da cultura *hacker* e do *software* livre, pois, na sua liberdade, desejam inovar e se apropriar do conhecimento à sua maneira. Outra comparação é que a escola segue o modelo de comunicação um-todos, tentando controlar as massas e irradiar conteúdo; já os alunos, com o auxílio da internet, estão mais voltados para o modelo todos-todos, compartilhando, interagindo e socializando.

4. Redes sociais, capital social, manifestações e privacidade

Neste capítulo é apresentado um histórico dos sites de redes sociais e os aplicativos e sites mais utilizados na atualidade. Dentre os diferentes sites, o Twitter foi escolhido como meio para chegar aos sujeitos de pesquisa, sendo aqui apresentadas as razões desta escolha. Há uma introdução ao conceito de capital social que dá base para o entendimento da dinâmica no uso destes sites. Por fim, são discutidas as manifestações nas ruas, potencializadas por essas redes e algumas notícias relacionadas a problemas de privacidade.

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd e Ellison (2007) como sistemas que permitem construir um perfil público dentro de um sistema, articular uma lista de usuários com quem ele compartilha uma conexão e visualizar e cruzar sua lista e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site. Recuero (2012) aponta que redes sociais ficam explícitas no ambiente do ciberespaço através das interações que são construídas e negociadas entre os integrantes.

Um breve histórico de sites de redes sociais de Boyd e Ellison (2007) aponta que o primeiro site de rede social foi o SixDegrees.com, lançado em 1997, que permitiu aos usuários criar perfis e listar os seus amigos. A próxima onda começou em 2001 com Ryze.com desenhado para ajudar pessoas a alavancar suas redes de negócios. O Friendster foi inaugurado em 2002 e projetado para ajudar os amigos de amigos a se encontrarem com base no pressuposto de que esses seriam melhores parceiros românticos do que estranhos. Após rumores de que o Friendster adotaria um sistema de cobrança, houve a migração dos usuários para o MySpace, iniciado em 2003. Os adolescentes começaram a entrar em massa no MySpace em 2004, alguns porque queriam se conectar com suas bandas favoritas, outros foram introduzidos ao site por meio de amigos. O Facebook começou em 2004, contudo, nesse início, o usuário deveria ter um endereço de e-mail de universidades associadas para participar da rede. Esta exigência contribuiu para as percepções iniciais do site como uma comunidade privada íntima. A partir de setembro de 2005, o Facebook se expandiu para incluir estudantes do ensino médio, profissionais dentro de redes corporativas e, demais interessados.

Em setembro de 2013¹⁰, o Facebook tinha 1,19 bilhão de usuários ativos mensais, e desses, 73% acessavam a partir de um aparelho móvel, e 80% dos usuários ativos diários são de fora dos EUA e Canadá.

Mesmo não se definido como site de rede social, o WhatsApp Messenger é um aplicativo que tem possibilitado aumentar a conexão entre as pessoas. Trata-se de um aplicativo de mensagens instantâneas para *smartphones*, em 2009. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e mensagens de áudio. Em dezembro de 2013¹¹, o aplicativo alcançou a marca dos 400 milhões de usuários ativos mensais, e em outubro de 2011¹² já havia passado da marca de mais de 1 bilhão de mensagens trocadas por dia.

Outro aplicativo famoso é o Instagram, que possibilita tirar uma foto do celular, colocar filtros e compartilhá-la em diferentes redes sociais, e no próprio Instagram. Em setembro de 2013¹³, possuía 150 milhões de usuários, dos quais 60% de fora dos Estados Unidos.

O Google + ou Google Plus foi criado em 2011. Trata-se de uma rede social criada pelo Google com a lógica de estabelecer conexões por meio de círculos sociais (trabalho, família...), e em 2013¹⁴ possuía 200 milhões de usuários ativos.

O Twitter começou em 2006 voltado para o compartilhamento de mensagens de até 140 caracteres, os chamados tuítes. Esse curto espaço para escrita decorre do tamanho das mensagens que podem ser enviadas dos celulares via SMS. Castells *et al.* (2009) apontam que graças ao SMS, os jovens puderam criar uma linguagem exclusiva e privada de comunicação por mensagens de texto curtas, sendo este o meio mais evidente de manutenção da identidade coletiva desses jovens.

Em 2013 havia mais de 230 milhões de contas ativas mensais no Twitter¹⁵, sendo 76% de usuários ativos por aparelhos móveis, 77% das contas de fora dos EUA e uma média de 500 milhões de tuítes enviados por dia. Essa rede social possibilita aos usuários seguirem

¹⁰ Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=22-Statistics>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

¹¹ Disponível em: <<http://blog.whatsapp.com/index.php/2013/12/400-million-stories>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

¹² Disponível em: <<http://blog.whatsapp.com/index.php/2011/10/one-billion-messages/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

¹³ Disponível em: <<http://blog.instagram.com/post/60694542173/150-million>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

¹⁴ Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/google-tem-menos-usuarios-ativos-que-o-twitter/35475>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

¹⁵ Disponível em: <<https://about.twitter.com/company>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

outros, em geral, sem necessitar de permissão ou aprovação. Assim, cada perfil no Twitter tem “seguidores”, aqueles que desejam receber tuítes desse perfil, e “seguindo”, de quem este perfil deseja receber mensagens. Além disso, há funcionalidade de compartilhar mensagens (RT), citar algum perfil específico (@) e produzir palavras-chave (#), as chamadas *hashtags*.

Este panorama dos principais aplicativos e redes sociais da atualidade serve para dar referência aos dados da pesquisa quando os alunos citam suas redes mais utilizadas. Levando em consideração o histórico dos sites de redes sociais, sabe-se que muitas dessas podem desaparecer no futuro.

Uma forma de compreender as conexões possibilitadas por essas redes é por meio do conceito de *capital social*. Recuero (2012) define *capital social* como recursos coletivamente construídos relacionados ao pertencimento da rede, valores estes que podem ser individualmente apropriados. Por isso, fazer parte de uma rede social é relevante para ter acesso a recursos construídos pelo grupo. Recuero (2009) destaca alguns valores relacionados aos sites de redes sociais e sua apropriação pelos atores. A visibilidade tem relevância, pois quanto mais conectado estiver o usuário, maiores as chances de receber determinado tipo de informação e obter suporte social quando solicitar. A reputação é a percepção qualitativa construída de alguém pelos demais atores e está relacionada ao tipo de informação publicada pelo ator social. A popularidade é um valor relacionado à audiência e pode ser inferida a partir do estudo estrutural da rede social. Já a autoridade é o poder de influência de um ator na rede.

Esses pontos servem não só para compreender a dinâmica dos alunos nas redes sociais, como para refletir sobre algumas possibilidades de trabalho da escola. Por exemplo, um estudo-piloto deste mestrado apontou que a reputação da escola nas redes sociais está em baixa, dada a quantidade de mensagens de desprezo e ódio disseminadas no Twitter a essa instituição. Outro exemplo é que o professor tem sua autoridade na escola devido ao cargo que ocupa, já em uma rede social, para se ganhar autoridade, é necessário ter poder de influenciar, conseguido, muitas vezes, por meio da popularidade ou da reputação.

Em relação aos sites de redes sociais, há duas discussões importantes na atualidade: as manifestações nas ruas e a privacidade. As principais manifestações – como a Primavera Árabe, as eleições de 2009 no Irã, o movimento #15M da Espanha, o Occupy Wall Street em Nova York e as manifestações de junho de 2013 no Brasil – foram organizadas com ajuda dos sites de redes sociais. Nas eleições do Irã, o governo começou a monitorar contas no Twitter que postassem a *hashtag* #iranelection com mensagens da possível fraude nas eleições. Para driblar isso, os manifestantes iranianos pediram para que os tuiteiros ao redor do mundo

mudassem a nacionalidade e o fuso horário de Teerã para dificultar o trabalho dos censores, e foram atendidos. O governo do Irã então suspendeu a rede de internet e de telefonia móvel do país na tentativa de prejudicar a mobilização. Em contrapartida, *hackers* ofereceram os endereços de *proxy* via *direct message* no Twitter o que possibilitou que os manifestantes voltassem a ter conexão (MALINI; ANTOUN, 2013).

Vale a ressalva que as redes sociais possibilitaram formas dinâmicas de comunicação e organização, mas não foram as causas dessas manifestações. Como fenômenos recentes, ainda será necessário certo tempo histórico para compreendê-las melhor. Por ora, são válidas e importantes as discussões sobre suas motivações e impactos para a sociedade. No caso das manifestações brasileiras, Nobre (2013) resgata o histórico político do país para apontar que o “peemedebismo”, ao entrar no governo Lula, acabou por diminuir a possibilidade de uma oposição real ao PT, o que contribuiu para as revoltas contra todo o sistema político brasileiro. Sakamoto (2013) aponta que parte do problema é o déficit de uma democracia participativa real no país e que o governo poderia aproveitar melhor as ferramentas de participação popular. De qualquer forma, uma juventude brasileira participou desse movimento, tiveram importante aprendizado político, e entenderam que manifestações apenas virtuais como #forasarney não causam o mesmo efeito que ocupar as ruas do país.

Em relação à privacidade, há uma questão de ordem política sobre vazamento de dados e espionagem, e outra abordagem sobre a liberdade de expressão e vida privada. O vazamento de dados pessoais ficou evidente pela ação de Edward Snowden, que divulgou o sistema de vigilância mundial da Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos da América. Em uma carta aberta ao povo brasileiro¹⁶, ele aponta sua preocupação de que esses programas de vigilância em massa, que colocam populações inteiras sob vigilância, têm como argumento a segurança e a luta contra o terrorismo, mas na verdade são motivados por espionagem eletrônica, controle social e manipulação diplomática, ou seja, pela busca de poder. Sergio Amadeu¹⁷ e Julian Assage (2013) indicam que, para lutar contra essa espionagem massiva, o cidadão comum deve começar a criptografar suas mensagens.

Uma representante da ONG Artigo 19 aponta¹⁸ que a falta de legislação, como o Marco Civil da Internet, assim como uma tendência do Estado a minimizar a privacidade em

¹⁶ Disponível em: <<http://partidopirata.org/edward-snowden-carta-aberta-ao-povo-do-brasil/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.etc.com.br/tecnologia/galeria/videos/2014/01/criptografia-pode-inviabilizar-espionagem-norte-americana-diz>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

¹⁸ Disponível em: <<http://youtu.be/LcafNcMT9bE>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

prol da segurança, tem prejudicado a privacidade na internet. Além dos casos de espionagem internacional, a própria Agência Brasileira de Inteligência realiza monitoramento no Whatsapp (RIZZO, 2013), que, a priori, é considerada uma rede mais fechada, pois ela possibilita conversas apenas com pessoas da sua lista de contatos telefônicos.

No Brasil está em discussão o Marco Civil da Internet¹⁹, projeto de lei principiológico que, segundo seu relator, o deputado Alessandro Molon (PT-RJ)²⁰, tem como pilares a neutralidade da rede, a liberdade de expressão e a proteção da privacidade do usuário. A neutralidade da rede significa que todas as informações que trafegam na rede devem ser tratadas da mesma forma, navegando na mesma velocidade. É esse princípio que garante o livre acesso a qualquer tipo de informação na rede. Há uma disputa no Marco Civil da Internet das operadoras de telecomunicações que são contra este princípio, pois argumentam que seria melhor terem liberdade para adotar práticas de mercado que julgarem mais convenientes, por exemplo, privilegiar um determinado conteúdo ou aplicativo. A analogia com a escola é de que ao proibir o uso dos celulares por alunos nesse local, há o veto ao livre acesso a qualquer tipo de informação, priorizando apenas o conteúdo curricular já estabelecido.

Em relação à liberdade de expressão e privacidade do usuário, há diferentes casos que apontam para a necessidade de regras para algumas ações que acontecem nas redes sociais. Uma estudante de direito em São Paulo foi condenada em 2012 pelo crime de racismo, ao ofender nordestinos no Twitter (RONCAGLIA, 2012). A pena de prestação de serviços comunitários e pagamento de multa foi decretada pela Justiça Federal de São Paulo. Segundo a reportagem, a estudante não tinha a intenção de ofender pessoas e não esperava tamanha repercussão do caso. Mesma alegação apresentada por uma professora do Rio, que em 2014 postou uma foto no Facebook de um cidadão de bermuda e camiseta regata no aeroporto Santos Dumont, com o comentário “Aeroporto ou rodoviária?” (VIEIRA, 2014). Após essa postagem ser divulgada na rede e receber inúmeras críticas, a professora pediu desculpas e afirmou que sua intenção não era ofender o passageiro ou qualquer outra pessoa com a postagem. Ambos os casos apresentam usuários que aparentemente acreditaram que o que se escreve nas redes sociais não é público e não gera repercussões.

¹⁹ Disponível em: <<http://edemocracia.camara.gov.br/web/marco-civil-da-internet>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

²⁰ Disponível em: <<http://youtu.be/Lb9XP-Zw644>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Já na área de educação, no Maranhão em 2012, uma professora foi demitida por divulgar fotos da escola alagada com alunos segurando guarda-chuvas na sala de aula (LIBÉRIO, 2012). A reportagem traz o depoimento dessa professora:

Fui punida pela publicação das fotos e isso não é justo. É o tipo de coisa que acontecia na época da ditadura, mas estamos em uma democracia, não é?... Acredito na liberdade de expressão e em formar alunos com uma visão crítica, que não se conformem com as coisas do jeito que elas estão.

Diante disso, o Secretário Municipal de Educação alegou que problemas internos não deveriam ser tratados em redes sociais e que a funcionária procedeu de forma errada.

Uma aluna de Ensino Médio de uma escola privada no Rio de Janeiro foi suspensa em 2011 por criar uma comunidade no Facebook para troca de tarefas e provas da escola (MENCHEN, 2011). A aluna reconheceu que alguns utilizavam o espaço para copiar trabalhos, contudo ela considerava o ambiente construtivo pois algumas respostas publicadas geravam debates e que antes ela tinha que se reunir com as colegas para fazer os deveres e a comunidade só facilitou a comunicação. A instituição alega que a aluna administrava página em rede social na qual usava o logo da instituição e veiculava material didático do colégio sem autorização e de forma inadequada.

Tais casos apontam que essas escolas não estavam preparadas para lidar com um mundo cada vez mais conectado, com professores e alunos que podem produzir conteúdos e comentários sobre essa instituição. A liberdade de expressão é direito assegurado na Declaração de Direitos Humanos. Ao invés de reagir censurando essas práticas, as escolas podem entender que a internet possibilita estabelecer novas formas de comunicação dos seus atores, assim como possibilita dar mais transparência às suas ações. É necessário que os alunos e professores que usam as redes sociais tenham consciência de que uma crítica na internet pode ser tanto uma denúncia autêntica como uma forma de difamação, por isso a importância de um olhar crítico e consciente, tanto ao receber quanto ao emitir uma mensagem na rede.

5. Mobilidade, celular, juventude e escola

Neste capítulo é discutido o conceito de mobilidade com destaque para a relação dos jovens com seus aparelhos celulares. Para isso, são apresentados alguns dados sobre a disseminação dos celulares no Brasil. Dado certo desinteresse do jovem pela escola, há uma discussão sobre a relação entre escola e tecnologia com exemplos de iniciativas de cunho tecnológico e a necessidade de uma reflexão pedagógica sobre o fenômeno. Por fim, apresentam-se algumas considerações sobre o papel do professor neste cenário.

As ideias de *virtual* e *espaço* são fundamentais para iniciar a compreensão sobre *mobilidade*. Para Lévy (1999), *virtual* é toda entidade “desterritorializada” capaz de gerar diversas manifestações concretas sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. Assim, o virtual existe sem estar presente. Para Castells (1999), *espaço* é todo suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado. Já o *espaço de fluxos* é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos.

Ao juntar o conceito de *virtual* e *espaço de fluxos*, Lemos (2007) apresenta a ideia de territórios informacionais: áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o espaço eletrônico e o espaço físico. Para ele, o território informacional cria lugar dependente dos espaços físico e eletrônico a que ele se vincula. Esse lugar se configura por atividades sociais que criam pertencimentos simbólico, econômico, afetivo e informacional. Os jovens na escola (espaço físico), navegando na internet (espaço virtual) por meio dos seus aparelhos móveis, podem estar em um *território informacional*.

Nesse contexto de fluxos, há uma cultura juvenil móvel (ARTOPOULOS, 2011) com um sistema específico de valores e crenças que constituem concretamente o comportamento de certo grupo. Este conceito pode ajudar a explicar como a dinâmica social resultante do uso massivo de telefonia celular criou uma mudança de paradigma na natureza das interações humanas, principalmente na construção de uma “identidade digital ideal”.

Os telefones celulares têm se tornado um aparelho central na construção da identidade dos jovens (CASTELLS *et al.*, 2009). Estes são rápidos ao se apropriar das tecnologias móveis, pois costumam usá-la com intensidade para todos os tipos de propósitos. Como resultado, são o maior grupo social que está interligado por comunicações sem fio, o que demonstra o potencial do uso dessa tecnologia. Ao mesmo tempo que a tecnologia aumenta a

autonomia desses jovens, em geral isso não leva ao enfraquecimento da relação de dependência entre eles e as instituições sociais tradicionais, especialmente a família e a escola (CASTELLS *et al.*, 2009).

O celular, como técnica, é produto de uma cultura que pode condicionar a sociedade. “É necessário situar as irreversibilidades do uso de uma determinada técnica para formular projetos que explorem as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela” (LÉVY, 1999, p. 26).

A TIC Domicílio 2012 aponta que no Brasil havia 139,8 milhões de usuários de telefone celular. Desses, 99% utilizam para efetuar e receber chamadas telefônicas, 64% para enviar mensagens de texto (SMS), 47% para ouvir música, 29% para jogar e 24% usam a internet. A faixa etária que mais utilizou a internet pelo celular nos últimos três meses da pesquisa foram os de 16 a 24 anos (44% desta faixa), seguido dos de 10 a 15 anos (33%).

Segundo dados da Anatel²¹, em novembro de 2013 havia no Brasil 270,52 milhões de linhas ativas na telefonia móvel e teledensidade de 136,24 acessos por 100 habitantes. Os acessos pré-pagos totalizavam 78,37% do total e os pós-pagos, 21,63%. A banda larga móvel totalizou 96,40 milhões de acessos, dos quais 923,35 mil foram a partir de terminais 4G.

Essa disseminação e interesse dos jovens por celulares têm seu contraponto na escola, pois

as crianças e jovens exercem esta devoção de estarem conectados, muitas vezes driblando as eventuais proibições das hierarquias escolares; aliás, costumam recorrer a essas conexões para sobreviver à chatice que implica ter que passar boa parte de seus dias encerrados nas salas de aula, mais desesperadamente desconectados que disciplinadamente confinados (SIBILIA, 2012, p. 177).

Em geral, os alunos do Ensino Médio brasileiro apresentam uma falta de interesse na escola (NERI, 2009). Esse desinteresse foi identificado também em um Estudo da Arte sobre a Juventude e a Escola, ao se analisarem 1 tese e 6 dissertações, de 2000 a 2006, com foco nos significados atribuídos à relação que os jovens estabelecem com a escola:

Os jovens demonstram uma reflexividade acerca das suas condições socioeconômicas e percebem o quanto este contexto interfere na qualidade da educação a que têm acesso. Destacam a inadequação do ensino em relação à realidade em que vivem, de tal forma que a escola não os vem preparando nem para o vestibular nem para que consigam uma vaga no mercado de trabalho. Muitos percebem estar aí uma das causas das crescentes evasão e repetência. Reconhecem a importância do professor no processo de ensino e aprendizagem e demandam docentes mais qualificados e principalmente motivados, capazes de ministrar aulas dinâmicas e interessantes (DAYRELL *et al.*, 2009, p. 79).

²¹ Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=32213>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Segundo Prensky (2001), em geral os professores são imigrantes digitais que falam uma linguagem ultrapassada (o da era pré-digital) e lutam para ensinar uma população que fala uma linguagem inteiramente nova. Para ele, os nativos digitais são aqueles que nasceram cercados por uma nova tecnologia e aprenderam a linguagem digital dos computadores, videogames e da Internet.

Há inúmeros autores que contestam este conceito de nativos digitais. Shirk (2011) aponta que as gerações podem se diferenciar, menos porque as pessoas se diferenciam e mais porque as oportunidades são outras. Outros autores apontam que há graus diferentes de habilidades entre os jovens usuários da tecnologia, e esta generalização de que todos os jovens têm facilidade com o uso da tecnologia não se comprova na prática (KENNEDY *et al.*, 2010; LUCKIN *et al.*, 2009). Outra pesquisa aponta que o conceito de nativos digitais não é reconhecido pelos próprios adolescentes a quem se refere (THORNHAM; MCFARLANE, 2011).

De qualquer forma, há uma distância entre a escola e a realidade dos alunos que tem gerado uma apatia e descompromisso desses estudantes. Com a internet, a escola tem perdido progressivamente o monopólio da criação e transmissão do conhecimento. Neste cenário, os sistemas públicos de educação podem ao menos tomar para si a missão de orientar os percursos individuais dos alunos no saber. Assim, deve haver uma transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizada para uma situação de “troca generalizada dos saberes” (LÉVY, 1999, p. 174).

Serres (2013) aponta que a pedagogia passou por mudanças com a invenção e a propagação da escrita, transformou-se com a imprensa no Renascimento, e muda completamente com o surgimento das novas tecnologias. Cada uma das etapas possibilitou novas formas de acesso às informações, o que afetou a forma de organização do ambiente de aprendizado. Lévy (1999) complementa isto, ao descrever que nas sociedades anteriores a escrita havia o saber prático, mítico e ritual encarnado pela comunidade viva. Com a escrita o saber passou a ser transmitido pelo livro, sendo o intérprete aquele que dominava o conhecimento. Após a invenção da impressão o saber passa a ser transmitido pela biblioteca e surge a figura do sábio e do cientista. Com a internet o saber pode ser novamente transmitido pelas coletividades humanas vivas, e não mais por suportes separados fornecidos por intérpretes ou sábio.

Enquanto os alunos de hoje convivem com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicos; isso

talvez explique por que os dois não se entendem e as coisas já não funcionam como se esperaria (SIBILIA, 2012).

Abordagens socioculturais para a aprendizagem têm reconhecido que os jovens adquirem mais conhecimentos e competências em contextos que não envolvem instrução formal. Pesquisas etnográficas com crianças e jovens (ITO *et al.*, 2009) têm documentado que essas aprendem com seus pares. Estes estudos mostram que a aprendizagem automotivada não é inspirada pelas autoridades institucionalizadas que estabelecem padrões e fornecem instrução na vida dos jovens, mas parte da observação e comunicação com pessoas envolvidas nos mesmos interesses e nas mesmas situações, em busca de reconhecimento.

Existem iniciativas que surgem na educação com forte viés tecnológico, como o Khan Academy, e a experiência com computadores de Sutada Mitra. O Khan Academy é uma iniciativa de Salman Khan, estudante do MIT que, em 2004, resolveu postar no Youtube umas aulas particulares de matemática para sua prima. Com o aumento do número de visualizações, o projeto teve financiamento do Google e da Fundação Gates, e hoje seu canal no Youtube²² já tem mais de 358 milhões de visualizações. No Brasil, foram traduzidas 1000 aulas pela Fundação Lemann, com a implementação do projeto em algumas escolas de São Paulo, Paraná e Ceará. O projeto se volta para a personalização do ensino por meio dos vídeos e de uma plataforma com exercícios para avaliar o nível de aprendizagem de cada aluno.

Sutada Mitra fez seu experimento, em 1999, colocando um computador com acesso à internet no muro de um escritório próximo a uma favela em Nova Délhi para verificar como seria sua utilização sem qualquer tipo de instrução. Os usuários foram crianças e adolescentes de 5 a 16 anos que aprenderam em poucos dias a navegar na internet, a usar o programa para desenhar e formaram classes improvisadas para ensinarem uns aos outros (MITRA; RANA, 2001). A partir desse experimento, ele propôs uma pedagogia chamada *Self-Organised Learning Environments* (SOLEs) ou ambientes de aprendizado auto-organizados, nos quais os alunos se auto-organizam para aprender com auxílio de um computador conectado à internet com interferência mínima do professor. Uma sessão de SOLE dura entre 30 a 90 minutos, nos quais o professor irá envolver os alunos com uma pergunta como: “Quem construiu as pirâmides e por quê?”. Em grupos, os alunos podem acessar um computador para buscar e discutir a questão. O professor deixa de ser o centro da aula, e esta abordagem baseada na investigação dá mais autonomia para os alunos (DOLAN *et al.*, 2013).

²² Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/khanacademy/about>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Há autores da área da tecnologia que também fazem suas incursões na educação. Bilton (2010) acredita que a partir da navegação dos alunos é necessário criar narrativas que possam ser relacionadas com as informações que estes consomem. Para Tapscott (2010), é necessário transformar drasticamente a relação entre professor e aluno no processo de aprendizado, usando a tecnologia para criar um ambiente de educação centrado no aluno, customizado e colaborativo. Prensky (2010) acredita na importância da inserção do celular como ferramenta pedagógica, pois seu banimento da escola é uma solução simples que, a longo prazo, apenas enfraquece a educação.

O diálogo da educação com especialistas da área de tecnologia pode gerar um crescimento, caso ambos reconheçam suas especificidades. Há um histórico na educação com iniciativas de bases pedagógicas similares às apresentadas, como o método montessoriano ou a escola Waldorf, que encorajam o aprendizado entre os alunos. Iniciativas voltadas ao uso da tecnologia nas escolas têm ganhado destaque na mídia, o que favorece uma crença de que toda inserção de tecnologia irá beneficiar a escola, além de favorecer empreendimentos tecnológicos que enxerguem a educação como um nicho de mercado²³. É necessário cautela com esta crença e esses empreendimentos, pois a tecnologia na educação pode auxiliar sim, mas desde que seja inserida de forma planejada e crítica, sem modismo ou superficialidade. Nesse sentido,

o foco precisa sair da obsessão competitiva (estudo *on line* x sala de aula; substituição da sala de aula; presencial x não presencial) para tomar a sério modos de fomentar estilos mais colaborativos, envolventes e também críticos de aprender bem. O modo de organizar e fazer é que decide a qualidade da aprendizagem, mais do que tecnologias simplesmente (DEMO, 2009, p. 7).

Pretto (2013) aponta que a escola apropriar-se desta tecnologia como meras ferramentas é jogar dinheiro fora. Para ele, é necessário o uso das tecnologias com a perspectiva de modificar a forma de ensino e apreensão para deixar de formar meros consumidores de informações e passar a formar produtores de cultura e conhecimentos.

Gasque (2012) aponta cinco desafios para implementar o letramento informacional na escola que acabam por indicar pontos importantes de discussão para melhoria da educação: a dificuldade em mudar a cultura pedagógica, a formação inadequada dos professores, a concepção de ensino-aprendizagem, a organização do currículo e a ausência de infraestrutura adequada de informação.

²³ Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-06-26/integrar-educacao-e-tecnologia-e-novo-nicho-para-startups-no-brasil.html>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Um tópico relevante nesta discussão é o papel dos professores na relação entre juventude, escola e novas tecnologias. Os professores apontam o divórcio ou curto-circuito entre, de um lado, escola e leitura e, do outro, o mundo da televisão, cinema e outros passatempos audiovisuais. Muitos relutam em traduzir essas mudanças no conceito de uma escola que admita a interação da leitura com a cultura oral e a audiovisual-eletrônica (CANCLINI, 2008). Desse modo,

no cotidiano dos professores, a Internet é mais empregada para preparar aulas. Pelo menos uma vez por semana, a maioria usa a ferramenta para buscar conteúdos, exercícios e exemplos a serem utilizados em sala. Poucos utilizam a Internet para comunicar-se com colegas e outros membros da comunidade ou baixar conteúdos disponíveis na rede – ou seja, os professores exploram pouco o grande potencial da Internet para a comunicação (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2011, p. 124).

Há pesquisas que apontam o receio dos professores em relação às TICs pelo sentimento de poderem ser substituídos por estas (VESGA, 2012), a falta de formação continuada nessa área (OLIVEIRA, 2012) e a falta de infraestrutura tecnológica nas escolas (PESCE, 2013). Para além destes problemas, os professores estão conscientes de que precisam aprender a lidar com alguns dos novos fenômenos produzidos pela Internet, principalmente com o excesso, a superficialidade e a renovação constante de informações (NICOLACI-DA-COSTA; ABREU, 2006). Espera-se que eles saibam posicionar as novas tecnologias a serviço do direito de aprender dos estudantes e saibam proteger as crianças dos riscos e males *online* sem perder de vista que é sempre preferível educar a censurar (DEMO, 2011). Um ingrediente fundamental na integração entre educadores e estudantes é uma postura de respeito mútuo e reciprocidade, na qual a perícia, a autonomia e a iniciativa dessa juventude sejam valorizadas (ITO *et al.*, 2009).

6. Metodologia

Este capítulo apresenta panorama da Teoria Fundamentada a partir do histórico e dos principais elementos, assim como breve levantamento a partir do Google Acadêmico e do repositório da UnB de pesquisas que utilizaram essa metodologia. Por fim, há exemplos de como foram aplicadas etapas dessa metodologia, como a amostragem teórica e as codificações.

6.1. Teoria Fundamentada

Um dos desafios desta pesquisa foi encontrar uma metodologia adequada para compreender os motivos e desdobramentos do uso dos aparelhos celulares na escola pelos estudantes. Dado que a coleta de dados seria pela internet e que se trata de um tema abrangente, a Teoria Fundamentada se mostrou como uma abordagem metodológica interessante para esta pesquisa. Ao valorizar a experiência empírica e a análise dos dados, esta abordagem é considerada recomendada para estudo de temáticas novas e com poucas fontes bibliográficas (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 110).

A Teoria Fundamentada é um método geral de análise comparativa e um conjunto de procedimentos capazes de gerar uma teoria fundada nos dados (GLASER; STRAUSS, 1967). Como metodologia, é uma forma de pensar sobre a realidade social e de estudá-la (STRAUSS; CORBIN, 2008). Em contraposição a um modelo linear de pesquisa orientado pela teoria, a abordagem da Teoria Fundamentada dá prioridade aos dados e ao campo em estudo (FLICK, 2009).

Esse método foi proposto por Glaser e Strauss em 1967, no livro **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**, após estudos sociológicos sobre o processo da morte em hospitais. Strauss formou-se na Universidade de Chicago, que possui tradição no pragmatismo e nas pesquisas de campo. Além disso, foi influenciado pelo interacionismo simbólico, uma perspectiva teórica que compreende que a sociedade, a realidade e o indivíduo são construídos por meio da interação. Já Glaser teve uma formação quantitativa rigorosa na Universidade de Columbia com Paul Lazarsfeld, e este o inspirou na intenção de codificar os métodos de pesquisa qualitativa (CHARMAZ, 2009).

Na década de 1960, sofisticados métodos quantitativos ganhavam relevância nos Estados Unidos, e as pesquisas qualitativas na Sociologia enfraqueciam. A Teoria

Fundamentada foi uma proposta para construção de estratégias mais sistemáticas para as pesquisas qualitativas (CHARMAZ, 2009). Essa sistemática aparece no método comparativo constante, ou seja, confrontam-se constantemente dados entre si, entre as propriedades das categorias, eventos diferentes etc. Este confronto entre elementos diferentes prepara o terreno para a intuição possibilitando a geração de inferências e novos conhecimentos no plano conceitual (TAROZZI, 2011).

A coleta de dados nesta metodologia é feita a partir de uma amostragem teórica, ou seja, o foco da coleta de dados está na construção da teoria. Dado que a análise é concomitante à coleta dos dados, o aparecimento de categorias a partir dos primeiros dados acaba determinando o foco da busca de novos dados.

A duração dessa coleta pode variar de acordo com a saturação dos dados (GLASER; STRAUSS, 1967). Assim, os dados são coletados, codificados e analisados de forma sistemática e simultânea até a saturação teórica, ou seja, até que dados novos ou relevantes não sejam mais encontrados ou que comecem a se repetir (GASQUE, 2004).

Outros elementos dessa metodologia é a construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados, e não de hipóteses preconcebidas e logicamente deduzidas (CHARMAZ, 2009)

Devido à importância do trabalho com os dados, uma das principais etapas dessa metodologia é a codificação. Trata-se do processo de análise que se coloca no cruzamento entre os dados coletados e a teoria a ser produzida. É um processo mais analítico do que interpretativo, visto que há um conjunto de procedimentos e técnicas para conceituar os dados (TAROZZI, 2011). O processo de codificação é dividido em três etapas: aberta, axial e seletiva. Na codificação aberta, são identificados os conceitos, propriedades e dimensões dos dados. Na axial, as subcategorias são relacionadas em torno de um eixo de uma categoria. Na seletiva, ocorre a integração e o refinamento da teoria (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Dentro da Teoria Fundamentada, há também o conceito de sensibilidade teórica. Trata-se do processo de sensibilização do pesquisador com as informações que os dados oferecem, no qual ele deve exercer sua capacidade de perceber as idiosincrasias oferecidas pelo campo empírico, questionando-se permanentemente (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

A partir da análise dos dados, é possível chegar a uma descrição, um ordenamento conceitual ou uma teoria. A descrição é o detalhamento de um fenômeno a partir de uma pesquisa. O ordenamento conceitual é a organização de dados segundo um conjunto seletivo e específico de propriedades e de suas dimensões. E a teoria é um conjunto de conceitos bem

desenvolvidos, relacionados por meio de declarações de relações que, juntas, constituem uma estrutura integrada que pode ser usada para explicar ou prever fenômenos (STRAUSS; CORBIN, 2008).

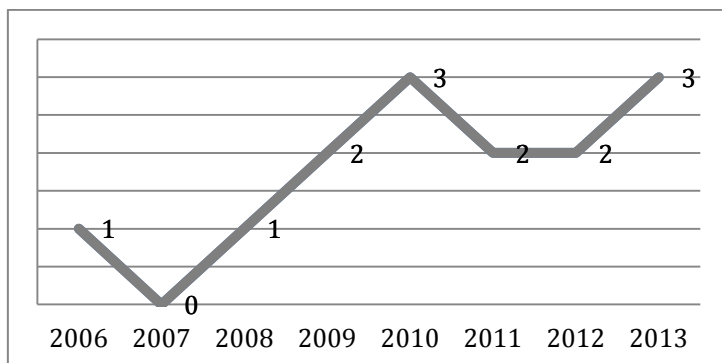
Levantamento do uso da Teoria Fundamentada

Uma busca no Google Acadêmico em português por “*grounded theory*” em 2013 apresentou 84 resultados, dentre os quais 23 utilizavam a teoria fundamentada na pesquisa. Foram desconsiderados artigos de acesso pago, pesquisas não referentes a 2013 ou que apenas citavam a teoria fundamentada. Em relação às temáticas, 9 eram da área da saúde/enfermagem, 8 da administração, 2 de gestão de conhecimento, 2 de psicopedagogia, 1 da psicologia e 1 da dança.

No Banco de Resumos de Teses e Dissertações da Capes a busca pelo termo “teoria fundamentada” gerou mais resultados do que “*grounded theory*”. Desde 2010 foram encontrados 35 teses e dissertações, sendo 20 mestrados, 13 doutorados e 2 mestrados profissionais. As universidades com mais produções foram Universidade Federal do Rio de Janeiro (5), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (4), Universidade de São Paulo (4), Universidade Federal de Santa Catarina (4) e Universidade Federal do Amazonas (3), as demais apresentaram 1 produção com esta metodologia, como a Unb. As áreas com mais produções foram Enfermagem (14), Saúde e biológicas (4), Ciência da computação (3), Psicologia (3), Odontologia (2) e Saúde coletiva (2), as demais áreas apresentaram apenas 1 produção, como a Educação.

Restringindo a busca para verificar o quanto a teoria fundamentada foi utilizada em teses e dissertações na UnB, fez-se uma pesquisa no repositório da UnB com a palavra “*grounded theory*” e foram encontrados 14 teses e dissertações que utilizaram esta metodologia, 8 doutorados e 6 mestrados. Desde 2008, há uma tendência crescente do uso desta metodologia na UnB:

Figura 1 - Gráfico da quantidade de teses e dissertações utilizando a Teoria Fundamental na UnB por anos



Fonte: Repositório Institucional da Universidade de Brasília, 2013.

Já na distribuição por Programas de Pós-Graduação na UnB, nota-se uma concentração da área de Ciência da Informação.

Tabela 1 - Quantidade de dissertações/teses utilizando a Teoria Fundamental por Programa de Pós-Graduação na UnB

Programas de Pós-graduação na UnB	N
Ciência da Informação	6
Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde	2
Política Social	2
Ciência Política	1
Bioética	1
Administração	1
Ciências da Saúde	1

Fonte: Repositório Institucional da Universidade de Brasília, 2013.

Abaixo segue, de forma resumida, como as etapas da Teoria Fundamental foram aplicadas nesta pesquisa.

Amostragem teórica e saturação dos dados

A amostragem teórica teve início em um estudo-piloto da aplicação do Twitter em sala de aula que está descrito em “Estudos anteriores” (seção 6.2). A partir desse experimento, notou-se que a permissão do uso do Twitter na sala de aula fez com que os alunos utilizassem essa rede social tanto para participar da atividade didática como para se comunicar com amigos durante a aula. O uso particular em sala de aula direcionou o recorte da pesquisa.

A próxima etapa foi investigar se havia alunos usando o Twitter na escola. Dada a possibilidade de averiguar de que tipo de aparelho se enviou a mensagem no Twitter, foram selecionados tuítes originários de aparelhos móveis com a palavra “escola”. Houve indícios de que a maior das mensagens era de alunos que se referiam à escola como espaço físico, social e simbólico. Com esses dados, o foco da pesquisa passou a ser a compreensão dos motivos e desdobramentos da utilização do celular por alunos na escola.

Para isso, foi elaborado um questionário *online* com dados de perfil, escola, navegação e uso da tecnologia móvel²⁴ na escola. A coleta ocorreu de 17 a 27 de setembro de 2013 no Twitter, a partir do perfil específico para esta finalidade chamado “Twttescola”, com a seguinte descrição: “*Perfil de Estevon Nagumo para pesquisa sobre o uso do Twitter na Escola, mais informações em <http://twitterescola.wordpress.com>”*. A criação desse blog com informações da pesquisa serviu para dar mais credibilidade ao perfil utilizado para interação com os sujeitos. O programa Hootsuite²⁵ foi utilizado para busca dos tuítes, pois fornecia a origem do aparelho emissor da mensagem. O critério para interação foi haver uma mensagem de um aparelho móvel cujo emissor indicasse estar na escola. Nessa interação houve a primeira coleta de dados. Os usuários que estabeleceram um diálogo foram convidados a responder um questionário *online* com um total de 29 respostas.

A amostragem teórica ocorreu nessa etapa, pois se manteve o foco de coletar dados dos alunos que utilizassem seus aparelhos móveis na escola. À medida que as conversas e respostas do questionário foram surgindo, os dados começaram a ser categorizados e após duas semanas de interações no Twitter notou-se que não apareciam novos dados relevantes, considerando-se assim a saturação teórica dessas categorias a partir desses instrumentos.

Em 12 de novembro de 2013, os 29 alunos que responderam ao questionário foram convidados para participar de entrevistas *online*. Houve 4 estudantes que aceitaram e que serviram para aprofundamento da compreensão de algumas categorias. Duas entrevistas ocorreram pelo bate-papo do Facebook, uma por *direct messages* no Twitter e uma por conversa no Skype.

²⁴ As perguntas do questionário versam sobre “aparelhos móveis” e não especificamente celulares, pois havia a possibilidade de casos com uso apenas de *tablets*, por exemplo. Mas como todos os respondentes tinham celulares, o título desta pesquisa de mestrado remete a este aparelho específico.

²⁵ Disponível em: <<http://hootsuite.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Codificação aberta

Foi a aproximação inicial aos dados provenientes das conversas no Twitter e por meio das respostas ao questionário e as entrevistas. Nesta codificação – sem categorias prévias – era necessário estar aberto aos dados apresentados pelos alunos. Mesmo havendo um direcionamento das perguntas para o objetivo da pesquisa, algumas categorias que surgiram foram inesperadas, por exemplo, o tédio como um dos principais motivos do uso do celular pelo aluno na escola.

Em algumas categorias foi possível identificar suas propriedades, como na categoria “regras do uso do celular na escola”. Nela, a propriedade identificada foi o grau de liberação do uso: na maioria dos casos o uso do celular na escola era proibido, em algumas era liberado durante o intervalo e eram raras as que liberavam o uso pleno.

Exemplos da codificação aberta:

Quadro 1 - Exemplos de codificação aberta das respostas do questionário

Você costuma utilizar seu aparelho móvel pessoal para entrar na internet quando está na escola? Em caso afirmativo, qual o motivo para o uso do seu aparelho móvel pessoal na escola?	Codificação aberta
conversar com outros amigos	Comunicação
Uso para entrar nas redes sociais	Redes sociais
eu uso o aparelho em aulas vagas e no recreio para me distrair	Tempo livre/Distração
Quando a aula é chata	Tédio

Fonte: autoria própria, 2013.

Quadro 2 - Exemplos de codificação aberta das interações no Twitter

Manifestações dos alunos a partir da interação com pesquisador	Codificação aberta
Não, minha escola nem permite celular, mas eu uso pq sou vida loca (todos usam) euoieuo	Regras de uso (Escola)/ Transgressão
pq normalmente tira o foco dos alunos prejudicando o estudo, eu acho	Distração
Tédio total na escola !!! Aaaaaaaaah	Tédio

Fonte: autoria própria, 2013.

Quadro 3 - Exemplos de codificação aberta das entrevistas

Se sua turma usa bastante, mas é proibido, como fazem para usar? Usam escondido?	Codificação aberta
Sim, alguns professores não veem eles usando, e quando vê, só pedem para guardar. Mas tem uns professores que não estão nem aí.	Regras de uso (Professor)/ Transgressão

Fonte: autoria própria, 2013.

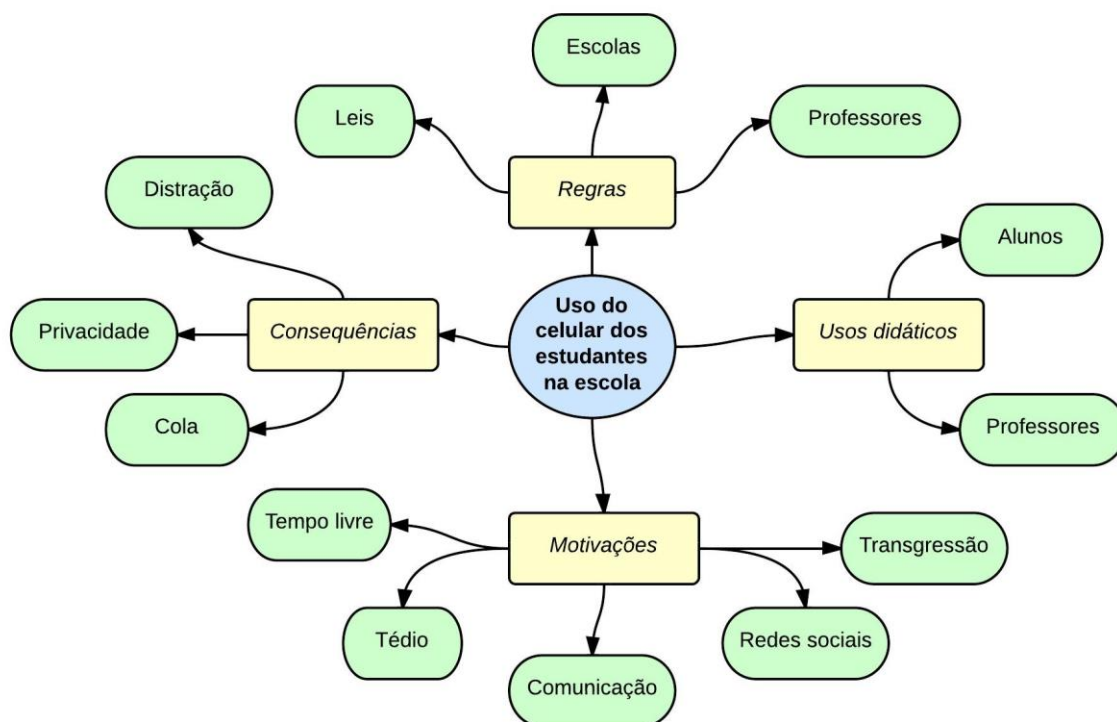
Codificação axial

Nesta etapa buscou-se relacionar as categorias às suas subcategorias, formando-se um eixo comum. Em concomitância com o objetivo da pesquisa, a categoria central que emergiu dos dados foi o uso do celular dos estudantes na escola. As quatro subcategorias relacionadas a esse uso foram: regras, motivações, usos didáticos e consequências. Houve 13 subcategorias de acordo com a seguinte distribuição:

- Regras
 - Leis
 - Escolas
 - Professores
- Usos didáticos
 - Professores
 - Alunos
- Motivação
 - Transgressão
 - Redes sociais
 - Comunicação
 - Tédio
 - Tempo livre
- Consequências
 - Cola
 - Privacidade
 - Distração

Para facilitar a visualização, este diagrama mostra a categoria central em azul, as 4 categorias em amarelo e as 13 subcategorias em verde.

Figura 2 - Esquema das categorias e subcategorias que emergiram da pesquisa



Fonte: autoria própria, 2014.

Codificação seletiva

Após a descrição e análise de cada categoria, foi realizada uma busca por pesquisas e teorias que pudessem ajudar no entendimento, na fundamentação e na busca da relação entre as categorias. Nesse momento foi utilizado, de forma recorrente, o método comparativo constante, confrontando, a todo o instante, categorias, propriedade, pesquisas, teorias para buscar possíveis relações que pudessem dar sentido a alguma teoria advinda dos dados desta pesquisa. Em suma, mais do que uma constatação do que foi observado nos dados, procuraram-se informações que pudessem explicar esses dados.

Na codificação seletiva foi definido a categoria central do fenômeno - uso do celular pelo alunos na escola - e integrado as categorias em um nível abstrato. Com estas relações buscou-se uma narrativa descritiva sobre o fenômeno central. Também foi considerado nesta etapa de relação entre as categorias questões como contexto, condições, estratégias e consequências.

Nesta pesquisa a relação entre as categorias gerou uma compreensão sobre como o uso do celular na escola pelos alunos tem relação com suas motivações, as regras relacionadas, os possíveis usos didáticos e as consequências deste uso. Compreender a relação entre estas categorias possibilitou não só obter um panorama deste fenômeno como deu indicativos para construir uma proposta para as escolas lidarem melhor com esta questão.

6.2 Estudos anteriores

Houve 2 estudos anteriores fundamentais para gerar o recorte desta pesquisa, como já mencionado na amostragem teórica. O primeiro trata do uso do Twitter na sala de aula (NAGUMO; TELES, 2012) e o segundo do que se fala sobre a escola no Twitter (NAGUMO, 2013). Neste último foi utilizada a codificação da Teoria Fundamentada para análise dos dados como forma de aproximação a alguns aspectos desta metodologia.

A escolha do Twitter nestas pesquisas se deve ao fácil acesso às mensagens e sua ampla disseminação. Diferente de outras redes, como o Facebook, em que as mensagens acabam circulando principalmente entre amigos e conhecidos, o Twitter apresenta estrutura mais aberta para circulação de informações. Segundo Santaella e Lemos (2010), essa rede possui duas características fundamentais: a tônica da interação e a formação de laços sociais não baseados em vínculos pré-existentes, e sim na penetração individual em fluxos de ideias.

*Uso do Twitter em sala de aula*²⁶

O primeiro estudo tem relação com o pré-projeto de pesquisa sobre como o Twitter pode ser utilizado em uma sala de aula. Esse estudo inicial ocorreu com o auxílio do orientador Lucio Teles, que, como professor da disciplina de Fundamentos da Arte do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB, possibilitou a aplicação dessa ferramenta virtual em uma aula presencial para análise da sua dinâmica e efetividade. O estudo ocorreu nessa disciplina da graduação no dia 24 de março de 2012. O professor utilizou um *datashow* para projetar seus slides de sua aula sobre arte-educação, enquanto um segundo equipamento projetou os tuítes dos alunos. O site utilizado para projetar as mensagens com a *hashtag* #arteeducação foi o Hootsuite.

²⁶ O estudo completo foi apresentado no 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação em 2012, na cidade de Recife-Pernambuco.

Figura 3 - Fotografia da projeção do Twitter durante aula de Fundamentos da Arte



Fotografia: Professor Lucio Teles na aula de Fundamentos da Arte na UnB em 24/03/2012

Fonte: autoria própria, 2012.

Foi solicitado aos alunos que trouxessem para a escola seus aparelhos pessoais, como *laptops*, *netbooks*, *tablets*, *smartphones* para acessarem a internet a partir do Wi-Fi da Faculdade de Educação da UnB. Como nem todos tinham aparelhos, alguns trabalharam em grupos para compartilhar o acesso.

Os estudantes poderiam interagir no Twitter com comentários, perguntas, manifestações durante a aula, colocando a *hashtag* #arteeducação, para que as mensagens pudessem ser localizadas e projetadas. Dos 31 alunos presentes, houve 33 mensagens no Twitter a partir de 12 perfis nessa rede. Houve mais participações virtuais do que presenciais, visto que 6 alunos se manifestaram em aula, enquanto 12 usuários tuitaram. Deve-se ponderar que as falas presenciais foram mais longas até com debate entre 2 alunos. Nessa interação presencial, notou-se uma riqueza no debate que as manifestações no Twitter não apontaram. Contudo, o fato de que mais alunos se manifestaram de forma *online* do que presencial pode representar um ganho na diversidade de pontos de vista colocados em aula. Esse dado já foi apontado em uma pesquisa (REID; REID, 2007) ao indicar que jovens tímidos se sentem mais confortáveis ao se comunicarem de forma escrita (SMS) no celular.

Em geral, os principais benefícios identificados nessa atividade com o Twitter foram:

- possibilidade de *feedback* imediato para o professor durante a aula;
- maiores chances de participação de alunos;
- expansão das possibilidades de interação;
- exercício dos alunos de uma escrita objetiva e sucinta (140 caracteres);
- valorização de uma prática social dos alunos para fins didáticos.

Os perfis do Twitter com mais experiência, neste caso aqueles que já tinham postado acima de 1.000 mensagens, acabaram utilizando mais as funcionalidades da ferramenta, como compartilhar a mensagem de outro aluno (RT) ou citar ou responder alguém da sala (@).

Para além dos tuítes com a *hashtag* #arteeducação, neste mesmo estudo foi feito o levantamento das demais mensagens dos perfis dos usuários que participaram da aula durante esse período. A intenção foi identificar se o uso do Twitter ficaria restrito à proposta didática ou não. Os perfis do Twitter com mais experiência tiveram metade das suas mensagens relacionadas à aula, e as demais eram comentários e interações com outros perfis fora da sala. Pode-se interpretar esta informação como uma alta taxa de desatenção, contudo é necessário considerar quais os costumes dos estudantes de graduação quando conectados à internet em seus aparelhos móveis. Há a possibilidade de que eles já tuitavam em outras aulas, e ao menos desta vez, parte dos tuítes deles era relacionada à aula a que eles assistiam.

Depois de uma reflexão sobre o desenho deste experimento, houve a percepção de que ele segue a lógica da segunda tela. Os canais de televisão estão atentos ao costume crescente dos espectadores, que assistem a um programa ao mesmo tempo em que interagem na internet a partir de *tablets* e *smartphones*. Ou seja, em ambiente em que as pessoas tendem a realizar mais de uma tarefa simultaneamente, a indústria do entretenimento está atenta às diferentes possibilidades de engajamento e interação; neste caso, com um viés de consumo. Caso a escola venha adotar essas práticas, é necessário refletir como aproveitá-las para fins didáticos que motivem e ajudem na interação dos alunos. É preciso levar em conta também que esse formato poderá dispersar a atenção dos alunos com mais de uma atividade simultânea e exigirá uma atenção redobrada do professor, que precisará administrar a aula e acompanhar o conteúdo postado.

O que se fala da escola no Twitter²⁷

Esta pesquisa no Twitter foi realizada na manhã do dia 19 de março de 2013 com a coleta de 1.000 mensagens que continham a palavra “escola”. Para que houvesse uma melhor distribuição, foram coletados 200 tuítes em 5 períodos distintos, próximos a cada hora cheia, das 8h às 12h. Os dados coletados a partir do programa <http://twdocs.com/> foram: nome do perfil, texto da mensagem, data e horário de criação e origem da mensagem (web, android, iphone...).

²⁷ Este trabalho foi apresentado na 36ª Reunião Anual da Anped em Goiânia, em 2013, no GT16 de Educação e Comunicação.

Das 1.000 mensagens coletadas, 564 provinham de algum meio móvel e estavam em português²⁸, somente estas foram analisadas, dado o objetivo da pesquisa de focar na mobilidade. Este recorte se deve à intenção de encontrar mensagens com informações e comentários sobre “escola” que possivelmente tivessem sido produzidas no próprio local e no instante em que estavam acontecendo. Das mensagens selecionadas, 47% teve como origem aparelhos com sistema Android da Google e 18% de Iphones da Apple. Um quinto das mensagens surgiu da navegação na web móvel, ou seja, foi utilizado um navegador da web para aparelhos móveis para entrar no site do Twitter adaptado para este fim. Algumas mensagens vieram de aplicativos de fotos (Instagram) e de georreferenciamento (foursquare), indicando um tipo de uso específico destas ferramentas. Abaixo segue a tabela com a distribuição das mensagens analisadas, de acordo com suas origens.

Tabela 2 - Quantidade de mensagens do Twitter com a palavra “escola” segundo origem

Origem	N	%
Android	266	47,1
Mobile Web ²⁹	114	20,2
Iphone	102	18,1
Instagram	15	2,7
foursquare	13	2,3
Motorola	7	1,2
Blackberry	6	1,1
Outros	41	7,3
Total	564	100

Fonte: autoria própria, 2013.

Para categorização das mensagens, foram utilizadas a codificação inicial, focalizada e axial (CHARMAZ, 2009), por se tratar do primeiro contato com a codificação da Teoria Fundamentada. Neste caso, não se avançou para uma codificação teórica devido à pouca experiência deste pesquisador com esta metodologia. Na pesquisa final, foi utilizada a codificação de Strauss e Corbin (2008), denominada codificação aberta, axial e seletiva. Os processos de codificação são parecidos, com a diferença de que a codificação inicial (CHARMAZ, 2009) detalha mais os dados do que a codificação aberta (STRAUSS;

²⁸ Havia mensagens em francês e espanhol que foram desconsideradas para análise. Dada a impossibilidade de determinar a origem geográfica das mensagens, considera-se que é possível que algumas tenham origem em países de língua portuguesa como Portugal e Angola, contudo, como o Brasil é o segundo país que mais participa do Twitter, considera-se que a maior parte das mensagens seja de brasileiros.

²⁹ Disponível em: <<https://mobile.twitter.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

CORBIN, 2008). Como as respostas no Twitter e no questionário eram curtas, optou-se na pesquisa final por seguir a linha de Strauss e Corbin ao considerar esta abordagem mais apropriada para o tipo de dado coletado.

Na codificação inicial, cada mensagem foi transformada em uma descrição objetiva. Segundo Glaser (1978, *apud* CHARMAZ, 2009, p. 76), o uso do gerúndio nesta fase auxilia a detectar processos e a dar uma ideia de ação. Na codificação focalizada, os códigos são mais direcionados, seletivos e conceituais. Já a codificação axial, reagrupa as informações relacionando categorias e buscando dar uma coerência à análise emergente (CHARMAZ, 2009). Abaixo segue o quadro com exemplos desta codificação.

Quadro 4 - Exemplos de codificação inicial, focalizada e axial das mensagens do Twitter sobre “escola”

Mensagem	Codificação		
	Inicial	Focalizada	Axial
<i>Escola desgracada --'</i>	Reclamando da escola	Xingamento	Simbólico
<i>Essa escola a cada dia q passa ta c gente mais feia</i>	Comentando sobre as pessoas da escola	Aparência	Social
<i>cheguei na escola</i>	Informando que chegou a escola	Localização	Físico
<i>@usuario1³⁰ to na escola , mais pode falar .</i>	Interagindo a partir da escola	Conversa	Social
<i>RT @usuario2: O que dizer dessa escola maldita a qual nem cheguei e já quero voltar pra casa?</i>	Desejando voltar para casa	Desmotivação	Simbólico

Fonte: autoria própria, 2013.

Mesmo sem dados do perfil do emissor, a partir da forma de escrita e conteúdo das mensagens foi possível supor que a maioria dos tuítes era de estudantes. Apenas as 4 mensagens abaixo apresentaram indícios de emissores diferentes:

- *RT @usuario3: Alunos @UFF, oportunidade de informar-se sobre o Ciência sem Fronteiras. Palestra do DAAD amanhã, 14h, no Auditório da Escola de Engenharia*
- *Em Divinópolis 200 crianças tiveram atendimento dentário gratuito na escola [http://³¹](#)*
- *Droga, preciso levantar pra fazer almoço esperar as crianças arrumá-las, levar pra escola. Ser mãe significa fingir disposição a todo tempo.*
- *RT @usuario4: @usuario5 @usuario6 nao se reprova mais, agora pode escrever errado. Mais pra frente nao vai ser preciso ir pra escola.*

Pelo conteúdo se deduz que sejam mensagens de uma professora que se dirigia aos seus alunos, um portal de notícias que divulgava um informe, uma mãe que comentava sobre sua rotina e um cidadão que reclamava.

Assim, as mensagens analisadas indicam que os emissores eram em sua maioria estudantes. Isso pode decorrer do recorte da pesquisa de selecionar apenas mensagens de

³⁰ Os tuítes coletados foram anonimizados para preservar a identidade dos usuários.

³¹ Os links foram apagados para garantir o anonimato dos usuários, dado que alguns levavam a fotos dos usuários.

aparelhos móveis. Dado que os jovens tendem a se apropriar com mais rapidez destas tecnologias (CASTELLS *et al.*, 2009), a probabilidade de eles utilizarem com mais frequência do que adultos, como professores e pais, é plausível. Outro fator a ser considerado é de que havia poucas notícias relacionadas à escola circulando no Twitter nesse dia.

Após leitura da codificação inicial, analisando as diferentes temáticas levantadas na codificação focalizada como *aparência, clima, xingamentos, faltas, desmotivação, piadas, tecnologia*, entre outras, buscou-se, pela codificação axial, eixos que pudessem agregar e gerar um sentido na leitura dessas manifestações. Desta forma, foram elencadas três categorias, nas quais a escola era considerada como:

- Espaço Físico;
- Espaço Social;
- Espaço Simbólico.

As mensagens que se referem à escola como espaço físico indicam aspectos de localização, deslocamento, presença e infraestrutura. Também foram consideradas nesta categoria as mensagens que se referiam à escola como ponto de encontro. Em geral, essas mensagens apresentaram caráter informativo:

- *B diaa, to na escola já*
- *Ceguei da escola mais cedo*
- *Papai me trouxe na escola. *_**
- *Wifi desa escola é uma bosta*

As mensagens da escola como espaço social foram as que apresentaram desdobramentos da obrigatoriedade de frequentarem a escola. Há mensagens com interações sociais informando que o estudante está na escola com determinados amigos ou perguntando aos colegas se viriam à escola. Além dessas, há comentários relativos a comportamento – como aparência, vestimenta, músicas, fotos e atitudes –, assim como tuítes com temas específicos da escola – como aulas, tarefas, regras, avaliação e comida. Há também mensagens relativas à obrigação social de ir à escola, que indicavam faltas ou desânimo de ir à escola decorrente do clima, do sono ou por motivos de saúde:

- *Bom dia!! Hj nao vou ir pra escola, to cm uma dor mt grande nas costa...*
- *Mesmo com essa chuva eu vou ter que ir pra escola hj q fase*
- *Nada melhor que ir pra escola escutando minha gata Mariah Carey. So relaxando*

- *to sentada no chao da escola e fodase*
- *fiz de tudo pra chegar cedo na escola, ai por causa de 2 min nao pude entrar na primeira aula -.-*
- *Chaamaram minha mae ela vai te que ir na escola :c*

As mensagens da escola como espaço simbólico foram as que teceram alguma opinião ou comentário sobre esta. Houve expressões com ironia e sarcasmo, em geral indicando o desejo de não estar na escola:

- *RT @usuario7: vc cria sua mae com tanto amor e carinho pra ela te mandar ir pra escola*
- *pra vcs que estão na escola: sinto muito*
- *RT @usuario8: A escola é tao legazZzZZZzzZZzzZzzzzzzzzzzzz*
- *entrar no twitter de manha pra dizer “parem de reclamar da escola” é igual a ir num show do justin bieber e dizer “parem de gritar”*
- *Escola escrota bicho !!!!*
- *Quero explodir a escola*
- *Caralho essa escola ta foda kkkkkkkkk ta pior que ringue de ufc*

Além desta codificação, as mensagens foram classificadas de acordo com as seguintes características do Twitter:

RT: Retweet é o compartilhamento de mensagens para seus seguidores.

Exemplos:

- *RT @usuario9: Que que eu to fazendo nessa escola, plmdds isso aqui nao e pra mim namoral.*
- *RT @usuario10: pq não existem meninos bonitos assim na minha escola?!*

@: É a forma de se referir a um outro perfil no Twitter, seja como forma de resposta ou citação.

Exemplos:

- *Daqui a pouco a @usuario11 sai da escola*
- *@usuario12 ta na escola, nee floor?*

#: Este símbolo conhecido como *hashtag* é a forma de marcar um tema, transformando-o em uma palavra-chave, o que facilita sua busca dentro do Twitter.

Exemplos:

- *#ShopiaNoHojeEmDia e eu na escola kkk*
- *Bom Dia. #School #Escola #Friends #Amigos #Brother #InstaCool #Followme #Good #GoodMorning http://*

Link: Endereço de páginas, em geral como links encurtados, direcionando para um site.

Exemplos:

- *I'm at Escola Estadual Marcantonio Vilaça http://*
- *Vimos pro ginásio ver o jogo da escola #School http://*

Abaixo segue a tabela com a distribuição das mensagens, de acordo com estas características do Twitter, divididas pelas categorias da codificação axial.

Tabela 3 - Quantidade de mensagens da codificação axial por características no Twitter

Codificação Axial	RT	@	#	Link	N
Físico	5	0	6	14	123
Social	40	70	9	11	300
Simbólico	48	7	0	3	141
Total	93	77	15	28	564

Fonte: autoria própria, 2013.

Dentro da classificação das mensagens pelas características do Twitter, destaca-se que 34% das mensagens da escola como espaço simbólico eram compartilhamentos (RT), em sua maioria indicavam aspectos negativos da escola, como tédio, desmotivação e desprezo. Isso pode indicar que a insatisfação quanto à escola tende a ser repassada como um discurso do outro, seja por concordar ou por receio de mostrar esta indignação como discurso próprio.

Em relação aos tuítes que indicaram referência a determinado perfil (@), 90% estavam na classificação de espaço social. Em geral, eram mensagens informando que estavam com determinados amigos na escola, perguntando se um amigo iria à escola ou até mesmo avisando que estava com um amigo se preparava para pular o muro da escola. O que indica que a sociabilização decorrente da presença na escola também se perpetua nas redes sociais.

Aproximadamente 22% das mensagens analisadas indicaram aspectos físicos relacionados à escola. Em geral, eram mensagens informando que haviam chegado à escola ou estavam indo para lá. Isso decorre de uma característica de uso do Twitter para informar temas cotidianos. Diferente de outras redes sociais em que informações rápidas como

“Cheguei à escola” pareceriam deslocadas. No Twitter, este tipo de informação sobre o que as pessoas estão fazendo no momento faz parte da cultura desta rede social. Por um lado, pode soar como banalidade uma informação de que alguém está na escola, por outro, deve-se pensar que o compartilhamento geral de qualquer tipo de informação na rede pode possibilitar o estreitamento de laços sociais. Ou seja, um tuíte informando “Me arrumando para ir à escola” pode ser mais um pedido de interação do que uma simples necessidade de compartilhar um ato cotidiano.

A mesma atenção devem-se ter as 13 mensagens georreferenciadas desta categoria. Para indicar onde estavam, os estudantes usaram o foursquare, uma rede social específica para compartilhar a localização, a partir de GPS e referências pela conexão 3G ou Wi-Fi dos seus aparelhos móveis. Pode parecer *a priori* um problema de privacidade e segurança indicar sua localização, contudo também é preciso atenção ao ler que estas mensagens podem sinalizar uma forma contemporânea de interação. Isso porque

no Twitter, toda e qualquer pessoa pode ser importante influenciadora da cultura globalizada. Se para uns pode ser assustador ou desnecessário saber tudo o que seus amigos, contatos, seguidos e seguidores estão pensando, fazendo e narrando o tempo todo, é justamente esse saber coletivo e imediato a fonte de sedução para a maioria. Essa mobilidade das narrativas de si pode ser um importante fator de bem-estar social, quando cada um decide ser o protagonista estridente de suas vidas midiáticas e digitais (SANTANA; COUTO, 2012, p. 39).

Nesta categoria de escola como espaço físico, foram encontradas as raras expressões de felicidade quando o estudante conseguia utilizar o Wi-Fi da escola, por exemplo:

- “*Wi-fi liberada na escola, pensem numa pessoa feliz*”.

Mais da metade de todas as mensagens analisadas indicaram o aspecto social da escola. O que representa que a principal atividade da escola para aqueles que tuitaram é ser um espaço de socialização. Os tuítes desta categoria apresentaram uma diversidade de situações sociais, como as dos exemplos abaixo:

- *A escola inteira ta me ajudando nesse momento, eh tão lindo ver seus amigos do seu lado quando vc mais precisa <3*
- *Não sei na escola de vocês mas na minha tem tanta piranha!*
- *Sou amiga do todo mundo já na escola, a diretora quando soube que sou sobrinha do secr. De educação daqui, faltou beijar meus pés.*
- *Amo ser clandestino nessa escola*

- *To sofrendo bullying nessa sala!!! Essas pirralhada do primeiro ano me chamando d burra, desisto da escola*

Nesta categoria, chama atenção a falta de tuítes que pudessem indicar questões pedagógicas da escola. As poucas mensagens deste tipo se referem, na maioria das vezes, a avaliações e trabalhos, em geral com tom de desânimo ou obrigação, como, por exemplo, nesta mensagem:

- *“Ainda bem q eu vim pra escola, teve teste...”*.

Algumas mensagens se referiam à escola com saudosismo:

- *RT @usuario13 @usuario14 @usuario15 etc. Saudades de quando nós levava nossas bonecas pra brincar na escola na 3 série kkkkkkkkkkkkkk.*

Elas indicam que os aspectos sociais da escola foram os que permaneceram na memória. Ou seja, as mensagens mostraram que os estudantes sentem falta de aspectos sociais da escola, mas não da instituição em si. O que pode ser comprovado na mensagem abaixo da categoria de espaço simbólico:

- *RT @usuario16 Eu sinto tanta raiva dessa escola que não me vejo sentindo saudade quando terminar o ensino médio.*

Merecem atenção as mensagens que manifestaram este tipo de opinião sobre a escola na categoria *espaço simbólico*. Para sua análise, foi necessário um cuidado especial quanto à linguagem, pois

encontramos em qualquer escrita a ambiguidade de um objeto que é simultaneamente linguagem e coerção: há no fundo da escrita uma circunstância estranha à linguagem, há como que o olhar de uma intenção que já não é a da linguagem... A palavra torna-se um álibi (BARTHES, 2006, p. 22).

Um tipo de mensagem sobre a escola era a que se referia ao tédio ou desmotivação, como em:

- *“Essa escola fala fala mas m aconteceu nada”*

ou

- *“Cansei de brincar de escola...”*.

Este tipo de mensagem pode indicar uma distância entre as práticas dessas escolas e os interesses de seus alunos. A escola, ao trabalhar com conteúdos distantes de realidade de seus alunos, acaba por se tornar um lugar pouco relevante para eles.

Há também as mensagens que questionam a existência e o sentido da escola, como:

- *“RT @usuario17: Pra que tem que existir escola?” e*
- *“RT @usuario18: Cansei dessa porra de casa pra escola, escola pra casa.....eu quero VIVER e não ser um escravo do sistema”.*

Estas mensagens indicam uma distância entre esses jovens e a escola. Quase 1/5 de todas as mensagens analisadas indicavam algum tipo de desmotivação e/ou desgosto pela escola. Muitas delas eram expressas em forma irônica, como:

- *“19 de março - Dia da Escola, fico feliz por isso :::::::::::::::::::::::::::::: só que nao mesmo kk”.*

Este tipo de mensagem não só chamou a atenção pela quantidade, quanto pelo tom das mensagens, que eram enfáticas ao demonstrar seu desprezo pela escola.

Após esta codificação e análises, buscou-se na literatura estudos que pudessem comparar estes resultados. Oliveira e Mendes (2012) pesquisaram no Orkut a representação da escola pelos alunos e identificaram manifestações de amor e ódio quanto à escola. Em geral, as mensagens favoráveis à escola se relacionam com os amigos que lá estão, já o ódio foi manifestado em relação aos estudos, métodos e disciplina. Segundo as autoras, esses jovens não se sentem parte do processo educacional, e suas manifestações no Orkut podem servir de ponte para um trabalho educativo expressivo.

Uma pesquisa de Marques e Castanho (2011), com alunos de 10 a 13 anos de uma escola pública da periferia de São Paulo, ao perguntar qual o sentido da escola para eles, pode dar pistas sobre os motivos das reclamações dos alunos sobre a escola. Os aspectos negativos apontados pelos alunos foram aulas vagas e sem sentido, muita cópia, falta de materiais adequados, falta de professores, desrespeito e falta de investimento público. Os alunos não esconderam o desafeto pelos professores e pelos agentes institucionais e afirmam não serem respeitados, por isso reagem com a falta de respeito.

Por esta metodologia, os dados analisados possibilitaram um ordenamento conceitual, ou seja, a organização dos dados em categorias discretas, segundo suas propriedades e dimensões, usando a descrição para elucidar essas categorias. Este tipo de análise é importante, pois é um precursor da teorização (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Desta forma, foi possível identificar que os estudantes utilizam o Twitter para se manifestarem sobre a escola quando estão lá, a partir dos seus aparelhos móveis conectados à internet, principalmente se referindo a escola como espaço de socialização e utilizam esta rede social para extravasar descontentamentos e reclamações sobre a instituição.

Este estudo foi importante para compreender alguns elementos da conversação dos estudantes no Twitter sobre a escola. “A conversação é a porta através da qual as interações sociais acontecem e as relações sociais se estabelecem” (RECUERO, 2012, p. 29). Como esses jovens utilizaram seus celulares na escola, viu-se a necessidade de se compreender, para além do discurso, as motivações e desdobramentos do uso desses aparelhos nesse espaço, assim como a opinião desses alunos sobre o uso da tecnologia na escola.

7. Apresentação dos dados e análise dos resultados

Neste capítulo são apresentadas as três formas de coleta dos dados: diálogos no Twitter, respostas ao questionário e entrevistas. Inicialmente há apresentação dos dados objetivos do questionário que traça o perfil geral dos sujeitos desta pesquisa. Em seguida, são descritas e analisadas cada categoria e subcategoria construídas na codificação inicial por meio das respostas abertas ao questionário, conversas no Twitter e entrevistas. Ao final, na codificação axial e seletiva, há a relação entre estas categorias e as recomendações derivadas da análise dos dados.

Os diálogos no Twitter foram a primeira forma de contato com os sujeitos de pesquisa. Foi criado um perfil específico³² no Twitter para esta pesquisa e utilizado um programa de busca para identificar mensagens sobre a escola a partir de aparelhos móveis. Em geral, essas mensagens foram curtas, espontâneas e algumas com ironia, apresentando um desinteresse pela escola e um certo orgulho de utilizar o celular, mesmo que fosse proibido. Elas são abordadas em detalhes na apresentação de cada categoria.

De forma geral, as primeiras mensagens sobre *escola* seguiram o mesmo padrão do estudo anterior, com menções à escola como espaço físico (“to na escola, acabei vindo”), social (“quero alguém pra conversar aq na escola”) e simbólico (“Odeio escola odeio”). As abordagens para cada conversa não seguiram um padrão, variaram de acordo com o tema que o sujeito da pesquisa postava. Abaixo são apresentados dois exemplos de interações:

- *Aff q odio da escola*

@usuario19 Pesquiso o uso do Twitter na escola. Cheguei no seu tweet buscando por “escola”. Sua escola estimula o uso do Twitter em sala?

@twtescola não!

@ usuario19 Eles chegam a proibir o uso de celulares ou smartphones aí?

@twtescola sim,principalmente na sala de aula

@ usuario19 Sera q vc poderia me ajudar respondendo um questionário sobre o uso da tecnologia na sua escola? <http://jotform.co/form/32193863800858> ...

@twtescola no momento eu não posso!!

³² Disponível em: <<https://twitter.com/Twtescola>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

@ usuario19 Blz, se puder responder mais tarde agradeço

@twtescola ok

Outra conversa foi:

- *Como se não bastasse estudar o dia inteiro tenho que vir de noite pra escola também.*

@usuario20 *Estudo o uso da tecnologia na escola, vc acha q se sua escola usasse mais a tecnologia nas aulas seria mais interessante?*

@Twtescola *Na verdade ela usa bastante, por isso acaba sendo interessante sim.*

@ usuario20 *Difícil encontrar escolas q usam a tecnologia, sera q vc poderia me ajudar respondendo um questionario <http://jotform.co/form/32193863800858> ...*

@Twtescola *claro, ajudo sim*

@ usuario20 *Muito obrigado!*

@Twtescola *imagina ;)*

Foram emitidos 638 tuítes de 20 de agosto de 2013 a 12 de novembro de 2013. Nesse período foram seguidos 30 usuários que confirmaram que iriam responder ao questionário *online*, e obtidos 11 seguidores. Nem todas as mensagens emitidas obtiveram respostas, assim foram categorizados os 332 tuítes recebidos.

Nesta etapa, 55 alunos informaram que o uso do celular é proibido na sua escola, especialmente na sala de aula; 25 afirmaram usar mesmo assim; 14 apontam que o uso da tecnologia na escola iria despertar mais seu interesse na aula; e 13 alertam que o uso do celular causa distração. Não foi feita uma análise quantitativa criteriosa das categorias que surgiram nessas conversas, pois as abordagens a cada perfil não foi padronizada. Os dados dessas conversas são analisados de forma qualitativa na descrição das categorias.

O questionário *online* (Apêndice) foi aplicado de 17 a 27 de setembro de 2013 e recebeu 29 respostas. Em relação ao sexo, 69% eram feminino e 28% masculino. Nas faixas de idade, 55% eram de 11 a 14 anos, 35% de 15 a 18 anos e 7% de 18 a 24 anos. Foram obtidas respostas de 13 Estados diferentes, segundo a seguinte distribuição:

Tabela 4 - Distribuição das respostas do questionário por Unidade da Federação

Unidade da Federação	N
Ceará	1
Distrito Federal	2
Espírito Santo	2
Maranhão	1
Minas Gerais	1
Paraná	3
Rio de Janeiro	2
Rio Grande do Sul	3
Rio Grande no Norte	2
Rondônia	1
Santa Catarina	4
São Paulo	6
Sergipe	1

Fonte: autoria própria, 2013.

Em relação às escolas desses alunos, 66% estudam em instituições públicas e 34% em particulares, 55% frequentam o Ensino Fundamental e 45% o Ensino Médio.

Em relação aos dados de navegação, 59% possui um plano de acesso à internet pré-pago, 21% não possuem plano, 10% são pós-pagos e 10% possuem tanto pré quanto pós-pagos. O tipo de conexão que mais costumam utilizar na escola é o 3G (55%), o Wi-Fi da escola (38%) e alguns (7%) usam outra Wi-Fi disponível. Dos aparelhos que costumam levar para escola, todos indicaram possuir celular ou *smartphone*, além de outras combinações:

Tabela 5 - Porcentagem dos tipos de aparelhos móveis levados à escola pelos alunos

Tipo de aparelho móvel que costuma levar para escola	
celular	38%
<i>smartphone</i>	28%
celular/ <i>smartphone</i>	21%
celular/netbook	4%
<i>smartphone</i> /laptop	4%
celular/tablet/laptop	3%
foblet	3%

Fonte: autoria própria, 2013.

Os principais sites/aplicativos utilizados foram os relacionados na tabela a seguir:

Tabela 6 - Porcentagem dos principais sites/aplicativos utilizados pelos alunos

<i>Principais sites/aplicativos utilizados</i>	
Twitter	25%
Instagram	17%
Whatsapp	16%
Facebook	14%
Buscadores	7%
E-mail	4%
Jogos	4%
Youtube	4%
Google Tradutor	3%
Skype	3%
WeChat	1%
Ask.fm	1%
Google +	1%

Fonte: autoria própria, 2013.

Já em relação às perguntas objetivas, 86% costumam utilizar seu aparelho móvel para entrar na internet quando estão na aula, e 14% não o utilizam. Em relação ao uso desse aparelho para fins didáticos em sala de aula, 52% afirmam que já utilizou e 45% que não. A maioria (93%) das escolas proíbe o uso desses aparelhos na sala de aula, e poucos (4%) afirmaram que o uso é liberado nesse espaço. Por outro lado, 72% dos alunos acreditam que a escola deva permitir o uso de aparelhos eletrônicos pessoais na sala de aula e 28% discordam disso. A maioria dos alunos pesquisados (93%) acredita que a escola poderia ser uma local mais interessante aos alunos se utilizasse melhor a tecnologia em sala de aula. Em relação à função dos recursos tecnológicos utilizados na escola, os alunos apontam que:

Tabela 7 - Porcentagem das funções dos recursos tecnológicos utilizados na escola

Os recursos tecnológicos na sua escola costumam ser utilizados para...

Ilustrar (ex: uso do <i>datashow</i> , <i>power point</i> , Dvd, Youtube...)	40%
Consultar (ex: fazer uma busca na internet, usar um dicionário ou tradutor online...)	24%
Comunicar (ex: escola usa sms, e-mail ou redes sociais para mandar recados...)	16%
Interagir (ex: há grupo no facebook da turma para fins didáticos, a escola tem um ambiente virtual de aprendizado como o moodle...)	14%
Criar (ex: fazer um filme coletivo filmado com câmeras fotográficas ou celulares...)	4%
Não temos pois os aparelhos estão quebrados	2%

Fonte: autoria própria, 2013.

Houve seis perguntas abertas no questionário – a maioria relacionada à descrição de uma resposta objetiva – cujas respostas são abordadas na codificação e análise dos dados abertos. Ei-las:

Você costuma utilizar seu aparelho móvel pessoal para entrar na internet quando está na escola? [questão objetiva]

1. Em caso afirmativo, qual o motivo para o uso do seu aparelho móvel pessoal na escola?

Você já utilizou seu aparelho móvel pessoal em sala de aula para fins didáticos? [questão objetiva]

2. Caso afirmativo, descreva como ocorreu.

Você acredita que a escola deva permitir o uso de aparelhos eletrônicos pessoais em sala de aula? [questão objetiva]

3. Justifique a resposta anterior

Sua escola permite o uso de aparelhos eletrônicos pessoais em sala de aula? [questão objetiva]

4. Caso sua escola proíba o uso, há alguma justificativa?

5. Algum professor da sua escola já realizou uma atividade didática aproveitando os aparelhos móveis dos alunos (celulares, smartphones, tablets...)? Se sim, como foi?

6. Como você acredita que a escola poderia aproveitar o uso dos aparelhos móveis dos alunos na sala de aula?

7.1 Codificação inicial: categorias e subcategorias

As respostas das perguntas abertas ao questionário foram categorizadas a partir da codificação inicial, assim como as conversas no Twitter e as entrevistas. Abaixo segue a descrição de cada categoria e subcategoria com uma discussão de cada uma delas. Em alguns casos, como as leis e os regimentos escolares, houve a necessidade de estudos específicos para fundamentá-las.

Regras de uso

Como as leis, as escolas e os professores estabelecem e implementam padrões para o uso dos aparelhos móveis dos alunos. Estas regras dão uma medida do grau de liberação de uso.

Lei

Trata-se de leis municipais e estaduais que determinam a proibição do uso de aparelhos eletrônicos por alunos na escola. Esta categoria aparece como principal justificativa da proibição do uso pela escola.

No questionário, quando perguntados qual a justificativa da escola para proibição, a lei surgiu como resposta:

- *A unica justificativa que nos dao é que é proibido por lei*
- *Dizem que é lei*

No Twitter, a lei também apareceu como justificativa para a proibição:

- *@Twtescola é proibido por lei, mas quando estamos no intervalo a gnt usa. Pq?*
- *@Twtescola por lei é proibido né, porém tanto alunos como professores usam na minha escola.*
- *@Twtescola isso e lei eu acho*
- *@Twtescola É proibido em sala de aula. E tem até uma lei, mas não sei se é estadual ou federal.*

Estes dados apontam que é de conhecimento desses alunos a existência de leis que proíbem o uso de celulares na escola. Aparentemente se trata de conhecimento superficial, pois apresentam dúvidas ao comentar essas leis.

Para compreender melhor esta categoria, foi realizado um levantamento no Google e no site de legislação Jusbrasil³³ com termos “lei”, “celular” e “escola”. Foram levantadas e analisadas 23 leis, das quais 11 estaduais³⁴, 11 municipais³⁵ e 1 do Distrito Federal. Por regiões foram 3 do Nordeste, 3 do Norte, 3 do Centro-Oeste, 7 do Sul e 7 do Sudeste. Todas as leis foram publicadas entre 2002 a 2012, a metade delas publicadas em 2008. Em geral, as leis proíbem a utilização dos celulares pelos alunos, somente uma lei estadual e duas municipais estendem a proibição aos professores.

A indicação da proibição nas leis era apresentada por local ou por horário: 6 indicam a proibição durante o horário de aula, 19 indicam que o uso é proibido no local – estabelecimento escolar ou sala de aula. Em 2 leis estaduais, os locais proibidos abrangem também teatro, cinema, igreja e agência bancária. Outras 2 leis determinam que se a aula for ministrada fora de sala de aula, o princípio de proibição deve valer. Dada a prioridade de proibição mais para o espaço do que o tempo escolar, estas leis acabam por focar na inibição da mobilidade destes aparelhos.

Detalhes da escola apareceram pouco nessas leis, visto que apenas 3 leis citam a liberação do uso para fins pedagógicos e uma cita a permissão do uso do celular nos intervalos e fora da sala de aula.

Os tipos de aparelhos citados são na maioria aparelhos celulares e aparelhos sonoros, como MP3. Em algumas leis, constam aparelhos raros de se encontrarem hoje, como bip, *pager* e PALM. Ao elencarem aparelhos específicos, essas leis podem ficar desatualizadas, visto que alguns aparelhos tendem a ficar obsoletos, dada a rapidez da mudança em tecnologia. Por exemplo, em nenhuma dessas leis é citado especificamente o *tablet*, lançado em 2010, que é uma tecnologia que vem se disseminando rapidamente no Brasil.

A publicidade dessas leis foi tema de 7 delas, ao destacarem a necessidade de os alunos e comunidade escolar conhecerem a lei, seja por comunicado da escola ou por fixação de placas informativas na escola que indicam a proibição.

³³ Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

³⁴ SP, RJ, CE, GO, RS, MG, PB, RO, MS, SC, PA.

³⁵ Rio de Janeiro-RJ, São José Do Rio Preto-SP, Piracicaba-SP, Manaus-AM, São Bento do Sul-SC, Sorocaba-SP, Santa Maria-RS, Herval do Oeste-SC, Jaraguá do Sul-SC, Araucária-PR, Recife-PE.

As medidas, caso ocorra descumprimento da lei, foram contempladas em 7 delas. Em 2 há a indicação de que é a escola ou o regimento escolar que devem determinar as medidas, caso ocorra uma desobediência. As 5 demais leis estabelecem diretrizes: 4 determinam a comunicação aos pais, em 2 definem advertências e 2 estipulam a retenção do aparelho do aluno.

Em resumo, as leis analisadas focam na proibição do uso do celular pelos alunos nos estabelecimentos escolares ou na sala de aula. Ressaltam a importância de que a comunidade escolar tenha conhecimento destas leis e algumas determinam diretrizes para a escola lidar com os alunos que as descumprirem.

No mundo há países que proíbem e outros que liberam o uso de celulares na escola. A França³⁶ proibiu o uso de celulares desde 2011 no ensino médio e fundamental em razão dos alertas dos especialistas sobre os riscos de câncer devido às ondas eletromagnéticas dos celulares. Na Itália³⁷ o uso dos celulares foi proibido nas escolas impulsionado pelas reações negativas da divulgação do vídeo de um aluno deficiente sendo atacado por colegas de sala e de outro vídeo de alunos assediando sexualmente uma professora. Já o governo da Malásia, desde 2013, autorizou que alunos trouxessem seus celulares para a escola, abrindo o potencial aproveitamento destes como ferramentas didáticas (ISMAIL *et al.*, 2013). E desde 2011, o Ministério da Educação da Nova Zelândia³⁸ tem um projeto de implementação do *m-learning* nas faculdades, o que estimula o uso de celulares nestes espaços.

Escola

Trata das regras de uso do celular na escola que, segundo os alunos, em geral tem a proibição do uso durante a aula e a liberação nos demais horários.

No questionário esta categoria apareceu nas respostas à pergunta se acreditam que a escola deveria permitir o uso destes aparelhos em sala de aula:

- *Pois tudo tem que ter um acordo, já vi na televisão que o uso era permitido sim só q ele teria que ser utilizado em momentos certos e quando não for utilizado desligue o aparelho.*

³⁶ Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/noticias/artigo233725-1.asp>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

³⁷ Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/reuters/2007/03/16/ult3949u1199.jhtm>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

³⁸ Disponível em: <http://www.stats.govt.nz/browse_for_stats/snapshots-of-nz/yearbook/society/education/smart-ed.aspx>. Acesso em: 10 fev. 2014.

- *as escolas estão certa em proibir,o aparelho já causa distração sendo proibido,se fosse liberado vai ter alunos que não vão mais querer estudar*

No Twitter também foi recorrente a proibição durante a aula e liberação no intervalo:

- *@Twtescola em sala é proibido mas no pátio nao*
- *@Twtescola eles têm umas regras e mostram pra gente mais n muda nada*
- *@Twtescola é liberado durante os intervalos, se algum coordenador pegar alguém usando em aula, o aparelho só é devolvido ao responsável*
- *@Twtescola quando voce vai entrar la eles te dao um ipad ou seja e liberado*

Segundo os alunos pesquisados, em muitas escolas o uso do celular é proibido em sala e liberado no intervalos. Nos locais em que o uso é totalmente proibido, há uma demanda dos alunos de que o uso possa ser liberado mediante regras que a instituição estabeleça. Alguns alunos concordam de que a proibição é necessária, pois o uso destes aparelhos causa distração. Uma usuária indicou que sua escola entregou *tablets* aos alunos, o que sinaliza uma maior liberação do uso da tecnologia neste local.

Para compreender melhor esta categoria foi realizada uma busca no Google com as palavras “regimento escolar” e “norma escolar”. Foram analisados 21 regimentos de escolas do Ensino Fundamental e/ou Médio. Destes havia 5 escolas particulares, 5 municipais e 11 estaduais. Por regiões houve 3 do Nordeste, 3 do Norte, 4 do Centro-Oeste, 4 do Sul e 7 do Sudeste. Há regimentos que proíbem o uso de aparelhos eletrônicos para alunos e professores. Em 6 o corpo docente é proibido de utilizar, e em 2 destes estendido o impedimento a equipe pedagógica e a direção.

Destes 21 regimentos, 8 citaram leis estaduais ou municipais para amparar a proibição do uso de celulares na escola. Em 8 havia uma indicação de que a escola não se responsabiliza por qualquer dano ou perda de bem pessoal que o aluno leve a instituição. Alguns indicavam a importância do cuidado com pertences pessoais, principalmente aparelhos celulares, outros proibiam ou recomendavam que os alunos não levassem este tipo de bem material.

Um dos argumentos da proibição apresentado em 6 regimentos é a manutenção do andamento das aulas sem interrupções.

Os 21 regimentos analisados indicam a proibição do uso de celulares por alunos. Em 10 deles, a proibição não era só para o uso de celular como também de outros aparelhos eletrônicos ou sonoros, como MP3, MP4, Ipod e *minigames*. Em nenhum desses regimentos foram citados aparelhos como bip, *pager*, PALM, que constam em algumas leis.

Também diferente das leis, a proibição nos regimentos focou um pouco mais no tempo do que no espaço escolar. Em 11 regimentos, a proibição se refere ao período de atividades escolares e em 10 o foco está nos locais de uso proibido, como sala de aula, laboratório e biblioteca.

Em relação às medidas da escola para o descumprimento da proibição, 7 regimentos trataram deste tópico. Todos eles indicaram a apreensão dos aparelhos pelos professores, 4 determinaram encaminhar estes aparelhos para a equipe pedagógica (coordenador, orientador) e 4 indicam que a devolução dos aparelhos só ocorrerá com a presença dos pais.

Em síntese, os regimentos analisados se referem às leis para justificar a proibição do uso dos celulares na escola, indicam que a escola não se responsabiliza pela perda de aparelhos eletrônicos pessoais nesse local, proibem o uso não só para alunos como para professores, e estabelecem forma de punição para o descumprimento dessa regra. Os alunos em geral informam que as escolas proibem o uso durante as aulas e liberam nos intervalos, o que foi constatado em apenas 1 dos 21 regimentos analisados.

Professores

Mesmo havendo as leis e as regras da escola, os alunos apontam que o uso do celular em sala depende da norma que o professor estabelece. Alguns professores autorizam o uso para que os alunos que terminaram alguma atividade não atrapalhem os demais.

No questionário, esta categoria surgiu nas respostas sobre a justificativa para proibição:

- *varia de professor pra professor alguns professores deixam outros não*
- *Dentro da sala de aula não pq realmente o aluno se distrai, mas mesmo assim muitos levam e usam durante as aulas, alguns professores até deixam ouvir música no foninho mas alguns tomam o celular*
- *Alunos desrespeitam a presença do professor em sala de aula e ficam mexendo em seus aparelhos. Tanto como pois aparelhos são proibidos como fones pendurados no pescoço.*

No Twitter, as regras de uso dos professores apareceram quando perguntados se o uso do celular era permitido em sala de aula:

- *@Twtescola na minha até os professores usam haha' lá é de boas !*
- *@Twtescola É proibido! Só na aula de artes que é permitido!*

- *@Twtescola sla tipo a gente usa de boa na sala mas tem alguns professores que não gostam*
- *@Twtescola , seila , eu sempre mecho e ele nao fala nada (: acho que sim , so quando ele ta explicando ele nao gosta muuuuito , mais pq *-**
- *@Twtescola sim mas tem professor q prefere aluno no celular do q atrapalhando a aula*
- *@Twtescola é proibido mas todo mundo usa e a maioria dos professores deixa usar*

Dois entrevistados descreveram como seus professores lidavam com o uso destes aparelhos em sala:

- *Aluno 1: Sim, alguns professores não veem eles usando, e quando vê, só pedem para guardar. Mas tem uns professores que não estão nem aí.*

Entrevistador: E os professores não se incomodam?

Aluno 1: esse ano não estamos tendo muita aula pra falar a verdade kk mas sempre que tem, eles se incomodam sim.

Entrevistador: e o q eles fazem qnd alguem usa na aula?

Aluno 1: Pedem p parar de usar, se continuar eles ate pegam o celular

- *Entrevistador: E os professores autorizam [o uso do celular] ou a galera usa escondida?*

Aluno 3: Bom depende da aula, porque tem professor que é liberal sabe, tipo se você terminar a lição você pode, mas a galera não respeita no geral, fica uma bagunça, tanto que logo logo vai proibir

Entrevistador: ... para além dos professores, do ponto de vista da escola, a escola estabeleceu algumas regras ou não, é meio que cada professor decide o que vai rolar?

Aluno 3: Bom, cai naquele negócio, a escola tem uma regra só que grande parte dos professores não respeitam, cada um faz sua regra

Independente das leis municipais ou estaduais, ou mesmo do regimento ou normas da escola, acaba prevalecendo, na sala de aula, o acordo entre o professor e os alunos sobre o uso de celular.

Segundo os alunos, alguns professores proíbem porque não gostam que os alunos usem. Outros autorizam ao final da atividade para que os alunos, distraiam-se com seus celulares, não incomodem os demais. Há os professores que liberam porque eles mesmos usam em sala.

Para uma administração mais efetiva sobre o uso desses aparelhos na escola, é necessário o diálogo com os alunos e professores. Tudo indica que mesmo proibido, os alunos acabarão utilizando, assim mais do que tentar coibir o uso é importante uma negociação de como pode ocorrer o uso adequado nesse espaço. Mesmo que não seja o foco desta pesquisa, é preciso levar em consideração o uso que os professores fazem de seus próprios aparelhos na sala, o que pode gerar discussões caso ele use e proíba os alunos de usarem. A utilização desses aparelhos para fins didáticos pode ser um meio de dar vazão ao desejo dos alunos de utilizar seus celulares a partir de um trabalho direcionado pelo professor.

Motivação de uso

Razões pessoais dos alunos para o uso dos celulares na escola. Entre eles há o tédio decorrente do ócio ou de aulas chatas, o tempo livre dos intervalos e aulas vagas, a vontade de se comunicar para saber nas novidades, a necessidade de checar os sites de redes sociais e a transgressão como forma de insubordinação às regras de proibição do uso.

Tédio

Desinteresse pela escola ou pelas aulas, originado do tempo ocioso ou por considerarem as aulas chatas.

No questionário, esta categoria apareceu nas respostas sobre o motivo do uso do aparelho móvel pessoal na escola:

- *O tédio na maioria das vezes, pois, sempre tem uma aula vaga.*
- *Quando a aula é chata.*

Surgiram também respostas sobre como a escola poderia aproveitar o uso desses aparelhos em sala de aula.

- *Eu acho que a escola deveria utilizar mais da tecnologia, pois muita das vezes a aula acaba ficando entediante e com outros recursos, iria chamar nossa atenção.*

Outra fonte desta categoria foram os tuítes iniciais sobre a escola:

- *Aqi na escola mo tédio aula de geo*
- *Que tedioooo nessa escola mds*
- *Ai q escola chata scrr*
- *Escola tah chata hj.. quer dizer hj e sempre*

Houve indicativos de que o uso da tecnologia poderia amenizar esse tédio nessa interação no Twitter:

- *Tedio total na escola !!! Aaaaaaaaah*
- *@usuario19 Sua escola seria menos tediosa se ela estimulasse mais o uso da tecnologia nas aulas? Pergunto pq estudo isso no mestrado*
- *@Twtescola acho q seria menos tediosa sim*

Nota-se que esses alunos conectados à internet estão entediados com as aulas e a escola. Eles argumentam que usam o celular na escola para amenizar o tédio decorrente de um tempo livre ou uma aula desinteressante. Também dão indícios de que poderiam se interessar caso a escola utilizasse mais a tecnologia nas aulas.

O fato de a internet ser mais atrativa que as aulas pode decorrer do modelo de escola pautado em relações de poder e controle. Em geral, os professores dão aulas expositivas a partir de um currículo de pouco interesse para os alunos. Às vezes recorrem a ameaças de que um determinado tópico pode cair na prova na tentativa de angariar a atenção da classe. Se a concentração dos alunos precisa ser barganhada por meio de ameaças, é porque o sistema força o aluno para determinado caminho, ao invés de conquistá-lo. Já na internet, ele pode navegar nos seus tópicos de interesse, aprender com seus pares, sem ameaças de fracassar em uma prova. Para Tapscott (2010), um conceito fundamental para entender esta diferença é a liberdade. Se os alunos podem ter acesso a informações onde e quando quiserem, uma aula em local e horário específicos, em que eles precisam ser receptores passivos, parece cada vez mais inapropriada.

A escola tem importância social na formação de cidadãos críticos e trabalhadores, contudo seu modelo está cada vez mais distante de um público que tem acesso constante a informações. Entender por que os alunos preferem navegar na internet em aulas tediosas pode dar pistas do que melhorar nesse modelo pedagógico.

Tempo livre

Refere-se ao uso do celular no período em que os alunos não estão na aula, seja intervalos ou aulas vagas. O uso de aparelhos eletrônicos nesses períodos é liberado em algumas escolas. Nos locais em que são proibidos, alguns alunos apontam que deveria ser liberado.

Nas respostas ao questionário sobre o motivo do uso do aparelho móvel pessoal na escola, esta foi a categoria mais frequente, aparecendo em 10 das 22 respostas:

- *eu uso o aparelho em aulas vagas e no recreio para me distrair*
- *Quando nao ten aula, uso para escutar musica ou twitter. E de vez em quando uso o wtp*
- *Em aulas vagas, como não levo livros para o colégio, passo o tempo usando o celular*
- *Aulas vagas, falta de alunos, falta de matéria.*
- *Quando nao tenho nada pra fazer uzo ele para passar o tempo*

Esta categoria também surgiu em decorrência da pergunta se a escola deveria permitir o uso desses aparelhos em sala de aula. As respostas foram:

- *Na realidade, mesmo que eu use, acho que dentro da sala de aula não, mas não vejo problema algum em usar em uma aula vaga ou intervalo, ou até mesmo aula livre.*
- *Acredito eu que o celular e outras tecnologias estão constantes em nossas vidas, mesmo com a proibição em sala de aula (na qual concordo) deveria ser livre, na escola, o uso no intervalo, com supervisão, se preferir!*

No Twitter apareceu:

- *Agora aula livre Aqui na escola... Entao vamos twettar!*
- *@usuario20 Pesquiso o uso da tecnologia na escola no mestrado, na sua escola o uso de celulares/smartphones é proibido ou liberado?*
- *@Twtescola liberado em horarios livres!*

Na entrevista apareceu esta categoria na descrição do uso do *smartphone* na escola:

- *Aluno 1: Na escola eu uso mais ele [smartphone] pra olhar a hora quando estou em sala de aula, mas quando tem aula vaga ou quando é o intervalo, eu fico em frente a direção (porque o wi-fi só conecta lá) usando o celular pra acessar redes sociais e etc.*

Nota-se, pelas colocações dos alunos, que as aulas vagas foram mais citadas que os intervalos nesta categoria de tempo livre, o que indica que muitas escolas acabam por gerar um tempo ocioso para o aluno, possivelmente pela falta de professores.

Os alunos poderiam ter escolhido distintas formas de passar o tempo livre. Ao indicar que gostam de utilizar seus celulares nesse período, reforçam o fascínio que a tecnologia tem exercido nessa população. Esta opção ressalta a colocação de Castells (2012) de que hoje os jovens constroem sua identidade a partir do uso desses aparelhos. Ao mesmo tempo, o uso dos celulares demonstra uma compulsão à ocupação de todo o tempo, o que, segundo Türcke, (2010) é especificada em uma compulsão à emissão.

Shirk (2011) aponta que a sociedade gasta boa parte do seu tempo livre em frente à televisão. Com a internet, este tempo livre se torna um excedente cognitivo disponível que cria oportunidades sem precedentes. Caso os educadores entendam esse tempo livre como oportunidade de aproveitar esse excedente cognitivo dos alunos, as aulas vagas poderiam ser direcionadas ao uso da internet para projetos colaborativos como o Wikipedia³⁹.

Comunicação

Trata das ações de conversar e se informar, muitas vezes pelas redes sociais.

Esta categoria apareceu nas respostas ao questionário sobre o motivo do uso do aparelho móvel pessoal na escola:

- *Saber das novidades*
- *Conversar com amigos via aplicativos de rede social*
- *lazer, e as vezes para pesquisas ,ou pra sempre estar por dentro dos assuntos da midia*

³⁹ A Wikipédia é um projeto de enciclopédia coletiva universal e multilíngue estabelecido na Internet que tem como objetivo fornecer um conteúdo reutilizável livre, objetivo e verificável, que todos possam editar e melhorar. Há um projeto educativo relacionado ao Wikipedia que pode ser visto em <<http://youtu.be/nrDv5pTX1I0>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Em relação à pergunta se a escola deveria permitir o uso de aparelhos celulares na sala de aula, uma participante justificou:

- *Ajudaria a entrega rápida de trabalhos, usariamos para nos aprofundar nas materias e pesquisar pela mesma.*

Uma das entrevistadas, quando perguntada sobre o que mudou na sua vida quando começou a utilizar *smartphone* com acesso à internet, respondeu:

- *Aluno 2: mudou que facilitou a comunicação com as pessoas que estão longe..*

Uma das principais mudanças sociais decorrentes da internet foi na forma de comunicação. A possibilidade de trocar informação em qualquer hora ou local com um aparelho móvel conectado à internet potencializa não só a recepção como a emissão de informações. Muitas destas conversas *online* são em tempo real, por aplicativos como o Hangout, Facebook Messenger, Twitter e WhatsApp.

Dados desta pesquisa apontam que a escola em geral não aproveita essa disponibilidade de interação *online* dos alunos. Uma aluna, ao indicar que gostaria de entregar os trabalhos pela internet, expõe o desejo de que a natureza de compartilhar e trocar informações na internet possa acontecer não somente quando ela é usuária da rede como quando ela é aluna de uma escola. Viabilizar uma melhor comunicação pela internet entre escola e alunos poderia ser um caminho de aproximação.

O caso de Isadora Faber mostra o poder de uma jovem com um celular com acesso à internet em uma escola. Essa estudante de 14 anos, do Ensino Fundamental de uma escola pública de Florianópolis, criou uma página no Facebook em 2012, chamada “Diário de Classe”⁴⁰, para expor alguns problemas da sua escola. Atualmente a página tem mais de 625 mil curtidas, ela ganhou inúmeros prêmios e até formou uma ONG⁴¹ em seu nome para trabalhar questões na área de educação. Ou seja, a página dela, a partir da exposição na mídia, fez com que ganhasse enorme capital social na rede.

Neste cenário, os professores e pais dessa escola apontam⁴² que a página da Isadora tornou-se fonte de ataques à classe dos professores e aos funcionários públicos, com uso indevido de imagens e citação de nomes de trabalhadores. Para dar outra visão sobre os fatos,

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁴¹ Disponível em: <http://www.ongisadorafaber.org.br/ONG_Isadora/Bem-vindos.html>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁴² Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-versao-dos-professores-da-escola-de-isadora-faber>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

a escola criou a sua página no Facebook⁴³. Contudo, a falta de notoriedade da página da escola fez com que a opinião pública em geral ficasse a favor da Isadora, principalmente por sua visibilidade, popularidade e reputação na rede. Bilton (2010) afirma que, diferentemente dos jornais, que buscam uma forma mais imparcial de relato, a cobertura por cidadãos na internet tende a defender uma postura política.

Na comparação geral só das fotos disponíveis nas duas páginas, é possível ver que no “Diário de Classe”⁴⁴ há imagens de problemas de infraestrutura na escola, da merenda escolar, e várias fotos da Isadora em diferentes eventos. Já na página da escola⁴⁵, há fotos de passeios, atividades, festas, trabalhos e em todas com a presença de alunos, indicando que é uma escola em funcionamento com diversas atividades registradas. Por mais que a escola tenha sua autoridade na vida real, no ambiente virtual foi a página da Isadora que adquiriu autoridade pelo seu poder de influência.

Estabelecer comunicação por meio da internet pode ser um caminho para que a escola e seus alunos consigam estabelecer diálogos para benefício mútuo. Além disso, a escola pode aproveitar sua influência na vida real, a fim de alavancar seu capital social dentro da internet para uma comunicação mais efetiva. Nesse sentido, ela poderia aprender com seus alunos as melhores estratégias neste tipo de iniciativa.

Redes sociais

Trata do uso específico de sites de redes sociais pelos alunos. Entre as mais citadas estão o Twitter, Facebook e WhatsApp.

Esta categoria apareceu nas respostas ao questionário sobre o motivo do uso do aparelho móvel pessoal na escola:

- *Uso para entrar nas redes sociais*
- *entrar no twitter*
- *Quando nao ten aula, uso para escutar musica ou twitter. E de vez em quando uso o wtp*
- *Conversar com amigos via aplicativos de rede social*

⁴³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/E.B.M.MariaTomaziaCoelho?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC/photos_stream>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/E.B.M.MariaTomaziaCoelho/photos?collection>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

No Twitter, houve citações da relação entre escola e esta própria rede social:

- *se estudar fosse bom o twitter tava vazio*
- *De boa no twitter na escola*
- *Quero pessoal do twitter na minha escola // Não quero pessoal da minha escola no twitter*

Nas entrevistas, o uso das redes sociais apareceu como vício que dificulta a utilização da internet na sala de aula:

- *Aluno 3: Para pesquisa, é para pesquisa que ai bom é notebook ou celular para fazer uma pesquisa você tem que ter um senso crítico, ai uma professora tava explicando isso p mim, ela falou assim q da para ter um bom uso para pesquisa, mas infelizmente a escola não autoriza por causa q nem todo mundo colabora na pesquisa fica nessa tipo de redes sociais*
- *Entrevistador: Você acha q se rolasse autorização, a galera conseguiria se concentrar e fazer um uso mais didático destas ferramentas, ou não tem como, se tiver acesso o pessoal vai acabar indo para redes sociais?*
- *Aluno 3: Bom, eu não vou falar em geral, grande parte vai apelar para redes sociais, tipo de 30 alunos uma meia dúzia vai se interessar na pesquisa*

As redes sociais são uma categoria importante, pois a partir da utilização pelos alunos do Twitter na escola, foi viabilizado o acesso a estes sujeitos de pesquisa. Um aspecto importante das redes sociais é que um perfil é uma declaração não só sobre quem você é, mas quem você quer ser (TURKLE, 2011).

As redes sociais acabam por atrair os estudantes, pois nesse espaço eles podem trocar informações e se socializarem. Nesse meio social, *ser* equivale a *ser percebido* (TÜRCKE, 2010). Ou seja, há certa busca pela atenção dos demais. Cada rede social tem em seu *layout* uma forma de quantificar a popularidade de uma mensagem ou de um usuário. No Facebook é o “curtir” e “compartilhar”; no Twitter, o retuíte (RT) e a citação (@); e no Google +, é o +1. Entender os detalhes da comunicação dos jovens nessas redes sociais pode dar informações relevantes, como no segundo estudo-piloto deste mestrado, em que se notou que os jovens que reclamam da escola muitas vezes se expressam a partir do compartilhamento de uma mensagem de outro.

Jovens estão desenvolvendo novas normas e competências sociais que são especificamente para as vivências nas redes sociais, tais como a forma de articular amizades, como ser educado com seus pares, e como criar, mediar ou evitar dramas. Para os jovens que esperam ter sucesso socialmente em suas redes, tais tipos de novos letramentos de mídia estão se tornando cruciais para essa participação (ITO *et al.*, 2009).

Um dos tuítes indicou o desejo de que não gostaria do pessoal da escola no Twitter, mas do pessoal do Twitter na escola dela. Ou seja, no Twitter é possível seguir quem você tem interesse e afinidade para acompanhar o que a pessoa escreve. O que indica que ele deseja se socializar com pessoas com as quais compartilha os mesmos interesses. Ao mesmo tempo que isso ajuda na socialização, por outro lado pode favorecer a criação de filtros bolhas (PARISER, 2012), induzindo a ficar sempre nos mesmos assuntos. Um dos desafios da escola é mostrar a importância de os estudantes conhecerem outros pontos de vista para respeitarem mais uns aos outros.

Létti (2013) apresenta a tese de que é necessário compreender o que atrai os jovens no uso das redes sociais para compreender que estes pontos podem servir de base para a reestruturação da escola

Transgressão

Uso dos celulares na escola por estudantes contrariando as regras de proibição. Indicativos de que estas normas têm pouca efetividade, dado o uso generalizado desses aparelhos na escola.

No questionário, esta categoria apareceu nas respostas à pergunta se a escola deveria permitir o uso desses aparelhos em sala de aula. Alguns apontam que a restrição ao uso não tem efeito, pois todos usam de qualquer forma; outros apontam que esta proibição apenas instiga o uso:

- *Os alunos usam de qualquer jeito...*
- *Sim, pois, a intenção é: proibir e os alunos não usarem/levarem celular a escola. Mas, proibindo só sobra a opção de usar escondido, o que piora toda a situação.*
- *Proibir só da mais vontade de usar*
- *Não acho certo usar o celular na aula, eu uso mas acho errado!*

No Twitter esta foi uma das categorias mais frequentes nos diálogos, principalmente quando perguntados se a escola permitia ou estimulava o uso dos aparelhos ou qual a justificativa para a proibição:

- *@Twtescola Não, minha escola nem permite celular, mas eu uso pq sou vida loca (todos usam) euoieuo'*
- *@Twtescola nao mais eu uso mesmo assim to nen aai praa eles to gastando os MEUS creditos bjs #MPN #LuanSantana*
- *@Twtescola nao mais eu uso pq eu quero... rç*
- *@Twtescola proibido acesso, mas regras são feitas para serem quebradas ne.*
- *@Twtescola nao, mexo escondido msm kk*
- *@Twtescola n pode mas eu uso pq ninguem tem moral de mandar em mim alem dos meus pais ;)*
- *@Twtescola hmmm acho q é pq nós não gostamos de regras e limite por isso mesmo sendo proibidos nós usamos*

Na entrevista aparece a mesma constatação de que a proibição não tem muito efeito:

- *Entrevistador: Há alguma regra de uso de celulares/smartphones na sua escola?*
- *Aluno 2: que não pode usar durante a aula, mas não é muito obedecida..*

O argumento principal é a de que o uso de celulares pode tirar a atenção dos alunos e prejudicar o andamento da aula. Tanto leis quanto regimentos escolares seguem esta lógica do controle e da imposição. Contudo, o acesso escondido aos *smartphones* para navegar na internet durante uma aula tediosa aponta para outro problema. A atenção do aluno não será alcançada apenas com a proibição do uso destes aparelhos, pois há diversas formas de passar o tempo sem prestar atenção no professor.

Um dos argumentos de que o acesso à internet causa distração e, com isso, o rendimento dos alunos fica prejudicado é contestado por alguns alunos que apontam o contrário. Quanto perguntado se a escola deveria permitir o uso do celular na sala de aula, a resposta foi:

- *eu acho que sim, pois a maioria usa e não vamos tão mal nas notas quanto dizem, aliás vamos bem melhores*

Há também o orgulho mencionado pelos alunos não só em transgredir uma regra, como também em conseguir a senha do Wi-Fi da escola para utilizar a internet:

- *Entrevistador: Você falou que usa o Wi-fi da escola, o Wi-fi é liberado ou vocês conseguiram a senha?*
- *Aluno 3: Eu consegui a senha*
- *Entrevistador: E a galera meio q distribui a senha*
- *Aluno 3: Eu não distribui porque senão eles mudam, eu distribui uma vez. Então só eu e umas 10 pessoas sabem a senha*
- *Entrevistador: Como vocês conseguem?*
- *Aluno 3: é, bom eu no caso eu descobri por que meu professor me deu uma brecha em sala. Ele falou e eu estava prestando atenção*

Estas colocações remetem à tentativa do governo do Irã de fechar a internet do país, mas que não foi efetiva, pois os ativistas encontraram meios de burlar essa barreira. Ou seja, há desejo dos alunos de estarem *online*, mas a principal resposta da escola é a negação. Uma negociação sobre regras de uso com os alunos poderia ser mais efetiva do que a simples proibição que, acaba por ser, na maioria das vezes, burlada.

Usos didáticos

Aproveitamento dos aparelhos móveis em atividades sugeridas pelos professores e do uso espontâneo dos alunos.

Alunos

No questionário, 52% afirmaram utilizar seus aparelhos pessoais para algum uso didático em sala de aula. As principais utilizações foram em relação à pesquisa e ao uso para cálculos, conforme expuseram:

- *as vezes para pesquisar algo na internet, sobre a matéria e etc*
- *Hoje mesmo, tive de fazer uma redação com tema livre, então, decidi procurar algum tema polêmico na internet.*
- *para caucular contas...*
- *usei para estudar um tema do trabalho , pois tinha faltado no dia anterior e teria prova na ultima aula*

- *precisei saber o significado de algumas palavras e fui pesquisar, precisei saber sobre osmose,meiose,mitose etc (biologia) e pesquisei.. enfim, é muito necessário*

Algumas sugestões dos alunos sobre o uso didático desses aparelhos surgiram na questão que indaga se a escola deveria permitir o uso destes aparelhos em sala de aula:

- *O uso do aparelho celular deveria ser utilizado para ajudar nas pesquisas escolares. Não só o celular mas o computador.*
- *acho que seria bom para fazer trabalhos , pesquisar e ir a fundo nos assunto que esta sendo estudado*
- *olha depende ,creio que deveria sim autorizar pra fontes de pesquisas e etc pois nem sempre a sala de informatica esta disponivel para os alunos, se os alunos optarem por lazer o azar e deles estuda quem quer, e ate melhor que use o celular pois assim não atrapalha o estudo dos outros alunos que querem estudar*

Outras sugestões dos alunos surgiram com a resposta à pergunta sobre como a escola deveria aproveitar o uso desses aparelhos em sala de aula:

- *Poderia pedir trabalhos com pesquisa em aula porque ai teriamos onde pesquisar ne , porque como na minha escola é proibido trabalhos com pesquisa nos fazemos apenas em casa*
- *Eu acho que deveriam passar mais filmes, fazer mais pesquisas interativas no computador da escola, trabalhos em grupos...*
- *fazendo aulas temáticas, ou seja, passa filme num ipad etc...*
- *Pesquisando sobre materias e usar os materiais que não estão disponiveis na sala de aula*
- *Tornando as aulas mais interessantes, pq so falar falar e falar cansa.*
- *buscas mais praticas,obviamente não vai ficar direto com o celular,mas para alguma pesquisa,ou registro seria de grande importância*

No Twitter, o discurso que predominou foi o de que a tecnologia seria uma forma de aumentar o interesse dos alunos nas aulas:

- *@Twtescola siim ! no cmc do ano ganhamos netbooks pra usar nas aulas q fossem necessaria*
- *@Twtescola concordo plenamente,a tecnologia hj em dia está presente em tudo,com toda a certeza ela estimularia nosso aprendizado*

- *@Twttescola sla, acho que dando materias extras ou exercicios para fixar melhor a materia ou algo do tipo*

Nas entrevistas foi questionado se as redes sociais poderiam ter algum uso didático, segundo os alunos. Eles se posicionaram:

- *Aluno 1: Não, twitter, facebook e essas redes sociais não tem muito uso didático, mas o google sim.*
- *Aluno 2: acho que o facebook sim, poderia fazer um grupo p a sala e postar videos, materias etc p ajudar nos estudos.*
- *Aluno 3: Não, acho extremamente desnecessario q acaba ate atrapalhando, eu mesmo faco pesquisas durante a aula, mas querendo ou nao sempre acabo dando uma olhada no Twitter*
- *Aluno 3: Bom, acho que seria interessante autorizarem levar notebook na escola, esses negocios*

Nota-se que a utilização didática dos alunos acaba decorrendo de alguma dúvida ou atividade de aula em que ele acaba naturalmente por recorrer ao celular. Os alunos trazem para escola o costume de realizar uma pesquisa na internet quando têm alguma dúvida ou mesmo quando precisam de inspiração. Isso fica evidente no caso do aluno que precisava de um tema para redação e decidiu buscar na internet algum assunto polêmico. Neste ponto os professores poderiam ensinar técnicas de pesquisas e formas de averiguar a veracidade de uma informação, dando mais ferramentas para os alunos usarem a internet de forma consciente e crítica.

Além dos celulares, foi citado o uso de computador, *notebooks*, *netbooks* e *Ipad*. O que no geral apontou que independente da ferramenta tecnológica utilizada, qualquer um desses irá aumentar o interesse dos alunos pela aula.

Uma discussão aprofundada nas entrevistas foi sobre o uso de redes sociais para fins didáticos. Quando perguntados no Twitter se esta rede poderia ser utilizada em sala de aula, a maioria respondeu que sim. Contudo, nas entrevistas fica evidente que uma reflexão maior aponta para utilização dos grupos no Facebook ou do Whatsapp como forma de interação de uma turma, ou pesquisas no Google. Contudo o Twitter não foi indicado como possível ferramenta didática. Talvez o conceito dos alunos de que se pode ter um aproveitamento didático ainda esteja pautado no modelo pedagógico que eles vivenciam na escola. Suas sugestões tendem a apenas aprimorar atividades que já realizam na escola, de forma que a tecnologia as torne mais convenientes.

Professores

O uso didático que os professores fazem de aparelhos móveis apareceu quando perguntado aos alunos se eles já utilizaram o próprio celular na aula para fins didáticos. As respostas abaixo indicaram que estas ações ocorreram a pedido ou autorizado pelos professores:

- *procurar o significado de uma 'tal' palavra em aula de história com autorização do professor*
- *Em algumas aulas os professores deixa o uso de celular para fazer algumas pesquisas. Por exemplo: a professora de sociologia nos deixou utilizar o celular para fazer o trabalho*
- *Para aula de ciências quando perguntamos uma coisa que o professor não tinha certeza, assim pesquisamos e respondemos*

Houve uma pergunta específica no questionário se algum professor já realizou atividade didática aproveitando os aparelhos móveis dos alunos, ao que eles disseram:

- *sim, foi muito bom tivemos que tirar fotos um do outro a maioria não gostou mas eu particularmente gostei muito.*
- *Nao mas as vezes alguns professores deixam levar o notebook para fazer os trabalhos*
- *Rápidas pesquisas ou uso de notebooks de alunos para aulas com slides.*
- *Sim, vimos vídeos sobre as guerras no notbook do professor*
- *sim já em dia de seminário e autorizado o uso de notbook na sala*
- *Sim, em uma conta com números muito grandes, na matéria geografia.*
- *sim.. fomos no mangue fazer uma pesquisa de campo e foi utilizado smartphones,câmeras,tablets para registrar o que era pedido*

No Twitter, houve o relato do uso em uma aula de literatura e um comentário sobre a necessidade de professores mais interativos:

- *@twtescola ele fala p gente pesquisa alguns tweets interessantes e sobre literatura*
- *@twtescola.a tecnologia impreciona os alunos ,e logo as aulas ficariam mais interessantes, mas precisariámos de professores mais interativos*

A observação do aluno apontando que o uso da tecnologia na escola demandaria professores mais interativos é um indício de que eles acreditam que o uso da tecnologia aponta para outro modelo pedagógico.

Há dois casos que citam as fotos a partir de *smartphones* como forma de trabalhos escolares. A fotografia pode ser trabalhada tanto como forma de linguagem como forma de registro. Sua utilização já demonstra a atualização desses professores em dialogar com uma juventude cada vez mais exposta a imagens. Trabalhar para que os alunos entendam como ocorre a criação de imagens pode dar mais criticidade na leitura deste mundo audiovisual.

O uso do *notebook* como ferramenta didática foi mais citado pelos professores do que pelos alunos, possivelmente porque estejam mais familiarizados com seu uso para fins didáticos, principalmente como forma de ilustrar a aula, seja com apresentações ou projeções de filmes.

Consequências do uso

Referem-se aos desdobramentos do uso constante dos aparelhos móveis dos alunos. A partir dos dados, as categorias que emergiram foram a distração como falta de atenção, problemas relativos à privacidade pelo uso inadequado de redes sociais e “cola” nas provas possibilitada pela comunicação entre alunos por meio dos seus celulares.

Distração

Trata tanto do uso do celular como forma de passar o tempo, mas muitas vezes como algo que tira a atenção dos alunos da aula.

Na pergunta do questionário sobre a motivação do uso do aparelho na escola, houve as respostas:

- *eu uso o aparelho em aulas vagas e no recreio para me distrair*
- *Me distrair na hora do intervalo*

Já quando questionados se a escola deveria permitir o uso destes aparelhos em sala, há alunos que concordam com a proibição, pois acham que seu uso prejudicaria os estudos:

- *as escolas estão certa em proibir, o aparelho já causa distração sendo proibido, se fosse liberado vai ter alunos que não vão mais querer estudar*
- *Muitos alunos deixam de estudar para mexer em seus aparelhos, isso prejudica.*

Na questão sobre a justificativa da escola para a proibição, é recorrente o argumento de que a distração é um dos motivos da proibição do uso de celulares em sala de aula:

- *há sim, eles usam a justificativa que vamos nos distrair e nossas notas irão diminuir. Ficaremos prejudicado, o que não acontece.*
- *A justificativa é que não é permitido para não tirar a atenção das pessoas, mas mesmo sendo proibido algumas pessoas ainda assim não prestam a atenção mas porque não querem então acho que proibir não muda muita coisa*
- *Dentro da sala de aula não pq realmente o aluno se distrai, mas mesmo assim muitos levam e usam durante as aulas, alguns professores até deixam ouvir música no foninho mas alguns tomam o celular acredito que seja por que desconcentra o aluno.*

A mesma relação entre distração e queda no aprendizado surgiu no Twitter quando questionados sobre o motivo da proibição do uso:

- *@Twtescola pq normalmente tira o foco dos alunos prejudicando o estudo, eu acho*
- *@Twtescola dizem que dispersa a atenção dos alunos na hora da aula*
- *@Twtescola eles dizem que tiram nossa atenção e assim tiramos notas ruins.*
- *Professor libero o celular u.u pra gente nn encher o saco dele kkkk*

Ainda no Twitter, quando questionados se caso a escola estimulasse o uso da internet, isso geraria mais interesse nas aulas ou geraria mais distração, as respostas foram:

- *@Twtescola suponho que os dois, existe alunos dedicados que ficariam mais participativos, e os vagabundos iam se distrair bem mais*
- *@Twtescola Lógico.. rs, mas vamos destrair um pouco ne*

O projeto de Lei 2.246-A⁴⁶ de 2007 da Câmara dos Deputados, que veta o uso de celulares nas escolas públicas do Brasil, tem como um dos argumentos que estes aparelhos tiram a concentração dos alunos.

O crescente volume de informações disponíveis na internet nos coloca o desafio de filtrar e coordenar esse fluxo de dados. Esses dados decorrem não só de notícias de sites, como de *posts*, fotos, mensagens, SMS, e-mails e notificações de amigos e conhecidos nas

⁴⁶ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286&filename=Avulso+-PL+2246/2007>. Acesso em: 10 fev. 2014.

redes sociais. Um *design* atual de muitas redes sociais, como o Twitter e o Facebook, é a linha do tempo (*timeline*). Neste formato de apresentação, as postagens mais atuais ficarão no topo da página e são mantidas lá caso seus amigos curtam ou comente; caso contrário, o *post* irá “para baixo”. Quanto mais amigos e páginas haja em suas redes, mais *posts* são lançados na linha do tempo, e mais difícil é acompanhar tudo. Isso pode gerar a atenção apenas àquilo que é muito popular ou que nos chame muito a atenção. Saber controlar a atenção hoje em dia é uma das melhores ferramentas para lidar com este fenômeno. Alguns autores (RHEINGOLD, 2012; JOHNSON, 2012) indicam a importância da meditação para aprimorar este controle. Algumas empresas do Vale do Silício, atentas a isso, já têm em seus programas práticas meditativas para melhorar a atenção dos funcionários (SHACHTMAN, 2013).

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos aponta a importância da escola de ensinar estratégias cognitivas de foco para que o aluno saiba quando ele pode se distrair e quando ele precisa se focar sem distrações. Para isso, alguns professores universitários combinam com seus alunos fazer, a cada 15 minutos, um intervalo de 1 a 2 minutos para que eles chequem seus e-mails e redes sociais (ROSEN *et al.*, 2011).

Uma pesquisa com estudantes dos EUA (BRACKEN *et al.*, 2010), a fim de estudar a diferença de percepções entre eles, fez com que assistissem ao mesmo conteúdo em tela de Ipod de 2,5 polegadas e em televisão de 42 polegadas. Os estudantes acharam a experiência de ver no Ipod duas vezes mais imersiva e engajadora do que ver na TV. Um dos argumentos era que o uso de fone de ouvido no Ipod fazia com que eles se isolassem do resto do mundo, além de experimentarem maior senso de controle da experiência porque eles estavam segurando os dispositivos em suas mãos. Como as telas dos Ipods são parecidas com celulares, tais considerações podem servir de base para explicar que a distração que os celulares causam decorre de a imersão dos alunos em um conteúdo que está na palma da mão.

Os dados apontam que a distração dos alunos pode decorrer do desejo de entretenimento no intervalo ou de uma alternativa a uma aula chata. Tirar a atenção do aluno é um dos principais argumentos para a proibição do uso de celulares em sala de aula, pois pode vir a prejudicar seu rendimento nos estudos. Um dos pressupostos desta afirmação é o de que os alunos sempre utilizam os celulares na escola para fins pessoais, não relacionados à aula. Os dados desta pesquisa mostram que há o uso espontâneo dos alunos para pesquisas na internet a fim de solucionar dúvidas de aula, o que contradiz este pressuposto.

Privacidade

Trata principalmente de problemas decorrentes do uso inadequado do celular para postar mensagens ou imagens indevidas, o que coloca em discussão a relação do público/privado e do presencial/virtual.

No questionário, quando perguntado se a escola deveria permitir o uso desses aparelhos em sala, um aluno indicou questões de privacidade em relação ao contato com seus pais:

- *Levo meu celular caso meus pais queiram falar comigo, e eu sei que eles ligam para MIM e NÃO para a escola*

Na justificativa da proibição do uso, em determinada resposta argumentou-se que um dos motivos da proibição é evitar que fotos não autorizadas de outros alunos circulem nas redes sociais.

- *Para não postarem fotos não autorizadas de outros alunos em redes sociais.*

A questão da privacidade foi explorada em duas entrevistadas que indicaram casos pessoais que trataram de questões entre público/privado e presencial/virtual:

- *Entrevistador: Já houve algum problema na escola de alguém compartilhar alguma foto q não devia de outro aluno(a) ou professor(a)?*

Aluno 4: Já, essa foi comigo. Publiquei uma foto minha e da minha amiga no instagram e tinha esquecido que tinha gente da escola que tbm tinha

Entrevistador: Pq vc nao devia postar a foto de vc e sua amiga no Instagram?

Aluno 4: É, professores poderiam ver, e tanto é que viram, e tanto é que quando levo o celular pra escola ele está desligado

- *Entrevistador: mas ja rolou algum outro problema em relacao a fotos em redes sociais?*

Aluno 1: Não, mas por falar alguma coisa em uma rede social já.

Entrevistador: como foi? alguem criticou um professor?

Aluno 1: Foi assim: eu não gostava de um professor, na verdade odiava ele, então xingava ele no twitter, de todos os palavrões e ofensas possíveis. Um dia, eu achei o twitter dele e xinguei diretamente para ele, então ele viu e imprimiu isso e mais tudo o que eu tinha falado xingando ele no twitter, ele chamou minha mãe lá e

ameaçou de denunciar por danos morais. Mas acabou que eu tive que pedir desculpas a ele então ele não denunciou.

Entrevistador: Vc acha q ele reagiu de forma adequada?

Aluno 1: Não sei, porque na verdade eu queria mesmo que ele não tivesse ligado e eu não teria que ter passado pela humilhação de pedir desculpa a ele, mas considerando as ofensas que eu disse a respeito dele, eu acho que sim.

Entrevistador: Vc preferiria q ele tivesse discutido com vc dentro do Twitter?

Aluno 1: Sim

Entrevistador: Acho mt interessante este seu caso, quero entender um pouco mais. Se por um acaso, um colega da sua escola comesse a te xingar dentro do Twitter, o q vc faria?

Aluno 1: Xingaria ele de volta, PELO TWITTER. E só se ele viesse me xingar pessoalmente é que eu xingaria ele pessoalmente também, mas se não, continuaria no twitter.

Entrevistador: Vc acha q seu professor ao imprimir o q era algo do Twitter p levar escola, meio q “apelou”?

Aluno 1: Talvez sim, porque os problemas dele comigo, não são os problemas da escola e acho que ele fez isso para que isso pudesse chegar à minha mãe.

Entrevistador: Vc acha q seus xingamentos no Twitter chegaram a ser lidos p outros alunos deste professor?

Aluno 1: Não, até porque eu não tenho conhecimento de ninguém de onde eu estudo que tenha twitter, então provavelmente não.

Compreender como estes jovens lidam com questões sobre privacidade na internet é fundamental para a escola e os professores. O conceito de privacidade para esta geração tem mudado. “Nós nos movemos do público para o privado e vice-versa por caminhos que não eram possíveis numa época em que mídias públicas e privadas, como o rádio e o telefone, utilizavam diferentes dispositivos e diferentes redes” (SHIRKY, 2011, p. 54).

Em relação ao aluno que diz trazer o celular para ter contato direto com os pais, Watkins (2009) aponta que o celular para as famílias norte-americanas tem sido aparelhos centrais para gestão da vida familiar, principalmente para os pais se atualizarem da agenda e do paradeiro dos filhos. Segundo o autor, em 2006 quando foi proibido o uso do celular nas

escolas da cidade de Nova York, os pais foram os que mais se manifestaram contra esta proibição, ao alegarem que o uso do celular pelos seus filhos era questão de segurança.

Um caso importante para compreensão da ideia de privacidade é o de alunos que postaram fotos das suas provas durante a realização do Enem (CALGARO, 2013). O Enem é o Exame Nacional de Ensino Médio, que desde 2009 tem sido utilizado, entre outras coisas, para ingresso em Instituições do Ensino Superior. Dado este valor, os critérios de segurança no exame têm sido cada vez mais rigorosos. Desde 2011, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) tem realizado o monitoramento das redes sociais para averiguar se há candidatos que postam fotos dentro de sala de aula durante o exame. Como o edital do exame prevê a expulsão dos candidatos que estiverem com o celular ligado durante a prova, uma foto da capa do caderno de prova que identifique o candidato é suficiente para expulsão do mesmo. O fato de alguns candidatos postarem isso pode decorrer da falta de leitura das regras do edital, da intenção de transgredir as regras, ou do comportamento padrão de compartilhar tudo, sem muita análise sobre a pertinência desta ação em determinado contexto.

O primeiro caso relatado na entrevista sobre a postagem de uma foto da amiga na escola segue este padrão. Como o uso do celular era proibido na escola dessa aluna, a postagem no Instagram era prova da violação da regra. O fato foi agravado porque alguns dos seus professores participam dessa rede e viram a foto. Isso fez com que a aluna tomasse mais cuidado nas próximas vezes, neste caso tentando deixar o celular desligado quando está na escola.

O segundo caso do xingamento já traz outro conceito para discussão: a separação entre o virtual e o presencial. Cada vez mais, a noção entre o presencial e o virtual começa a gerar dúvidas. Em 2013⁴⁷, um jovem paranaense foi preso por desacatar policiais no Facebook. No mesmo ano⁴⁸, o Tribunal de Justiça de São Paulo abriu uma jurisprudência ao condenar pessoas que curtiram e compartilharam conteúdos ofensivos no Facebook. Estes casos indicam que a justiça tem considerado que mensagens e “curtidas” nas redes sociais devem ter consequências reais. Pela ética dessa entrevistada, um debate no virtual deve ficar no virtual. Em seus estudos nos EUA, Turkle (2011) já havia identificado o mesmo padrão de jovens que acreditam que o que acontece na internet deveria ficar na internet.

⁴⁷ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/pr-jovem-e-presos-apos-xingar-pms-no-facebook-por-moto-apreendida,92540ea81c4a2410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html?ECID=BR_RedeSociais_Twitter_0_Noticia>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/12/internautas-condenados-curtir-compartilhar-posts-facebook.html>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Zuin (2008), ao analisar comunidades no Orkut como a intitulada “Eu tenho um professor F.D.P.”, afirma que no ambiente virtual os alunos usam do sarcasmo e de tom agressivo que, muitas vezes, não podem assumir na sala de aula por receio de retaliações:

O hiato comunicativo entre professores e alunos não pode ser atribuído exclusivamente às idiossincrasias dos agentes educacionais, pois conserva em si uma contradição social, ou seja, a contradição de uma sociedade que promete tudo, porém não cumpre (ZUIN, 2008, p. 100).

Esse autor propõe que os professores promovam reflexões para que os alunos não publiquem na internet apenas comentários decorrentes de um reflexo condicionado. Para isso, o professor deve se conscientizar da inevitabilidade do uso de tais tecnologias, por parte dos alunos, incitando à aproximação e não o distanciamento entre ambos (ZUIN, 2012).

“Cola”

O uso dos celulares para se comunicar durante as provas.

Este foi um dos argumentos apresentados como justificativa no questionário para proibição do uso desses aparelhos nas aulas:

- *Os professores dizem que é porque a escola não se responsabiliza por se acaso alguém perde-lô e também pq se fosse permitido os alunos se aproveitariam da oportunidades e fariam mau uso dele, como em momentos de provas...*
- *Para não compartilhar respostas de provas via sms.*

Em relato do questionário sobre como o professor aproveita os aparelhos móveis em sala de aula, o tema da “cola” surgiu:

- *Sim. A gente fazia prova de matemática com o aparelho mas alguns alunos começaram a colar por esse método, daí proibiram.*

No Twitter, o argumento de que o uso destes aparelhos pode auxiliar na “cola” de provas também apareceu.

- *@Twtescola q os alunos podem perder e a escola nao se responsabiliza e tambem pq em horas de prova os colegas podem se comunicar*
- *@Twtescola os professores falam que atrapalham, e alguns alunos colam em provas*

Na entrevista, há detalhes de como podem ocorrer essas “colas” com o uso de celulares:

- *Entrevistador: Você já ouviu algum caso de alguém da sua escola que conseguiu colar com celular/smartphone?*

Aluno 1: Sim

Entrevistador: como foi?

Aluno 1: Salvando informações pra colar como uma nota no celular, ou usando a calculadora do celular.

- *Entrevistador: Você já ouviu algum caso de alguém da sua escola que conseguiu colar com celular/smartphone?*

Aluno 4: Diversas vezes, e já foram pegos e tido as provas zeradas

Entrevistador: Vc sabe como eles faziam p colar? Copiavam a materia em um bloco de nota, ou tentavam buscar as respostas no google?

Aluno 4: acho que pesquisavam no google

Estudar a apropriação do uso da tecnologia pelos jovens é um caminho para entender tanto as potencialidades quanto os problemas decorrentes desse uso.

Analisando os métodos utilizados para “colar”, tanto anotar alguma informação no celular quanto uma pesquisa no Google dá indícios de que se tratava de provas que exigiam a memorização do conteúdo. Carr (2011) aponta que a memorização é parte fundamental do aprendizado. Ele ressalta que a memória humana é algo vivo, diferente da memória dos computadores. Como a memória está ligada à atenção, o fluxo constante de informações na internet tem dificultado esse trabalho. Esse autor destaca a importância da expansão da memória de longo prazo para o aumento da inteligência pessoal.

Levando isso em consideração, deve haver equilíbrio entre o que é importante ser memorizado, que irá gerar conhecimento e inteligência, e o que são detalhes que podem ser facilmente consultados na internet. De qualquer forma, caso essas provas exigissem mais raciocínio e arguição do aluno, provavelmente não seria por meio de anotações ou buscas na internet que eles conseguiriam elaborar sua resposta.

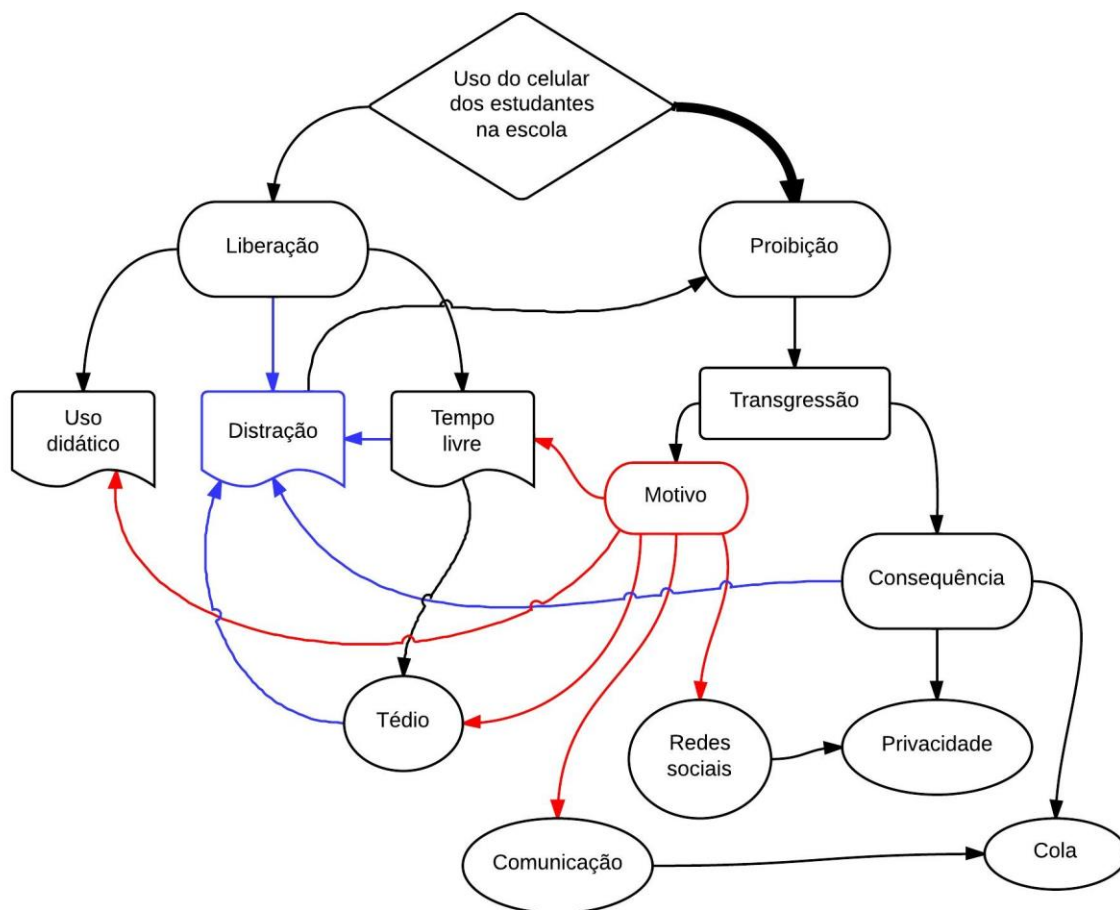
7.2 Codificação axial e seletiva: relação entre categorias e recomendações

Na codificação axial, além do estudo sobre como as categorias se relacionam, do ponto de vista analítico levou-se em consideração as condições, contextos, estratégias e consequências relacionadas ao fenômeno. Na codificação seletiva, houve a tentativa de uma

compreensão abstrata do fenômeno por meio da teorização (CHARMAZ, 2009), contudo considera-se que essa análise chegou a uma descrição detalhada do fenômeno a partir de ordenamento conceitual bem relacionado.

A partir da relação entre todas as categorias, foi possível montar o seguinte esquema:

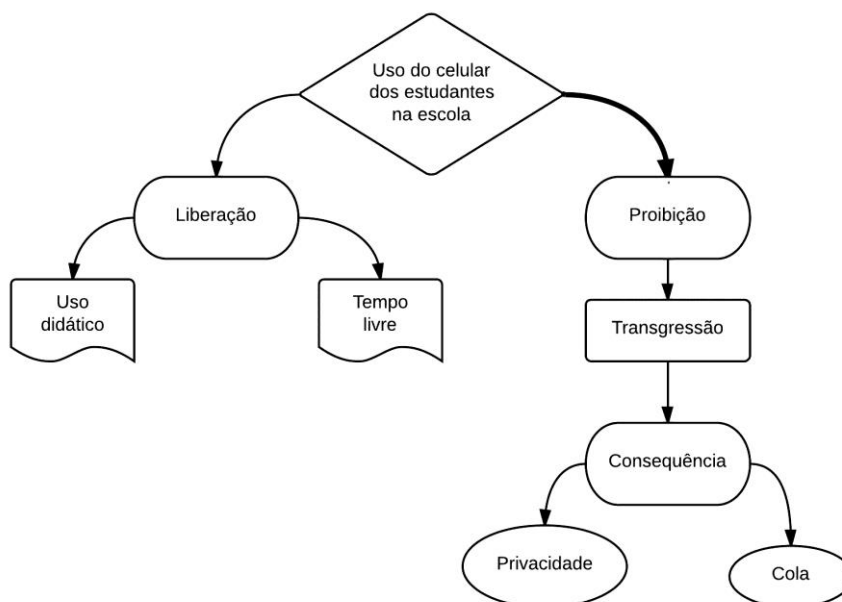
Figura 4 - Esquema da relação entre categorias e subcategorias da pesquisa



Fonte: autoria própria, 2014.

A priori, este diagrama parece um pouco confuso por conta das inúmeras relações estabelecidas. Não são relações de causa e efeito, por se tratar de fenômeno complexo, com inúmeros atores e disputas a serem consideradas. Compreender os vínculos entre as categorias acabou por gerar este esquema rede. Os nós mais importantes desta rede foram as categorias “motivo” e “distração” por, respectivamente, emanar (em vermelho) e receber (em azul) mais setas. Ou seja, para compreender esse fenômeno, é necessário entender os motivos que levam os alunos a usarem seus celulares na escola e saber que a distração é uma peça-chave a ser trabalhada nesta questão.

Figura 5 - Esquema da relação entre categorias e subcategorias da pesquisa sem as categorias de motivo e distração



Fonte: autoria própria, 2014.

Ao retirar deste esquema as categorias “motivo” e “distração” torna a leitura deste fenômeno superficial. Desconsiderar o motivo dos estudantes usarem seus celulares na escola impede a compreensão de inúmeros desdobramentos. Por exemplo, a motivação deles utilizarem as redes sociais pode ter como consequência problemas de privacidade em relação a divulgação de fotos inadequadas nestes espaços. Retirar a categoria de distração também empobrece a leitura pois esta categoria tem inúmeras variações de acordo com o contexto que são fundamentais para o entendimento do fenômeno. Um professor pode tanto considerar a distração ruim pois os alunos estão desconcentrados e prestando pouco atenção na sua aula, como ele pode utilizar a distração como ferramenta para que os alunos que já terminaram uma atividade fiquem entretidos com seus celulares não atrapalhando os demais.

Contexto e Condições

Para compreender o contexto desta pesquisa, é necessário retomar alguns dados da parte objetiva. O perfil geral desta pesquisa foi principalmente feminino (69%) com adolescentes de 11 a 18 anos (90%), majoritariamente das regiões Sudeste (38%) e Sul (35%).

Eram, em sua maioria, estudantes de escolas públicas (66%); todos do Ensino Fundamental ou Médio. Todos possuíam celular e/ou *smartphone*, a maioria com plano pré-pago de acesso à internet (59%), e utilizando o 3G (55%) para acessar a internet na escola, assim como a rede Wi-fi da escola (39%). Os principais sites/aplicativos utilizados pelos alunos foram o Twitter (25%), Instagram (17%), Whatsapp (16%) e Facebook (14%).

O contexto para ocorrer o uso do celular na escola é, em grande medida, decorrente da disseminação dessa tecnologia móvel no mundo, e, em especial, por jovens em idade escolar. Esses utilizam seus aparelhos para se comunicar, seja por ligações, SMS ou por meio do acesso à internet. O uso constante dos celulares para estar conectado tem sido importante na construção da identidade desses jovens. Ao mesmo tempo, isso tem disseminado uma cultura de comunicação livre para receber e emitir informações a todo momento em qualquer local. A escola acaba não incentivando esse movimento, ao tolher a liberdade com regras que proíbem o uso dos aparelhos nesse espaço. Em geral, leis e regulamentos escolares proíbem o uso no celular na escola por alunos e em alguns casos para professores também. As leis tendem a focar a proibição no espaço – instituição escolar e sala de aula - e as normas escolares direcionam a proibição para o horário de aula. Poucas leis ou normas escolares liberam oficialmente o uso no intervalo, contudo, a maioria dos alunos pesquisados informou que isso acontece na prática. O principal argumento para as proibições é o pressuposto de que os celulares tiram a atenção dos alunos na aula.

A partir dos dados coletados no questionário sobre as regras de uso do celular, destaca-se que 93% das escolas proíbem o uso na sala de aula. Mesmo assim, 86% dos alunos pesquisados costumam utilizar seu aparelho móvel para entrar na internet quando estão na escola. Perguntados se a escola deveria permitir o uso em sala de aula, 72% afirmaram que sim.

Os professores negociam a forma de aplicação dessas regras com cada turma. Há os que seguem estritamente as proibições e há aqueles que liberam o uso ao final de uma atividade para que o aluno se distraia e não atrapalhe os demais. Desta forma, a distração pode ser considerada tanto a falta de concentração do aluno ao assistir uma aula, como uma forma de prender a atenção do aluno no próprio celular a fim de não perturbar os demais.

Outra situação é a liberação do uso para alguma atividade da aula autorizada pelo professor, como fazer um cálculo ou uma busca na internet. Em síntese, a liberação pode ocorrer em três situações: no tempo livre (intervalo), para distração e uso didático. Para este cenário, há as seguintes considerações:

- Leis municipais ou estaduais que proíbem o uso de aparelhos eletrônicos portáteis na escola são de pouca efetividade. Em geral servem apenas como argumento da escola e dos professores para proibição. A simples proibição sem conhecimento da dinâmica do espaço escolar gera leis inócuas que apenas ressaltam um aspecto ameaçador do celular na escola, que mais atrapalham do que ajudam a educação.
- A escola pode negociar, com os alunos, diretrizes para que o uso dos celulares nesse espaço não seja uma autoritária proibição seguida de punições. Os dados desta pesquisa apontam que os alunos têm noção de que são necessárias regras sobre o uso do celular na escola. O impedimento do uso tem gerado apenas revolta ou mais vontade de usá-lo. Abrir este debate na escola pode gerar uma reflexão nos alunos sobre quais seriam regras válidas para o uso do celular no ambiente escolar que eles cumpririam. Nesta discussão, os professores são fundamentais na construção dessas regras, pois são eles que acabam por regular efetivamente como ocorre o uso do celular na escola pelos alunos.

Estratégias e motivos

Os estudantes costumam levar seus celulares para a escola, e as condições dadas em geral são de proibição, este impasse tende a gerar uma transgressão às regras. Mais do que ato de rebeldia, é necessário compreender as motivações dos estudantes neste caso. Um dos motivos apresentados foi o tempo livre, com inúmeros relatos de aulas vagas, o que indica um problema de organização das escolas. O tédio decorrente desse ócio ou de aulas chatas em geral levou ao uso do celular como forma de entretenimento e distração. A necessidade de esses jovens estarem conectados o tempo todo foi indicado pelo desejo de usarem seus celulares para entrar nas redes sociais e se comunicar. Houve relatos também de um uso espontâneo do celular pelos alunos para fins didáticos, por exemplo, para buscar na internet algum tema polêmico para começar uma redação. Ou seja, o uso didático do celular ocorre tanto de forma espontânea pelo aluno sem autorização para o uso, como de forma direcionada pelo professor. Em geral, esse uso didático destina-se a ilustrar uma aula ou realizar alguma consulta. O desejo dos alunos é de que a tecnologia na sala de aula possa servir como facilitadora de algumas atividades didáticas.

Possibilitar um uso consciente da tecnologia para manejar muitas informações pode ocorrer por meio do letramento informacional. Este requer concepção de ensino-aprendizagem que favoreça o pensamento reflexivo e a aprendizagem significativa. Gasque

(2012) aponta como objetivos do letramento informacional para a educação básica a busca de informações na internet de maneira eficaz e eficiente, a utilização de critérios adequados para avaliar os canais e fontes de informação e a seleção, organização, relação dos dados e informações de vários autores com diferentes pontos de vista ao sintetizá-los em um resumo.

Ademais, escola e professores podem utilizar outras estratégias para que o uso da tecnologia ocorra de forma planejada:

- A escola pode aproveitar esta cultura dos alunos se comunicarem tanto para fins didáticos como para melhorar sua relação com eles. A maioria dos alunos pesquisados acredita que a escola poderia ser um local mais interessante com a utilização da tecnologia na sala de aula. Um ponto inicial neste uso didático é a busca da conveniência proporcionada pela tecnologia para facilitar atividades existentes. Na comunicação da escola com os alunos é importante entender que haverá manifestações dos alunos sobre a escola na internet que ela não irá controlar, contudo ela pode ouvir e estabelecer canais de diálogos na internet com estes para estabelecer parcerias.
- A falta de concentração nas aulas não será solucionada apenas com a proibição do uso da tecnologia. O fato de os alunos considerarem as aulas tediosas provavelmente decorra da falta de relação delas com a realidade e a expectativa deles. O primeiro estudo-piloto indicou que o uso da tecnologia em sala de aula pode direcionar parte da distração do aluno que está navegando em alguma rede social para o assunto da aula. Contudo, por mais que a tecnologia possa ser uma forma de adicionar motivação e interação às aulas, a mudança mais necessária é tornar a escola um local mais interessante, relevante e dinâmico para esse aluno.

Consequências

As consequências desse fenômeno decorrem de ações e interações dos alunos. A distração acaba sendo um dos principais argumentos das proibições do uso do celular na escola por leis e regimentos, pois pode tirar a concentração do aluno da aula. Ao lado disso, esta categoria pode ser considerada nesta pesquisa: entretenimento para amenizar o tédio/tempo livre ou concentração do aluno no uso do seu celular após o término de uma atividade, para não atrapalhar os demais. Em uma leitura mais geral, parte dessa distração

decorre da necessidade de lidar um intenso fluxo de informações, do desejo de estar conectado o tempo todo e da compulsão de emitir conteúdo, a fim de ganhar visibilidade ou interação nas redes. Menosprezar estes fatores culturais e sociais geram leis baseadas em uma visão restrita e pessimista da questão, como se a concentração do estudante se relacionasse apenas com a proibição do celular na escola.

Outra consequência do uso desses aparelhos são os problemas de privacidade, como a utilização inapropriada de redes sociais para xingar professores ou para postar fotos que não deveriam. Os sites de redes sociais são fortes motivadores do uso dos celulares pelos alunos, que podem utilizá-los tanto como meio de informação e socialização como para violar questões de privacidade.

Outra questão que surgiu na pesquisa é o uso do celular para “colar”, ao trocar mensagens com outro aluno ou uma eventual consulta à internet durante uma prova. Isso deriva da possibilidade de comunicação proporcionada pelo celular, que pode servir tanto para que o aluno fique mais informado, como para que ele consiga burlar uma avaliação. Para este cenário, há as seguintes considerações:

- Em relação a problemas de privacidade, a escola e os professores devem trabalhar a ética no uso da tecnologia. É papel fundamental da escola ensinar questões sobre atitude e civilidade, bem como destacar a importância do respeito ao outro. Muitas vezes o anonimato na internet facilita algumas ações que não seriam realizadas presencialmente, o que incita o desrespeito e a violência. A privacidade na internet é um tema atual que também pode ser abordado a partir da discussão sobre transparência (como o caso do Edward Snowden) e política (como o Marco Civil da Internet).
- A “cola” não se refere apenas a um problema ético do uso do celular em momento inadequado, pois pode indicar também avaliações mal formuladas que exijam memorização de detalhes facilmente solucionada com uma consulta ao Google. Neste caso, é necessário mudar a lógica não só das avaliações como da didática da aula, passando de ensino centrado em conteúdo já disponível na internet para a construção de um raciocínio e de um saber.

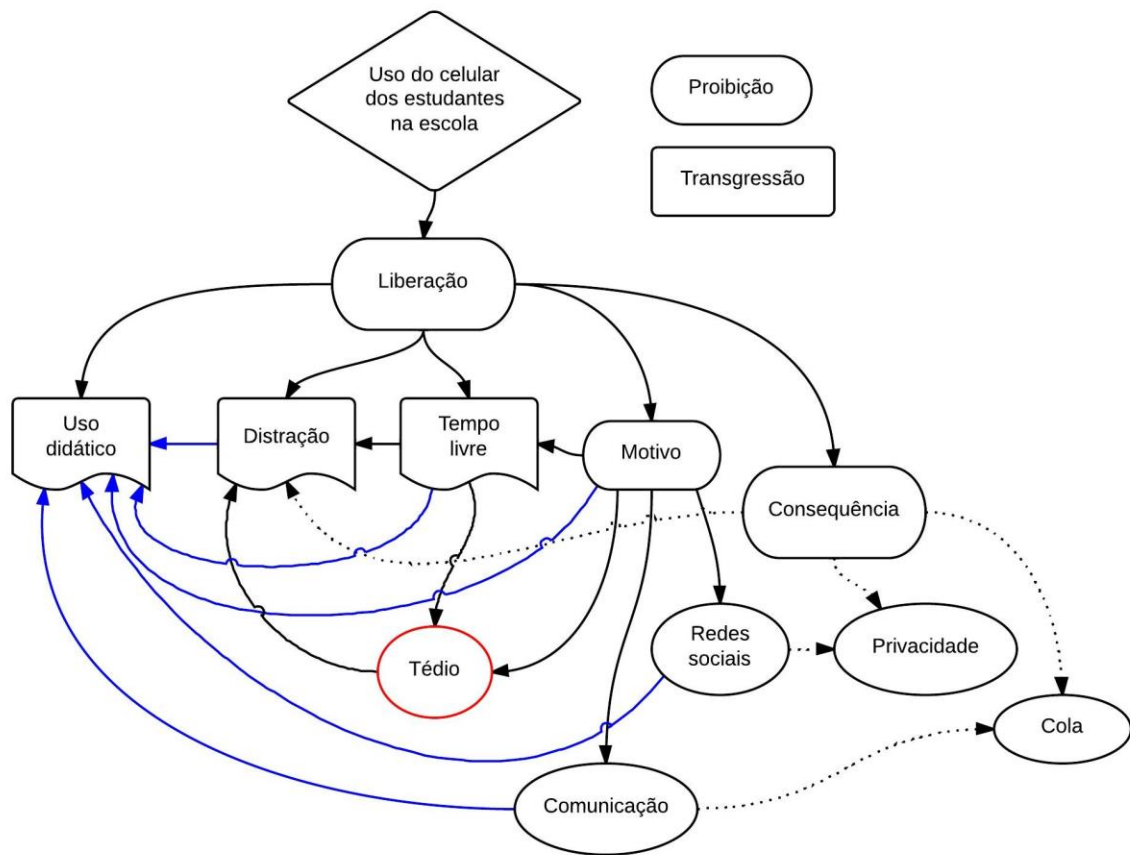
Síntese das recomendações

Caso houvesse uma negociação do uso do celular dos estudantes na escola, que retirasse a proibição, não haveria a categoria de “transgressão”. Nessa negociação, a escola poderia evitar consequências indesejadas, ao colocar que as condições de que os alunos não utilizariam os celulares na sala de aula como forma de distração, nem para “colar” nas provas, e fariam um uso ético não gerando problemas relativos à privacidade alheia. Mesmo com tais condições, o uso ético da tecnologia na escola deveria ser pauta dentro da sala de aula para uma conscientização a fim de que os alunos façam uso responsável da tecnologia.

As categorias de “distração”, “tempo livre”, “comunicação” e “redes sociais” têm vínculos potenciais com o “uso didático”. Antes de qualquer iniciativa da escola na tentativa de aproveitar este costume dos alunos, é necessária uma compreensão do fenômeno do ponto de vista cultural e social. O primeiro estudo-piloto mostrou a possibilidade de aproveitamento didático de uma rede social e indicou que parte da atenção dos alunos foi direcionada para a aula devido ao uso do Twitter. Nas aulas vagas dos alunos, há um excedente cognitivo que poderia ser estimulado em projetos tecnológicos (ou não) que despertem a motivação e a curiosidade dos estudantes. Os alunos desta pesquisa sugeriram que os grupos do Facebook pudessem ter um uso didático caso houvesse a postagem de vídeos e materiais das disciplinas. A comunicação poderia ser trabalhada para que os alunos adquirissem técnicas para aprimorar suas buscas, filtros e averiguações das informações disponíveis na internet. Para além destes exemplos, as escolas poderiam escutar o que seus alunos sugerem aprender e fazer com a tecnologia que levam para a escola. Provavelmente, eles teriam soluções mais criativas e inusitadas do que as aqui apresentadas.

A maioria dos alunos que responderam ao questionário indicou que o uso da tecnologia em sala de aula poderia aumentar o interesse deles na escola. Contudo, a categoria do “tédio” foi mantida como problema a ser refletido, pois a apropriação superficial dessas ferramentas só produziria um interesse superficial, sem gerar uma motivação verdadeira. Pensar como a escola pode vir a ter mais sentido na vida desses jovens conectados é uma questão não apenas para a área de educação, como para a sociedade em geral.

Figura 6 - Esquema de relação entre categorias e subcategorias da pesquisa a partir das recomendações



Fonte: autoria própria, 2014.

O esquema acima resume as sugestões para as escolas pensarem em possibilidades de trabalho a partir do entendimento do fenômeno. Em resumo, negociando a utilização dos celulares e retirando a proibição já diminui as possibilidades de gerar consequências negativas. Compreender as motivações dos alunos pode gerar desdobramentos não só para um aproveitamento didático como uma forma de aproximação entre a escola e os alunos por meio desta tecnologia.

8. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as motivações e desdobramentos do uso do celular por alunos na escola. Realizar este estudo utilizando a Teoria Fundamentada gerou categorias e análises que pretendem servir para a reflexão sobre este fenômeno atual. Esta metodologia foi de grande importância ao valorizar a análise dos dados na busca de relações e comparações que pudessem gerar uma teorização. O trabalho de relacionar as categorias fez com que esta pesquisa não ficasse apenas em uma descrição do fenômeno, mas buscasse uma compreensão de forma abrangente.

Ao se discutir a tecnologia na atualidade, é importante compreender as disputas que estão em jogo. Desde a construção da internet para fins militares, o debate entre software livre e proprietário, passando pelas discussões no Marco Civil da Internet e chegando às manifestações de ruas, há em todos estes casos disputas que ocorrem entre grandes organizações – seja governo ou empresas – e a sociedade civil. Neste cenário é importante educar politicamente os jovens para que não sejam somente consumidores/espectadores.

A normatização do uso do celular nas escolas estudadas – leis e regimentos escolares – tendem a proibir o uso de celulares e aparelhos sonoros na escola sob a alegação que isso irá prejudicar o andamento das aulas. Uma discussão democrática na escola para gerar um acordo sobre quando e onde usar o celular nesse espaço pode ter mais efetividade do que leis que impõem uma restrição de fora para dentro. O regimento escolar pode ser um caminho para uma construção coletiva entre alunos, professores e direção que sirva de orientação real ao uso de aparelhos móveis em cada escola. Mais do que impedir que os alunos tenham acesso a todo tipo de informação pelo celular, faz-se necessário que a escola ensine seus estudantes a filtrarem e navegarem com mais consciência neste fluxo intenso de informações.

A cultura jovem encontrou no telefone celular uma ferramenta adequada para expressar suas demandas por autonomia, conectividade onipresente e redes de práticas sociais compartilhadas (CASTELLS *et al.*, 2009). Entender as motivações dos alunos para usarem seus aparelhos na escola deve ser outro ponto a ser explorado na educação. Em geral, eles utilizam seus celulares porque estão entediados, têm tempo livre, querem se comunicar e entrar nas redes sociais. O tédio dos alunos pode decorrer de uma educação que pouco dialoga com sua cultura e seus interesses. O fato de eles já usarem seus celulares para trocarem informações poderia ser um meio de aprimorar a comunicação entre escola, alunos e comunidade escolar. Entender o interesse dos alunos no uso de sites redes sociais pode dar

pistas de como a escola pode se tornar um ambiente social melhor. Em geral, os estudantes indicaram mais a necessidade da conectividade do que a mobilidade. Como todos os alunos pesquisados possuíam celular, há indícios de que eles seriam mais felizes com uma boa rede Wi-Fi liberada na escola do que com um programa de distribuição de *netbooks*.

O uso intenso destas ferramentas pelos alunos pode trazer conhecimentos válidos para que a escola entenda sobre novas formas de comunicação e socialização. Antes de planejar uma apropriação didática dessas ferramentas móveis com projetos de *m-learning*, é necessário compreender culturalmente o significado do uso e da prática social dos alunos com seus celulares. Há uma quantidade imensa de informações sobre a escola que os alunos estão disponibilizando nas redes sociais que poderia ser explorado pela academia para compreender detalhes desta relação.

No fim, o professor é o principal ator social que terá que lidar no cotidiano com esta prática dos alunos. Para além das regras, ele terá que coordenar os desdobramentos deste costume na dinâmica da sala de aula. O cumprimento de regras proibitivas que determinam a retenção do aparelho e sua devolução aos responsáveis pode gerar na sala um clima pior do que se o professor liberasse o uso. Nesta encruzilhada, uma alternativa é tentar aproveitar este costume para fins didáticos. Esta prática não deve ser vista apenas como fator que pode ou não influenciar no desempenho dos alunos. Muitas vezes, a utilização de uma nova ferramenta tecnológica apenas reproduz um modelo de escola tradicional e pouco significativa ao aluno. Os aparelhos móveis podem ser explorados como forma de gerar mais facilidade e conveniência para algumas atividades didáticas já realizadas, sem necessariamente carregar um conceito de revolucionar a educação. Nesse sentido,

o professor que não respeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia... transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência (FREIRE, 1996, p. 66).

O professor e a escola devem trabalhar para que essa tecnologia possa ser utilizada pelos alunos de forma consciente e ética. É necessário ensiná-los que poder acessar as informações por um celular onde e quando quiserem não significa que eles devam fazer isso a todo momento. Como o uso desses aparelhos faz parte hoje da construção da identidade desses jovens, a escola pode partir desse interesse para se aproximar desses estudantes. Menosprezar a cultura que os alunos trazem da sua realidade é desperdiçar uma oportunidade de diálogo e parceria. A escola pode trabalhar com os alunos para o uso consciente da tecnologia, dando base para uma sociedade mais colaborativa, inteligente e criativa.

9. Referências

- ARTOPOULOS, A. Notas sobre a cultura juvenil móvel na América Latina. In: BEIGUELMAN, G.; FERLA, J. La (Org.). **Nomadismos tecnológicos**. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 35-53.
- ASSANGE, J. et al. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BILTON, N. **I live in the future & here's how it works**. New York: Crown Business, 2010.
- BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.
- BRACKEN, C. C. *et al.* Sounding Out Small Screens and Telepresence. **Journal of Media Psychology: Theories, Methods, and Applications**, v. 22, n. 3, p. 125-137, 2010.
- CALGARO, F. MEC elimina 36 candidatos do Enem 2013 por fotos em redes sociais. **UOL Educação**. 27 out. 2013. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/10/27/mec-elimina-36-candidatos-do-enem-2013-por-fotos-em-redes-sociais.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CARR, N. **A geração superficial: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros**. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede: A era da informação – economia, sociedade e cultura**. Tradução de Roneide Venancio Majer e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. *et al.* **Mobile Communication and Society: A Global Perspective**. Cambridge: MIT Press, 2009.
- CHARMAZ, K. **A construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes: TIC Kids Online Brasil 2012**. BARBOSA, A. F. (Coord.). São

Paulo: 2013. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-kids-online-2012.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

_____. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2012.** BARBOSA, A. F. (Coord.). São Paulo: 2013. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-domicilios-2012.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

_____. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes: TIC Kids Online Brasil 2012.** BARBOSA, A. F. (Coord.). São Paulo: 2013. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-kids-online-2012.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

_____. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2010.** BARBOSA, A. F. (Coord.). São Paulo: 2011. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-domicilios-2012.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

DAYRELL, J. *et al.* Juventude e Escola. In: SPOSITO, M. P. (Coord.) **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1996-2006)**, v. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 57-126.

DE LA PEÑA, Y.; ORELLANA, M. F. An examination of latino immigrant youths' out-of-school technology practices. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 11, p. 71-82, 2007.

DEMO, P. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades.** São Paulo: Atlas, 2009.

_____. Olhar do educador e novas tecnologias. **Boletim Técnico do Senac**, v. 37, n. 2, 2011.

DOLAN, P. *et al.* Self-Organised Learning Environments (SOLEs) in an English School: an example of transformative pedagogy? **Online Education Research Journal**, v. 3, n.11, 2013.

FERREIRA, E. **Jovens, telemóveis e escola.** Dissertação (Mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASQUE, K C. G. D. Teoria Fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. In: MUELLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação.** Brasília: Thesaurus, 2007. p. 83-118.

_____. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem.** e-book, Brasília: Faculdade de Ciência da Informação. Universidade de Brasília, 2012.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory**. Piscataway: Aldine Transaction, 1999. (original de 1967).

HALVERSON, R.; SMITH, A. How new technologies have (and have not) changed teaching and learning in schools. **Journal of Computing in Teacher Education**, v. 26, n. 2, p. 49-54, 2009.

IBGE. **Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios** – Acesso à internet e a posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2014.

INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION. **Measuring the Information Society**. Geneva: 2013. Disponível em: <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2013/MIS2013_without_Annex_4.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

IRURITA, A. M. C. Educación de competencias informáticas en adolescentes de secundaria del siglo XXI: una responsabilidad compartida entre la escuela y la familia. **Apertura**, v. 3, n. 2, 2011.

ISMAIL, I. *et al.* Teaching via Mobile Phone : a Case Study on Malaysian Teachers' Technology Acceptance and Readiness. **Journal of Educators Online**, v. 10, n. 1, p. 1-38, 2013.

ITO, M. *et al.* **Hanging Out, Messing Around, and Geeking Out: Kids Living and Learning with New Media**. Cambridge: The MIT Press, 2009.

JOHNSON, C. A. **A dieta da informação**. Tradução de Rafael Zanolli. São Paulo: Novatec Editora, 2012.

KEEN, A. **Digital vertigo**. New York: St Martin's Press, 2012.

KENNEDY, G. *et al.* Beyond natives and immigrants: exploring types of net generation students. **Journal of Computer Assisted Learning**, v. 26, n. 5, p. 332-343, 2010.

KESKİN, N. O.; METCALF, D. The current perspectives, theories and practices of mobile learning. **The Turkish Online Journal of Educational Technology**, v. 10, n. 2, p. 202-208, 2011.

KOLB, L. **Cell Phones in the Classroom: A Practical Guide for Educators**. e-book, Washington: International Society for Technology in Education, 2011.

LANIER, J. **Gadget: você não é um aplicativo**. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Saraiva, 2010.

LEMOS, A. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **MATRIZES**, v.1, n. 1, p. 121-138, 2007.

LÉTTI, M. M. “Facebookeando” a sala de aula: a lógica de uso das redes sociais online e a reestruturação da escola. **5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, Recife, 2013.

- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIBÉRIO, F. Professora é demitida após divulgar fotos de escola alagada em Imperatriz. **G1**. 27 out. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/10/professora-e-demitida-apos-divulgar-fotos-de-escola-alagada-em-imperatriz.html>>. Acesso em: 6 fev. 2014.
- LUCKIN, R. *et al.* Do Web 2.0 tools really open the door to learning? Practices, perceptions and profiles of 11–16-year-old students. **Learning, Media and Technology**, v. 34, n. 2, p. 87-104, 2009.
- MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. e-book, Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MARQUES, P. B.; CASTANHO, M. I. S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 23-33, 2011.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007. (original de 1964).
- MENCHEN, D. Estudante é suspensa no Rio após colocar lição no Facebook. **Folha de São Paulo**. 11 jun. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/928707-estudante-e-suspensa-no-rio-apos-colocar-licao-no-facebook.shtml>>. Acesso em: 6 fev. 2014.
- MITRA, S.; RANA, V. Children and Internet: experiments with minimally invasive education in India. **British Journal of Educational Technology**, v. 32, n. 2, p. 221-232, 2001.
- MOURA, A. M. C. **Apropriação do Telemóvel como Ferramenta de Mediação em Mobile Learning. Estudos de Caos em Contexto Educativo**. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2010.
- NAGUMO, E. **O que os estudantes dizem sobre a escola no Twitter** 36^o Reunião Anual da Anped. Goiânia: 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_3169_texto.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2014.
- NAGUMO, E.; TELES, L. **Usando o Twitter para aumentar a participação dos estudantes em sala de aula**. 4^o Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. **Anais eletrônicos**. Recife: 2012. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/EstevonNagumo&LucioTeles-Usandootwitter.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2014.
- NERI, M. (Coord.). **Motivos da evasão escolar**. Brasília: Fundação Getúlio Vargas, 2009.
- NETO, C. Q.; SILVA, J. C. da; PINTO, V. C. Uma chamada a cobrar: a escola e o celular em sua difícil convivência. **EntreVer**, v. 2, n. 2, p. 56-62, 2012.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Na Malha da Rede: os impactos íntimos da Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- _____. Impactos psicológicos do uso de celulares : uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 165-174, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; ABREU, R. DE A. DOS S. Mudanças geradas pela internet no cotidiano escolar: as reações dos professores. **Paidéia**, v. 16, n. 33, p. 193-203, 2006.

NOBRE, M. **Choque de democracia - Razões da Revolta**. e-book, São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OECD. **Are the New Millennium Learners Making the Grade?:** Technology use and educational performance in PISA. OECD Publishing, 2010. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/education/are-the-new-millennium-learners-making-the-grade_9789264076044-en>. Acesso em: 6 fev. 2014.

OLIVEIRA, E. A. dos S. de; MENDES, G. M. L. **Amo a escola, mas odeio estudar:** as representações da escola no orkut. 35º Reunião Anual da Anped, Porto de Galinhas, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT16%20Trabalhos/GT16-2367_int.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2014.

OLIVEIRA, J. S. de. Professor x TICS: dificuldades ou comodismo? **Diálogos Educacionais em Revista**, v. 3, n. 1, p. 99-111, 2012.

PARISER, E. **O filtro invisível:** o que a internet está escondendo de você. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A. H. **Gerações Interativas Brasil**. São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012.

PEDRÓ, F. **Connected Minds**. OECD Publishing, 2012. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/education/connected-minds_9789264111011-en>. Acesso em: 6 fev. 2014.

PESCE, L. O programa Um Computador por Aluno no Estado de São Paulo: confrontos e avanços. **36º Reunião Anual da Anped**, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt16_trabencomendado_lucilap_esce.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2014.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

_____. **Teaching digital natives:** partnering for real learning. California: Sage, 2010.

PRETTO, N. de L. **Reflexões:** ativismo, redes sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2013.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **A conversação em rede:** comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REID, D.; REID, F. Text or Talk? Social Anxiety, Loneliness, and Divergent Preferences for Cell Phone Use. **CyberPsychology and Behavior**, v. 7, n. 3, p. 424-435, 2007.

RHEINGOLD, H. **Net smart:** how to thrive online. Cambridge: MIT Press, 2012.

RIZZO, A.; MONTEIRO, T. Abin monta rede para monitorar internet. **O Estado de São Paulo**. 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,abin-monta-rede-para-monitorar-internet,1044500,0.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

RONCAGLIA, D. Estudante é condenada por ofensa a nordestinos no Twitter. **Folha de São Paulo**. 16 maio 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/05/1091324-estudante-e-condenada-por-ofensa-a-nordestinos-no-twitter.shtml>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

ROSEN, L. D. *et al.* An Empirical Examination of the Educational Impact of Text Message-Induced Task Switching in the Classroom: Educational Implications and Strategies to Enhance Learning. **Psicología Educativa**, v. 17, n. 2, p. 163-177, 2011.

RUIVO, J.; MESQUITA, H. Ensinar e aprender: com ou para os media?. In: TOMÉ, V., MENEZES, M. H. (Org.). **Educação e media**: da teoria ao terreno. Castelo Branco: RVJ-Editores, 2011. p. 17-38.

SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram as ruas. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. e-book. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTANA, C. L.; COUTO, E. S. A publicização da vida privada no Twitter. **Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 14, n. 1, p. 31-39, 2012.

SANTOS, E.; WEBER, A. Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. **Revista Diálogo Educacional**, v. 12, n. 333, p. 285-303, 2012.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. **Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros**. Brasília, 2013.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SHACHTMAN, N. Enlightenment, engineers. **Wired**. 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.wired.com/business/2013/06/meditation-mindfulness-silicon-valley/all/>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Tradução de Maria Luiza X de A Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes – A escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, B. D. da. A tecnologia é uma estratégia para a renovação da escola. **Movimento – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, n. 5, p. 28-44, 2002.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria Fundamentada. Tradução de Luciane de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TAROZZI, M. **O que é a grounded theory**: metodologia de pesquisa e de Teoria Fundamentada nos dados. Tradução de Carmem Lussi. Petrópolis: Vozes, 2011.

THORNHAM, H.; MCFARLANE, A. Discourses of the Digital Native. **Information, Communication & Society**, v. 14, n. 2, p. 258-279, 2011.

TORRES, H. da G. *et al.* **O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2013.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada – filosofia da sensação**. Tradução de Antonio A. S. Zuin *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

TURKLE, S. **Alone Together**: why we expect more from technology and less from each other. Philadelphia: Basic Books, 2011.

VALK, J.; RASHID, A. T.; ELDER, L. Using Mobile Phones to Improve Educational Outcomes : An Analysis of Evidence from Asia. **International Review of Research in Open and Distance Learning**, v. 11, n. 1, p. 13-14, 2010.

VESGA, L. S.; VESGA, J. M. Los docentes frente a la incorporación de las TIC em el escenario escolar. **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, v. 14, n. 19, p. 247-263, 2012.

VESISENAHO, M. *et al.* Blended learning with everyday technologies to activate students' collaborative learning. **Science Education International**, v. 21, n. 4, p. 272-283, 2010.

VIEIRA, L. Professora que ironizou passageiro em aeroporto pede desculpas. **O Globo**. 6 fev. 14. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/professora-que-ironizou-passageiro-em-aeroporto-pede-desculpas-11527463>>. Acesso em: 6 fev. 2014

VIOLAR, D. D. P. Z. Juventude, Tecnologia e Escola: algumas aproximações. **EccoS – Revista Científica**, v. 12, n. 2, p. 347-363, 2011.

WATKINS, S. C. **The young and the digital**: what the migration to social-network sites, games, and anytime, anywhere media means for our future. Boston: Beacon, 2009.

ZUIN, A. Á. S. **Adoro odiar meu professor**: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Violência e tabu entre professores e alunos**: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico. São Paulo: Cortez, 2012.

10. Apêndice

1. Questionário

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa de mestrado **O uso do Twitter na escola por estudantes**, do curso de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

O objetivo deste estudo é compreender o uso do Twitter na escola por estudantes e seu contexto de uso da tecnologia na escola.

Este questionário possui 15 questões de múltipla escolha e 6 perguntas abertas. Caso não deseje responder alguma pergunta, deixe-a em branco.

A qualquer momento você pode desistir de participar. Para isso, não aperte no botão “Submit” na última página do questionário, pois, desta forma, os dados não serão salvos.

Ao aceitar participar desta pesquisa, os direitos para o uso das informações serão cedidos para que o pesquisador possa analisar e publicar os dados advindos desse processo.

As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

Os dados serão divulgados de forma a impossibilitar a identificação dos participantes

Para qualquer esclarecimento, entre em contato:

Estevon Nagumo

e-mail: estnagumo@gmail.com

telefone: (61) 8182.1999 (TIM)

Perfil

- Sexo: Masculino Feminino
- Idade: menos de 10 anos
 de 11 a 14 anos
 de 15 a 17 anos
 de 18 a 24 anos
 de 25 a 29 anos
 de 30 a 40 anos
 mais que 40 anos
- Unidade da Federação
 Acre Alagoas Amapá Amazonas Bahia Ceará Distrito Federal
 Espírito Santo Goiás Maranhão Mato Grosso Mato Grosso do Sul
 Minas Gerais Pará Paraíba Paraná Pernambuco Piauí Rio de Janeiro
 Rio Grande no Norte Rio Grande do Sul Rondônia Roraima Santa Catarina
 São Paulo Sergipe Tocantins Outro

Escola

- Tipo de escola: Pública Privada/Particular
Etapas de Ensino: Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior Outro

Navegação

- Tipos de aparelho móvel que costuma levar para escola [é possível selecionar mais de uma opção]
 Celular Smartphone Foblet (ex: Galaxy Note) Tablet Laptop / Notebook Netbook
 Ultrabook Outro
- Plano de acesso à internet
 Pré-pago Pós-pago Tenho os 2 tipos Não tenho plano para acesso à internet
- Tipo de conexão que mais costuma utilizar na escola
 3G 4G Wi-Fi da escola Outro Wi-Fi Outro
- Principais sites/aplicativos utilizados [selecione todos o que você costuma utilizar quando está na escola]
 E-mail (Gmail, Yahoo, Hotmail...)
 Buscadores (Google, Bing, Yahoo...)
 Jogos (Angry Bird, Candy Crush, Fruit Ninja...)
 Facebook

- Twitter
- Youtube
- WhatsApp
- Foursquare
- Instagram
- Ask.fm
- Skype
- WeChat
- Google +
- Google Maps
- Google Tradutor
- Evernote
- Dropbox
- Outro

Contexto de uso de aparelho pessoal

- Você costuma utilizar seu aparelho móvel pessoal para entrar na internet quando está na escola?
 Sim Não
- Em caso afirmativo, qual o motivo para o uso do seu aparelho móvel pessoal na escola?
- Você já utilizou seu aparelho móvel pessoal em sala de aula para fins didáticos?
 Sim Não
- Caso afirmativo, descreva como ocorreu.
- Você acredita que a escola deva permitir o uso de aparelhos eletrônicos pessoais em sala de aula?
 Sim Não
- Justifique a resposta anterior

Contexto de uso da tecnologia na escola

- Sua escola permite o uso de aparelhos eletrônicos pessoais em sala de aula?
 Sim Não
- Caso sua escola proíba o uso, há alguma justificativa?
- Os recursos tecnológicos na sua escola costumam ser utilizados para...
 - ilustrar (ex: uso do *datashow*, *power point*, Dvd, Youtube...)
 - consultar (ex: fazer uma busca na internet, usar um dicionário ou tradutor *online*...)
 - criar (ex: fazer um filme coletivo filmado com câmeras fotográficas ou celulares...)
 - comunicar (ex: escola usa sms, e-mail ou redes sociais para mandar recados...)
 - interagir (ex: há grupo no facebook da turma para fins didáticos, a escola tem um ambiente virtual de aprendizado como o moodle...)
 - outro
- Algum professor da sua escola já realizou uma atividade didática aproveitando os aparelhos móveis dos alunos (celulares, *smartphones*, *tablets*...)? Se sim, como foi?
- Como você acredita que a escola poderia aproveitar o uso dos aparelhos móveis dos alunos na sala de aula?
- Você acredita que a escola pode ser um local mais interessante aos alunos se utilizar melhor a tecnologia em sala de aula?
 Sim Não
- Caso deseje receber um retorno desta pesquisa, deixe seu e-mail para contato.